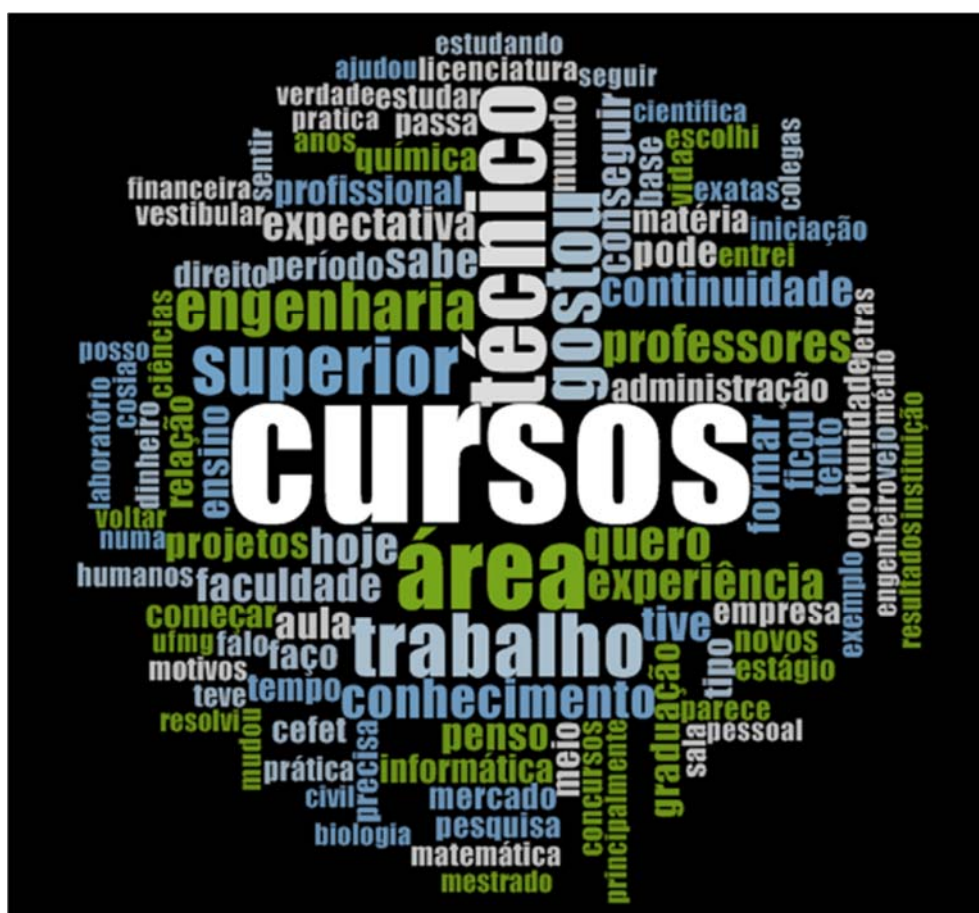


UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG

Programa de Pós-Graduação em Educação

Transição da Formação Técnica de Nível Médio para o Ensino Superior:

Itinerários de Alunos da Rede Federal de Educação Profissional de Minas Gerais



PAULA ELIZABETH NOGUEIRA SALES

Belo Horizonte

2014

PAULA ELIZABETH NOGUEIRA SALES

**TRANSIÇÃO DA FORMAÇÃO TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO PARA O ENSINO SUPERIOR:
ITINERÁRIOS DE ALUNOS DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE MINAS GERAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Política, Trabalho e Formação Humana

Orientadora: Professora Dra. Rosemary Dore Heijmans

Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Belo Horizonte
2014

S163t Sales, Paula Elizabeth Nogueira, 1981-

T

Transição da formação técnica de nível médio para o ensino superior [manuscrito] : itinerários de alunos da Rede Federal de Educação Profissional de Minas Gerais / Paula Elizabeth Nogueira Sales. - Belo Horizonte, 2014.

210 f., enc, il.

Tese - (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador : Rosemary Dore Heijmans.

Bibliografia : f. 122-131.

Anexos: f. 132.

Apêndices: f. 133-210.

1. Educação -- Teses. 2. Ensino tecnico -- Teses.
3. Ensino profissional -- Teses. 4. Ensino superior -- Teses.

I. Título. II. Heijmans, Rosemary Dore. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 371.425

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG

Paula Elizabeth Nogueira Sales

Transição da Formação Técnica de Nível Médio para o Ensino Superior:
Itinerários de Alunos da Rede Federal de Educação Profissional de Minas Gerais

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Banca Examinadora

Dra. Rosemary Dore Heijmans (Orientadora) – Universidade Federal de Minas Gerais

Dr. Eduardo Magrone – Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. João Bosco Laudares – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Dra. Maria de Lourdes Rocha Lima – Universidade Federal de Minas Gerais

Dr. Wilson Conciani – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Belo Horizonte, 12 de maio de 2014.

Dedicado a minha família e a entes queridos:

Naná e Luiz

Maurice e Teresinha

Vitor, Claudio, Hadma e Alice

Mauro, Angela e Hique

Carlos Eduardo

AGRADECIMENTOS

A jornada do meu doutorado em Educação, refletida nesta tese, representou quase quatro anos da minha vida, e não foi um esforço individual. Diversas pessoas me ajudaram ao longo desse período e sou eternamente grata a todas elas pelas lições que me ensinaram e por terem contribuído de forma inestimável para eu concluir este trabalho.

Primeiramente, agradeço a minha orientadora, Rosemary Dore, pelo carinho e amizade e pelo constante apoio, confiança e incentivo ao meu crescimento intelectual, que foram essenciais para a concretização desta tese. Agradeço também pelas diversas oportunidades de trabalho em sua rede de pesquisa, que me propiciaram experiências profícuas de aprendizado e me ajudaram em meu aperfeiçoamento como pesquisadora.

Aos membros da banca examinadora – Prof. Conciani (Instituto Federal de Brasília), Prof. Magrone (UFJF), Prof. João Bosco (CEFET-MG) e Prof.^a Lourdinha Rocha (UFMG)–, pela honra de tê-los na defesa da tese. Aos membros suplentes – Prof. Hormindo Souza Jr. (UFMG) e Prof.^a Mônica Amorim (Unimontes), com os quais tive o privilégio de conviver durante o doutorado.

Aos professores que participaram do exame de qualificação da tese – Antônio Júlio M. Neto (UFMG), Roberto Fini (Universidade de Verona) e Solange Simões (Universidade de Michigan)–, pelas relevantes observações, sugestões e críticas.

Às professoras do Programa de Metodologia Quantitativa (UFMG) Solange Simões e Corinne Rodrigues, que me ensinaram, respectivamente, o método de *survey* e construção de questionários e o método de condução e análise de grupos focais. Suas orientações foram essenciais para a condução da pesquisa qualitativa e quantitativa.

À Prof.^a Kumari Beck (Simon Fraser University - SFU), pela oportunidade ímpar de estudo e pesquisa no Canadá e pela forma acolhedora como fui recebida por ela e seu grupo de pesquisa. À SFU, em especial ao centro Research Commons, cujos diversos workshops e consultorias de pesquisa contribuíram para o desenvolvimento e aprimoramento da tese.

Ao Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior da CAPES, pelo apoio financeiro ao meu estágio doutoral na SFU e ao Programa Observatório da Educação (CAPES/INEP), pelo financiamento desta pesquisa.

A toda a equipe da pesquisa em rede (Observatório da Educação). Em especial, aos professores e técnicos da Rede Federal de Educação Profissional de Minas Gerais, pela colaboração fundamental na coleta de dados; ao Estatístico André Gabriel F. C. Costa, pela assessoria no tratamento dos dados; ao Dante Almeida, pelo suporte de Tecnologia de Informação na pesquisa de survey; aos professores Alex, Hellen, Josilene, Zé Du, Gollner e Tatiana, pela ajuda valiosa na realização dos grupos focais; à estudante Raquel, pelo competente trabalho de transcrição dos dados; ao prof. João Bosco e à Tatiana Lage, pela constante dedicação e colaboração na gestão da pesquisa de campo; e aos colegas de pesquisa, pelo apoio, convívio e amizade: Mônica, Wander, Tatiana, Priscila, Edmilson, James, Giuliano e Romário.

Por fim, agradeço muitíssimo o amor, a dedicação e o incentivo sempre dado por minha família. De modo especial: aos meus avós (Luiz e Naná), pais (Maurice, Teresinha) e irmãos (Vitor e Cláudio). E ao companheiro, Cadu, pelo inestimável apoio, amor e cumplicidade ao longo de nossa convivência.

RESUMO

Estudos que focalizam a transição para o ensino superior são de relevância no atual contexto brasileiro, dada a tendência de elevação da escolaridade, principalmente, em função das dificuldades de encontrar emprego e dos crescentes padrões de qualificação demandados pelo mercado de trabalho. Este estudo examina a transição de estudantes de instituições federais de ensino técnico para a educação superior no Brasil. Visto que o governo financia estas instituições técnicas, que são gratuitas para os estudantes, existe uma expectativa social de que o investimento de impostos públicos na formação profissional deveria resultar em um elevado retorno de capital para o mercado. Quando os estudantes não entram no mercado de trabalho imediatamente após completarem o curso técnico, mas, em vez disso, decidem frequentar uma universidade, isso pode sugerir que o investimento do governo não tem alcançado o objetivo pretendido de prover empregos para os estudantes no mercado de profissionais técnicos. Entretanto, pouca pesquisa foi realizada sobre as trajetórias dos estudantes após concluírem o curso técnico e sua transição para o ensino superior. Partindo desse contexto, as seguintes questões orientam esta pesquisa: Quais os fatores do estudante e do contexto escolar que estão associados à transição da educação profissional para o ensino superior? Qual é o papel desempenhado pela formação técnica na transição para o ensino superior? Este estudo argumenta que a transição, ao invés de ser um desperdício de recursos financeiros, pode significar progresso educacional e ocupacional para o estudante, já que a área do curso superior, muitas vezes, conecta-se diretamente com sua formação técnica anterior ou com seu trabalho. A continuidade de estudos também pode ser uma oportunidade para uma mudança de carreira quando os estudantes não se identificam com o curso técnico, principalmente por essa opção ter ocorrido em tenra idade. O estudo aborda perspectivas teóricas que relacionam a transição educacional a características dos estudantes (pessoais, socioeconômicas, profissionais e acadêmicas) e do contexto dos cursos e das instituições de formação profissional (localização e tipo de instituição, modalidade de curso, área de estudo e turno). Para abordar as duas questões de pesquisa, um *survey* com 1.570 respondentes e 10 grupos focais (63 participantes) foi conduzido com alunos que concluíram ou abandonaram cursos técnicos entre 2006 e 2010, contemplando 37 instituições federais de educação profissional de Minas Gerais. Entre os participantes, 969 (62%) ingressaram na educação superior e 601 (38%) não ingressaram. Diferentes métodos de análise quantitativa e qualitativa foram combinados para identificar os motivos para o ingresso e não ingresso no ensino superior. Entre os ingressantes, os fatores mais influentes incluíram interesse e realização pessoal, perspectivas profissionais e salariais e características da universidade e do curso superior (alta qualidade percebida da educação, localização conveniente e gratuidade do curso). Os principais fatores para o não ingresso no ensino superior incluíram: falta de tempo e dinheiro, percepção de que o nível de escolaridade alcançado era suficiente, falta de preparo e dificuldade do vestibular e dificuldade de acesso a instituições e cursos. Esses resultados têm potenciais benefícios para estudantes, orientadores educacionais/vocacionais, escolas técnicas públicas e privadas, assim como formuladores e avaliadores de políticas educacionais.

Palavras-chave: Transição educacional. Educação profissional. Ensino superior.

ABSTRACT

Studies focusing on the transition to higher education are relevant in the current Brazilian context due to the trend in increased schooling, mainly because of the difficulties in finding employment and the raising standards of qualification demanded by the labor market. This study examines the student transition from federal technical schools to higher education in Brazil. Since the government funds these technical institutions, thereby being free of charge for students, there is a societal expectation that the investment of public taxes in vocational training should result in a high return on capital to the market. When students do not enter the labor market immediately after completing vocational courses, but instead decide to attend university, this can suggest that government funding has not achieved the intended aim to provide jobs for students in the vocational market. However, little research was done on student's trajectory after vocational courses and their transition to higher education. From this context, the following questions guide this research: What student and school context factors are associated with the transition from vocational education to higher education? What role does technical training play in the transition to higher education? This study argues that the transition, instead of being a waste of public funding, can mean educational and occupational progress for the students since the area of study at university often connects directly with their previous technical training or work. Continuing to study can also be an opportunity for a career change when the students do not identify with the vocational course, especially because this option have occurred at an early age. The study approaches theoretical perspectives linking educational transition to student features (personal, socioeconomic, professional and academic profile) and contextual features of vocational courses and schools (location and type of institution, course modality, study field, and timetable). To address the two research questions, 1,570 surveys and 10 focus groups (63 participants) were conducted with students who graduated or dropped out of their vocational courses between 2006 and 2010 in 37 vocational schools in Minas Gerais. Among them, 969 (62%) entered higher education and 601 (38%) did not. Different methods of quantitative and qualitative analyses were combined aiming to identify their motives for entering or not entering higher education. Among the entrants, the most influential factors included personal interest and realization, career and wage expectations, and university and higher education course characteristics (perceived high quality education, convenient location, and no cost of the course). The main factors for those who did not enter higher education included lack of time and money, perception that the educational level reached was enough, unpreparedness and difficulty of entrance exam, and lack of access to institutions and courses. These results have potential benefits for students, educational/vocational counselors, public and private vocational schools, as well as well as policymakers and evaluators of educational policies.

Keywords: Educational transition. Vocational education. Higher education.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Modelo analítico da pesquisa..... | 51 |
| Figura 2 - Integração da tese à pesquisa em rede..... | 59 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 - Expansão da Rede Federal de Educação Profissional até 2014..... | 28 |
| Gráfico 2 - Matrículas no ensino técnico médio da Rede Federal - 2007-2013 | 29 |
| Gráfico 3 - Estabelecimentos de ensino médio e de ensino técnico - 2013 | 35 |
| Gráfico 4 - Matrículas no ensino médio e no ensino técnico - 2007-2013 | 36 |
| Gráfico 5 - População com educação superior no Brasil e nos países da OCDE em 2008 | 38 |
| Gráfico 6 - Concluintes de cursos de graduação nas redes pública e privada - 2001-2012..... | 39 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 - Revisão de literatura sobre acesso de técnicos ao ensino superior | 19 |
| Quadro 2 - Fatores associados ao ingresso no ensino superior..... | 54 |
| Quadro 3 - Informações referentes ao ensino superior..... | 55 |
| Quadro 4 - Fontes de coleta de dados | 64 |
| Quadro 5 - Métodos de coleta e análise relacionados aos objetivos da pesquisa | 64 |
| Quadro 6 - Variáveis empregadas no modelo de regressão hierárquica..... | 69 |
| Quadro 7 - Tratamento das variáveis explicativas do modelo multinível..... | 70 |
| Quadro 8 - Características dos grupos focais | 76 |
| Quadro 9 - Categorias e subcategorias da análise qualitativa | 78 |
| Quadro 10 - Siglas dos motivos do ingresso no ensino superior | 108 |
| Quadro 11 - Siglas dos motivos do não ingresso no ensino superior | 113 |
| Quadro 12 - Correspondências entre cursos técnicos e superiores | 133 |
| Quadro 13 - Instituições pesquisadas e seus respectivos anos de criação | 135 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 - Levantamento de evadidos e concluintes (2006 a 2010) | 61 |
| Tabela 2 - Amostras estimadas por instituição | 62 |
| Tabela 3 - Amostras estimadas por ano de evasão e conclusão | 62 |
| Tabela 4 - Universo de pesquisa delimitado para a tese..... | 63 |
| Tabela 5 - Margens de erro da amostra | 63 |
| Tabela 6 - Descrição das variáveis do estudante..... | 81 |
| Tabela 7 - Descrição das variáveis do curso técnico | 83 |
| Tabela 8 - Descrição das variáveis da instituição de educação profissional | 84 |
| Tabela 9 - Características do curso superior | 85 |
| Tabela 10 - Comparação entre estudantes que continuaram ou não os estudos | 87 |
| Tabela 11 - Relação do curso superior com a formação técnica..... | 92 |
| Tabela 12 - Curso superior na rede federal de EPT | 93 |
| Tabela 13 - Curso superior na mesma universidade da ETU frequentada..... | 93 |
| Tabela 14 - Cruzamento entre áreas dos cursos técnicos e superiores | 94 |
| Tabela 15 - Relações entre áreas de estudo..... | 94 |
| Tabela 16 - Áreas técnicas e superiores compatíveis..... | 95 |
| Tabela 17 - Análises univariadas..... | 102 |
| Tabela 18 - Modelo multinível de ingresso no ensino superior | 104 |
| Tabela 19 - Análise fatorial exploratória dos motivos do ingresso no ensino superior | 109 |
| Tabela 20 - Validade dos construtos dos motivos do ingresso no ensino superior | 109 |
| Tabela 21 - Construtos dos motivos do ingresso no ensino superior | 110 |
| Tabela 22 - Médias dos construtos dos motivos do ingresso no ensino superior | 111 |
| Tabela 23 - Análise fatorial exploratória dos motivos do não ingresso no ensino superior.. | 114 |
| Tabela 24 - Validade dos construtos dos motivos do não ingresso no ensino superior | 114 |
| Tabela 25 - Construtos dos motivos do não ingresso no ensino superior | 115 |
| Tabela 26 - Médias dos construtos dos motivos do não ingresso no ensino superior | 115 |
| Tabela 27 - Cursos técnicos da amostra | 207 |
| Tabela 28 - Cursos superiores da amostra | 209 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|---------|---|
| AC | Alfa de Cronbach |
| AF | Acceleration Factor |
| AVE | Average Variance Extracted |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CEDAF | Central de Ensino e Desenvolvimento Agrário |
| CEFET | Centro Federal de Educação Tecnológica |
| CEFORES | Centro de Formação Especial em Saúde |
| CF | Carga Fatorial |
| CNPq | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico |
| COEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| COLTEC | Colégio Técnico da UFMG |
| DG | Dillon-Goldstein's ρ |
| DP | Desvio-Padrão |
| EPT | Educação Profissional e Tecnológica |
| ESTES | Escola Técnica de Saúde |
| ETU | Escola Técnica Vinculada a Universidade Federal |
| FIES | Fundo de Financiamento Estudantil |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IC | Intervalo de Confiança |
| ICC | Coeficiente Intraclasse |
| IES | Instituição de Ensino Superior |
| IF | Instituto Federal |
| IFET | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia |
| INEP | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira |
| KMO | Kaiser-Meyer-Olkin |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| MEC | Ministério da Educação |

| | |
|--------|--|
| OCDE | Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico |
| OR | Odds Ratio |
| PNAD | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios |
| PNE | Plano Nacional de Educação |
| PROEJA | Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos |
| PROUNI | Programa Universidade para Todos |
| REUNI | Reestruturação e Expansão das Universidades Federais |
| SETEC | Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica |
| UFMG | Universidade Federal de Minas Gerais |
| UFTM | Universidade Federal do Triângulo Mineiro |
| UFU | Universidade Federal de Uberlândia |
| UFV | Universidade Federal de Viçosa |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 15 |
| 1 ESCOPO DA PESQUISA | 17 |
| 1.1 Apresentação do problema | 17 |
| 1.2 Objetivos | 18 |
| 1.3 Justificativa..... | 18 |
| 1.4 Contribuições e limitações..... | 21 |
| 2 CONTEXTUALIZAÇÃO | 23 |
| 2.1 Reformas da educação profissional a partir de meados de 1990 | 23 |
| 2.2 Os institutos federais e a recente expansão da educação profissional..... | 27 |
| 2.3 Questões subjacentes ao caráter propedêutico do ensino técnico | 32 |
| 2.4 Condições atuais de acesso à educação superior..... | 37 |
| 3 PERSPECTIVA TEÓRICO-ANALÍTICA..... | 42 |
| 3.1 Itinerários de transição | 42 |
| 3.2 Transição da formação profissional para a educação superior | 46 |
| 3.3 Modelo analítico e hipóteses sobre a transição para a educação superior | 50 |
| 4 MÉTODOS DE PESQUISA | 57 |
| 4.1 Contexto e participantes..... | 58 |
| 4.2 Fontes de coleta e técnicas de análise dos dados | 63 |
| 4.3 Procedimentos quantitativos..... | 65 |
| 4.4 Procedimentos qualitativos | 73 |
| 5 ITINERÁRIOS DE TRANSIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR..... | 80 |
| 5.1 Caracterização da amostra: estudantes, cursos técnicos e ensino superior..... | 80 |
| 5.2 Discursos e trajetórias de alunos da rede federal de educação técnica que ingressaram no curso superior..... | 91 |
| 5.3 Inferências quanto ao ingresso no ensino superior por alunos da rede federal de educação profissional de Minas Gerais..... | 101 |
| 5.4 Fatores favoráveis à transição para o ensino superior..... | 107 |
| 5.5 Fatores desfavoráveis à transição para o ensino superior | 112 |
| 6 CONCLUSÃO | 117 |
| REFERÊNCIAS | 122 |
| ANEXO A - Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa | 132 |
| APÊNDICE A - Correspondências entre cursos técnicos e superiores | 133 |
| APÊNDICE B - Relação das instituições pesquisadas e seus respectivos anos de criação..... | 135 |

| | |
|---|-----|
| APÊNDICE C - Manual de questão por questão..... | 136 |
| APÊNDICE D - Materiais do pré-teste do questionário | 179 |
| APÊNDICE E - Manual geral de aplicação de questionários | 186 |
| APÊNDICE F - Ficha de observações do pesquisador | 202 |
| APÊNDICE G - Termo de consentimento livre e esclarecido | 203 |
| APÊNDICE H - Roteiro semiestruturado dos grupos focais | 204 |
| APÊNDICE I - Frequências dos cursos técnicos..... | 207 |
| APÊNDICE J - Frequências dos cursos superiores..... | 209 |

INTRODUÇÃO

Esta tese¹ analisa a transição para o ensino superior de alunos que evadiram ou concluíram o curso técnico na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) de Minas Gerais no período de 2006 a 2010. Entende-se por transição a passagem de um nível educacional para outro – neste caso, do nível médio (técnico) para o nível superior.

Observa-se um número pouco expressivo de pesquisas sobre a transição para a educação superior no Brasil, notadamente de egressos de cursos técnicos de nível médio da Rede Federal. Cunha, em 2000, já sinalizava: “Poucas escolas técnicas possuem dados a respeito, mesmo assim obtidos com os alunos atualmente matriculados, a respeito, portanto, de sua motivação para o prosseguimento dos estudos” (CUNHA, 2000b, p. 244).

Nessa direção, este trabalho busca ampliar o conhecimento e o debate sobre a transição do ensino técnico para o ensino superior no Brasil e contribuir para a literatura acadêmica nesse campo.

O presente trabalho está organizado em seis partes principais, descritas a seguir:

- 1. Escopo da pesquisa:** apresentação do problema, objetivos, justificativa e contribuições e limitações do estudo.
- 2. Contextualização:** exame da reforma da educação profissional a partir de meados de 1990 até as políticas atuais de reorganização e expansão da Rede Federal de Educação Profissional. Também, são discutidas questões subjacentes ao caráter propedêutico do ensino técnico, além da limitação e da desigualdade de acesso à educação superior no Brasil, associadas às vantagens culturais e sociais de determinados indivíduos e grupos.
- 3. Perspectiva teórico-analítica:** apresentação de diferentes abordagens sobre transição educacional e definição do conceito de transição adotado na pesquisa. Também, é delineado o modelo analítico da pesquisa, com destaque para os níveis

¹ Esta tese de doutorado faz parte da pesquisa “Educação Técnica de Nível Médio da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais” (Programa Observatório da Educação – CAPES/INEP), coordenada pela professora Rosemary Dore. A autora da tese integra esta pesquisa desde 2010, atuando como gestora da pesquisa de campo.

micro (estudantes) e macro (cursos e instituições técnicas), relacionados à transição para o ensino superior. As hipóteses de estudo decorrentes da perspectiva analítica proposta também são apresentadas nesta parte do trabalho.

- 4. Métodos de pesquisa:** caracterização da investigação e descrição do contexto, dos sujeitos pesquisados e dos procedimentos quantitativos e qualitativos adotados para a coleta e análise dos dados.
- 5. Itinerários de transição para a educação superior:** apresentação dos resultados da pesquisa referentes às características dos estudantes, dos cursos e das instituições de ensino, às probabilidades de ingresso no ensino superior e aos fatores influentes na transição da formação técnica para a educação superior.
- 6. Conclusão:** síntese dos resultados obtidos, comentários e principais conclusões da pesquisa desenvolvida.

1 ESCOPO DA PESQUISA

1.1 Apresentação do problema

Estudos que focalizam a transição para o ensino superior são de relevância no atual contexto brasileiro, dada a tendência de elevação da escolaridade, principalmente, em função das dificuldades de encontrar emprego e dos crescentes padrões de qualificação demandados pelo mercado de trabalho. Nessa perspectiva, esta pesquisa examina a transição de estudantes de instituições federais de ensino técnico para a educação superior no Brasil.

Tendo em vista que o governo financia essas instituições técnicas, que são gratuitas para os estudantes, existe a expectativa social de que o investimento de impostos públicos na formação profissional deveria resultar em elevado retorno de capital para o mercado.

Quando os estudantes não entram no mercado de trabalho imediatamente após completarem o curso técnico, mas, em vez disso, decidem frequentar uma universidade, isso pode sugerir que o investimento do governo não tem alcançado o objetivo pretendido de prover empregos para eles no mercado de profissionais técnicos.

Partindo desse contexto, as seguintes questões orientam esta pesquisa:

- Quais os fatores do estudante e do contexto escolar estão associados à transição dos alunos da educação profissional para o ensino superior?
- Qual é o papel desempenhado pela formação técnica na transição para o ensino superior?

Este estudo argumenta que a transição, ao invés de ser um desperdício de recursos financeiros, pode significar progresso educacional e ocupacional para o estudante, já que a área do curso superior, muitas vezes, conecta-se diretamente com sua formação técnica anterior ou com seu trabalho. A continuidade de estudos também pode ser uma oportunidade para uma mudança de carreira quando os estudantes não se identificam com o curso técnico, principalmente por essa opção ter ocorrido em tenra idade.

1.2 Objetivos

A pesquisa teve como objetivo geral: Analisar fatores do estudante e do contexto escolar associados à transição para o ensino superior de alunos que evadiram ou concluíram cursos técnicos de nível médio da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais.

A partir do objetivo geral, desdobram-se os seguintes objetivos específicos:

- Apurar o número de estudantes que saíram do curso técnico (evasão ou conclusão) entre 2006 e 2010 e posteriormente entraram no ensino superior.
- Analisar os fatores dos estudantes (pessoais, socioeconômicos, profissionais e acadêmicos) e suas relações com o prosseguimento dos estudos na educação superior.
- Analisar os fatores contextuais dos cursos técnicos (modalidade de oferta, turno e área) e das instituições de educação profissional (tipo, localização e ano de criação), relacionando-os com o ingresso no ensino superior.
- Investigar as percepções dos estudantes sobre seus motivos para o ingresso (ou não) no ensino superior.
- Analisar as características do ensino superior (curso e instituição) a que os estudantes tiveram acesso, identificando suas relações com a formação técnica.

1.3 Justificativa

Quanto mais elevada a escolarização da população de um País, maior tende a ser o seu desenvolvimento social e a possibilidade de os sujeitos compreenderem e intervirem mais efetivamente na sociedade. Partindo da relevância de se entender a elevação da escolaridade, este trabalho focaliza a transição de indivíduos que ingressaram no ensino superior após frequentarem cursos técnicos de nível médio na Rede Federal de Educação Profissional.

Apesar da existência de várias pesquisas internacionais sobre a transição do ensino médio para o superior, especialmente na Europa, no Canadá e nos Estados Unidos², os estudos sobre este tema no Brasil são escassos, prevalecendo pesquisas sobre a transição escola-trabalho (ANDRADE, 2009; CARDOSO, 2008; FRESNEDA, 2009; TARTUCE, 2007).

O número de pesquisas sobre os estudantes egressos de cursos técnicos vinculados à Rede Federal é reduzido, predominando abordagens sobre a preparação para o trabalho e a inserção profissional (BONFIM, 2008; MACHADO, G. R., 2002; MAGALHÃES, 2005; OLIVEIRA, N. H., 2004; SAMPAIO, 2009; SILVESTRE, 2010; STEFFEN; FISCHER, 2008; TEIXEIRA, 2010; VIEIRA; GOMES; SILVA, 2011).

Quanto à continuidade dos estudos de nível superior, apenas uma pesquisa (AZEVEDO, C. P., 2007) sobre a passagem da formação técnica para o ensino superior foi identificada. Ademais, foi constatada uma pesquisa realizada pelo Ministério da Educação (MEC, 2008), assim como alguns estudos que tratam tangencialmente do assunto, não tendo como foco o ingresso no ensino superior (BARBOSA, 2001; COELHO, 1998; PEIXOTO; MENDONÇA, 2007; PIRES, 2008). O número pouco expressivo de estudos sobre o tema (Quadro 1) sugere uma lacuna na literatura sobre o assunto.

Quadro 1 - Revisão de literatura sobre acesso de técnicos ao ensino superior

| Autor | Estudo |
|----------------|---|
| Azevedo (2007) | Pesquisa de mestrado que analisa o acesso ao curso superior de Química da UFMT, por egressos do curso técnico em Química do CEFET-MT, entre 2001 e 2003. O cruzamento de dados dos egressos e dos ingressantes na UFMT mostrou que 32 egressos foram aprovados no curso superior de Química. O estudo mostra que as dificuldades referentes à origem social, econômica e cultural dos egressos, que poderiam dificultar o ingresso na universidade, foram contornadas por suas vivências e aprendizados no curso técnico. |
| Barbosa (2001) | Pesquisa de mestrado que analisa a origem social, a formação escolar e a situação de trabalho e estudo no ensino superior de egressos do curso de Edificações do CEFET-RS, em 1997 e 1998. Os resultados dos questionários aplicados a 81 egressos mostram que a maioria daqueles que não foram aprovados no vestibular pertence à categoria médio-baixa da escala socioocupacional e possui pais com escolaridade até o ensino fundamental. |

²A respeito dos estudos internacionais sobre transição para o ensino superior, ver: a) Europa – Abrantes (2005); Pinheiro (2004); Reay (2002); b) Canadá – Busseri *et al.* (2011); Jackson *et al.* (2000); Wintre *et al.* (2008); e c) Estados Unidos – Hurtado, Carter e Spuler (1996); Stevenson e Baker (1992). Outros estudos internacionais sobre o assunto também podem ser consultados no capítulo 3 da tese.

| Autor | Estudo |
|---------------------------|--|
| Coelho (1998) | Pesquisa de mestrado que trata da inserção social e profissional de egressos do CEFET-RJ do curso técnico em Eletrônica, em 1993 e 1994. O questionário aplicado a 42 egressos abordou questões sobre: realização de curso superior após o CEFET, atuação profissional na área do curso superior e contribuição da formação recebida no CEFET para o ingresso no ensino superior, dentre outras. A análise dos dados mostrou que a maioria dos egressos pertence à classe média. Cerca de 50% deles foram trabalhar como técnico. Quase 90% dos egressos fizeram ou estão fazendo um curso superior, sendo mais de 80% dos cursos na área tecnológica. |
| MEC (2008) | Pesquisa Nacional de Egressos dos cursos técnicos médios da Rede Federal, que analisa a formação técnica em relação a: a) situação dos egressos no mundo do trabalho; b) continuidade dos estudos após a conclusão do curso técnico; e c) avaliação pelos egressos quanto à formação técnica recebida. A pesquisa utilizou um questionário com 38 questões, sendo 4 relacionadas à continuidade dos estudos na educação superior. A maioria dos egressos (57%) concluiu ou está fazendo um curso superior, o que evidencia a preocupação com a elevação do nível de escolaridade. |
| Peixoto e Mendonça (2007) | Artigo que aborda a situação ocupacional e a perspectiva do prosseguimento de estudos dos alunos dos cursos técnicos de nível médio do CEFET-MG. Foram analisados dados coletados por meio de questionários aplicados a 364 formandos, no 63º Seminário de Graduação de Técnicos Industriais, em 2007. Quanto à continuidade de estudos, o questionário coletou informações relativas ao desejo dos formandos de realizarem curso superior na área ou fora da área técnica. Dentre os alunos pesquisados, 72% pretendiam fazer/concluir um curso superior na mesma área de formação técnica, o que indica a importância da verticalização da formação profissional como instrumento de aperfeiçoamento da profissão escolhida. |
| Pires (2008) | Pesquisa de mestrado que investiga os significados conferidos à formação profissional por 12 egressos concluintes ou desistentes de cursos técnicos federais entre 1999 e 2005, tendo como foco a análise da modalidade de concomitância externa. O roteiro de entrevista da pesquisa contemplou uma questão sobre a trajetória de egressos após o curso técnico, a qual revelou a continuidade dos estudos em nível superior. Dos doze entrevistados, oito cursaram ou estavam cursando o ensino superior e dois estavam se preparando em cursinhos pré-vestibulares. |

Fonte: Elaborado pela autora

A escassez de dados empíricos sobre o referido campo evidencia a importância de realizar estudos sobre os egressos da educação profissional que aprofundem o debate acerca da transição para o ensino superior. Pesquisas de acompanhamento de egressos possibilitam avaliar o desempenho das escolas e, assim, contribuem para (re)orientar seus planos de atuação e aprimorar a qualidade do ensino. Especificamente, em relação aos

egressos da Rede Federal de Educação Profissional, é importante pesquisar suas trajetórias após concluírem (ou abandonarem) o curso técnico, em termos de ingresso no mundo do trabalho e de continuidade de estudos, de modo a avaliar o impacto da formação técnica recebida.

1.4 Contribuições e limitações

Esta pesquisa pretendeu contribuir para ampliar: a) a literatura sobre a transição para o ensino superior, que ainda é incipiente no País; b) a discussão referente aos percursos educacionais de alunos da Rede Federal de Educação Profissional; c) a compreensão da transição da formação técnica para a educação superior; e d) as informações empíricas sobre esta temática, que poderão ser utilizadas para a reflexão sobre as políticas e estratégias de melhoria da qualidade do ensino técnico.

A pesquisa também desenvolveu métodos e modelos analíticos específicos para estudos de transição, que poderão ser replicados em outros contextos e testados por outros pesquisadores. Os resultados obtidos têm ainda possíveis benefícios para estudantes, orientadores educacionais ou vocacionais, políticos federais e formuladores de políticas educacionais.

Quanto às limitações do estudo, um ponto a ser considerado é o instrumento da pesquisa quantitativa, que não teve como único foco a presente tese, mas também outros projetos ligados a uma pesquisa em rede. Isso implicou o alongamento do processo de coleta de dados e a extensão do instrumento. Ainda assim, buscou-se manter a identidade da pesquisa de doutorado mediante a formulação de um questionário específico sobre o ingresso no ensino superior.

Há de se considerar que, apesar de tal limitação, o benefício da integração da tese à pesquisa em rede viabilizou a condução de uma ampla pesquisa qualitativa e quantitativa no conjunto total da Rede Federal de Educação Profissional do estado de Minas Gerais. Isso se deve ao fomento do Programa Observatório da Educação (CAPES/INEP) e ao apoio institucional da Rede Federal de Educação Profissional e

Tecnológica de Minas Gerais. Sem esse suporte, não seria possível a realização de uma pesquisa de doutorado dessa extensão e natureza.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

O objetivo deste capítulo é discutir brevemente as políticas de educação profissional no Brasil, a partir da década de 1990, a recente expansão da educação profissional e questões subjacentes à progressão da carreira técnica para a carreira universitária vivenciada por estudantes de instituições federais de educação profissional. Busca-se, também, avaliar as condições atuais de acesso aos estudos de nível superior no País, de modo a contextualizar a transição para esse nível de ensino, objeto de estudo desta tese.

2.1 Reformas da educação profissional a partir de meados de 1990

As constantes mudanças que vêm acontecendo no mundo produtivo decorrentes da reestruturação e modernização das bases tecnológicas e organizacionais demandam mais habilidades e maior qualificação dos trabalhadores. Nesse contexto, as políticas públicas para a educação profissional assumem centralidade.

Em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), ou Lei 9.394/1996, a educação profissional passou a ter por objetivo promover tanto o desenvolvimento pessoal e social do estudante quanto sua preparação para a vida produtiva, mediante a construção de conhecimentos relativos ao trabalho, à ciência e à tecnologia (BRASIL, 1996).

A partir da regulamentação dos artigos 39 a 41 da LDB/1996³, a educação profissional passou a ser estruturada em três níveis: 1º) formação inicial e continuada; 2º) educação técnica de nível médio; e 3º) educação profissional tecnológica. O primeiro nível visa promover qualificação inicial ou a requalificação de trabalhadores, mediante a oferta de cursos de curta duração não associados à escolarização formal. O segundo nível está vinculado à educação formal, sendo destinado prioritariamente aos concluintes do ensino fundamental (adolescentes ao redor de 15 anos) que optaram pelo curso médio

³ A regulamentação se deu primeiramente pelo Decreto 2.208/1997, seguida do Decreto 5.154/2004, que revogou o primeiro.

profissional. Possui duração de 3 a 4 anos e concede aos alunos egressos o diploma de técnico, que os habilita tanto a atuar em determinada profissão quanto a ingressar na educação superior. O terceiro nível abrange os cursos superiores de tecnologia, que conferem aos alunos concluintes o diploma de tecnólogo, além da educação profissional tecnológica de pós-graduação.

Entre os níveis de educação profissional mencionados, o segundo foi o que passou por maiores transformações a partir de meados de 1990. A reforma efetuada pelo Decreto federal 2.208/1997 (BRASIL, 1997) promoveu a separação entre o ensino médio e o ensino técnico, pela extinção do ensino profissional integrado, no qual a educação média e a técnica eram unificadas em um mesmo currículo e escola.

A desarticulação entre a educação profissional e a média se deu com a determinação, apresentada no artigo 5º do Decreto, de que a formação técnica tivesse “organização curricular própria e independente do ensino médio, podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a este” (BRASIL, 1997).

Desse modo, foram instituídos três tipos possíveis de oferta de educação técnica: 1º) concomitância interna – o ensino técnico modular e o ensino médio são cursados ao mesmo tempo, na mesma escola, mas com matrículas e organização curricular independentes; 2º) concomitância externa – o ensino técnico modular e o ensino médio são cursados ao mesmo tempo, mas em escolas diferentes e com matrículas e matrizes curriculares distintas; e 3º) formação sequencial – o ensino técnico é cursado após a conclusão do ensino médio.

Essa organização curricular afetou negativamente a formação técnica, visto que os diferentes sistemas de ensino (federal, estadual e privado) foram obrigados pelo referido decreto, a ofertar somente ensino técnico modular, no qual foram excluídas as disciplinas de formação geral (ZIBAS, 2007). Ainda conforme a autora, o ensino profissional conferia aos alunos certificação por módulo concluído, resultando na fragmentação da formação técnica. Distintamente dessa certificação, o diploma de técnico de nível médio era concedido apenas àqueles que concluíssem o ensino médio regular, cursado antes ou depois do ensino técnico modular, ou concomitante a ele. Com essas iniciativas, a reforma do ensino profissional tinha o claro propósito de flexibilizar a formação técnica de nível

médio, mantendo estreita articulação com as necessidades mais imediatas do setor produtivo (FERRETTI, 2009; ZIBAS, 2007).

Nessa mesma direção, Cunha (2000a, p. 58) ressalta que a mudança decorrente da reforma da educação profissional nos anos de 1990 resultou na inflexão da tendência que se definia desde os anos de 1940: “a progressiva fusão entre a educação geral-propedêutica e a educação técnico-profissional” se configurou como “tentativa de cisão entre elas”.

Com isso, a dualidade da estrutura da educação brasileira foi acentuada pelas políticas educacionais dos anos de 1990, que legitimaram “duas redes de ensino: a de educação geral, propedêutica, que supostamente conduz à universidade, e outra voltada especificamente para o ensino técnico-profissional. Nesse sentido, representam um retrocesso em matéria de organização da escola média brasileira” (DORE SOARES, 1999a, p. 113).

Esta reforma foi sustentada pelo discurso de que as escolas técnicas federais se tornaram convenientes às elites brasileiras pela gratuidade, qualidade do ensino e eficácia à preparação para os cursos superiores (CASTRO, C. M., 1997; MEC, 2002). Assim, o isolamento entre formação técnica e média supostamente possibilitaria que os alunos interessados no ensino técnico não fossem eliminados por outros de alto nível socioeconômico, interessados somente na formação geral. Entretanto, existia naquele período escasso conhecimento teórico e empírico sobre o perfil socioeconômico e o percurso educacional posterior à formação técnica dos alunos egressos, isto é, os técnicos diplomados. Sem o respaldo de dados sobre o assunto, a segmentação da educação técnica visou apenas à redução de custos da educação profissional e à minimização do papel social do Estado.

Tal reorganização foi muito criticada, especialmente, por docentes e gestores da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, uma vez que desestruturou a formação técnico-científica, integrada à formação geral, consolidada ao longo de 88 anos da educação técnica e altamente valorizada pelo setor societário e produtivo. A cisão entre formação geral e formação específica gerou impactos negativos na educação profissional, como a perda da identidade das instituições técnicas, a diminuição da duração do curso

técnico e o aumento da repetência e evasão estudantil (FERRETTI, 2009; LAUDARES; FIÚZA; ROCHA, 2005; OLIVEIRA, M. A. M., 2003).

Além desses problemas, “a Rede Federal de Educação Profissional apresentava sinais de sucateamento de suas instituições, seja no plano da infraestrutura física, seja no da composição de quadros de pessoal. A Lei 9.649/98 proibia a criação e manutenção pela União de novas escolas técnicas” (BRASIL, 2010, p. 142).

No início da década atual, foi permitida a integração entre o ensino médio e o ensino técnico (BRASIL, 2004), pelo Decreto 5.154/2004, que revogou o Decreto 2.208/1997. A nova legislação teve o mérito de permitir a volta da educação técnica integrada, mas, contraditoriamente, possibilitou a continuidade da oferta de educação profissional concomitante, na qual são necessárias matrículas e organizações curriculares distintas para cada curso (técnico e médio). Manteve, também, a oferta de ensino técnico subsequente, direcionada àqueles que já tenham concluído o ensino médio.

O atual ensino técnico de nível médio possui caráter híbrido, permitindo a oferta de cursos modulares unicamente técnicos e, ao mesmo tempo, atendendo à procura por cursos técnicos integrados à educação geral (ZIBAS, 2007). A autora citada pondera que essa poderia ser a melhor forma de responder às demandas de formação tanto dos adolescentes e jovens quanto dos adultos trabalhadores, desde que fossem instituídos direcionamentos da oferta de formação, conforme o perfil ou a idade dos estudantes. Assim, a autora propõe a oferta de “ensino técnico médio integrado à educação geral como única opção profissionalizante para jovens a partir dos 15 anos que tenham concluído o ensino fundamental”, além da oferta de “ensino técnico médio estritamente modular destinado a trabalhadores, a partir dos 18 anos, que já tenham concluído o ensino médio regular” (ZIBAS, 2007, p. 10).

Nessa direção, a autora sugere que “o hibridismo atual, sem as restrições explicitadas acima, prejudica a qualidade do ensino técnico médio e fragmenta e empobrece a formação técnica dos adolescentes” (ZIBAS, 2007, p. 11).

É sugestivo que essa proposta favoreceria a formação de adolescentes concluintes do ensino fundamental que desejam ingressar em cursos técnicos, já que teriam como opção educativa uma formação integrada, mediante um currículo unificado com

conteúdos específicos (técnicos) e conteúdos gerais pertinentes à educação média. Ao mesmo tempo, seria mantida a opção de formação técnica a jovens e adultos trabalhadores que já possuem escolaridade média, criando oportunidades de continuação dos estudos, de ampliação de suas qualificações profissionais e de obtenção do diploma de técnico.

Assim, a política atual de educação profissional voltada para a formação técnica de nível médio representa avanço em termos de integração com a educação básica, mas ainda requer ajustes nos tipos de oferta, de modo a atender principalmente às necessidades específicas de formação de adolescentes. Para estes, a formação concomitante em escolas diferentes pode precarizar a educação pela segmentação curricular e pedagógica, além de sobrecarregar aqueles que têm de frequentar duas instituições diferentes. Nesta idade escolar a educação integrada é a proposta mais plausível de formação plena.

Outra política de educação profissional recente é a criação dos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia. As concepções, os desafios e a expansão da formação profissional a partir dessa política serão tratados na sequência.

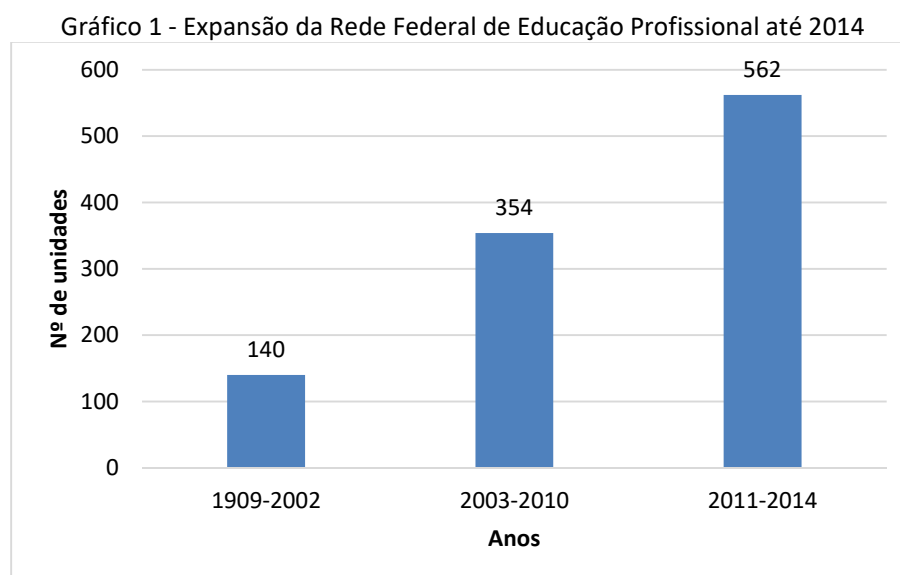
2.2 Os institutos federais e a recente expansão da educação profissional

Em 2008, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFET), denominados hoje “Institutos Federais” (IF), foram criados pela Lei 11.892/2008 como instituições de educação superior, básica e profissional. Trata-se de institutos “pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas” (BRASIL, 2008, p. 1).

Os Institutos Federais foram instituídos mediante a integração de Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET) e de Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais, nos diferentes estados brasileiros. Essa reorganização das instituições de ensino profissional,

configurando uma nova estrutura institucional, foi acompanhada da grande expansão da oferta de educação.

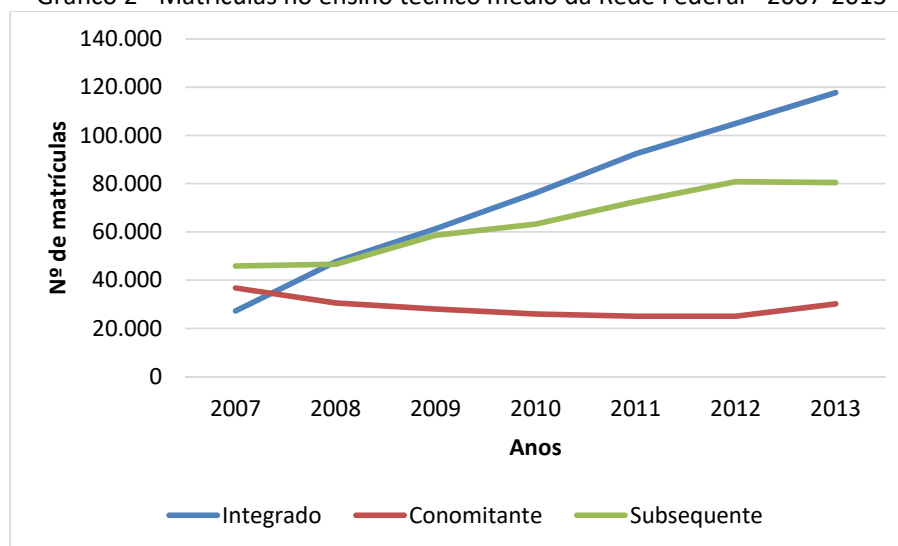
A iniciativa de criação dos Institutos Federais integra o Plano de Expansão e Reestruturação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, que em 2014 totalizou 562 unidades em funcionamento (Gráfico 1), o que representa um crescimento de 301% em relação a 2002. Essas unidades, localizadas em 512 municípios brasileiros, geraram 600 mil vagas para a educação profissional, com investimento do Ministério da Educação de R\$ 3,3 bilhões entre 2011 e 2014 (MEC, 2014).



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de MEC (2014)

O aumento no número de estabelecimentos federais de educação profissional no Brasil gerou uma ampliação significativa de matrículas na formação técnica de nível médio no período de 2007 a 2013 (Gráfico 2). O número de alunos matriculados nos cursos técnicos integrados em todo o País era de 27.204 em 2007, sendo elevado para 117.747 em 2013, representando crescimento de 333%. Os cursos subsequentes também passaram de 45.840 em 2007 para 80.495 em 2013, com crescimento de 76%. Já os cursos concomitantes foram reduzidos de 36.733 em 2007 para 30.175 em 2013. Isso é reflexo das mudanças implementadas pelo Decreto 5.154/2004, que restituiu o ensino médio integrado à educação profissional, modalidade de oferta de ensino técnico predominante na rede federal na atualidade.

Gráfico 2 - Matrículas no ensino técnico médio da Rede Federal - 2007-2013



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de INEP (2014c)

Além da tradicional oferta de ensino técnico de nível médio, as instituições transformadas em IF incluíram em seus objetivos o de ministrar, em nível de educação superior: a) cursos superiores de tecnologia; b) cursos de licenciatura; c) cursos de bacharelado e engenharia; d) cursos de pós-graduação *lato sensu* de aperfeiçoamento e especialização; e e) cursos de pós-graduação *stricto sensu* de mestrado e doutorado (BRASIL, 2008).

A educação superior ofertada pelos Institutos Federais foi incluída no Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024) como uma de suas estratégias para aumentar a taxa bruta de matrículas neste nível de ensino para 50% dos jovens entre 18 e 24 anos, garantindo, pelo menos, 40% das novas matrículas na rede pública (BRASIL, 2014b).

Com a inclusão da educação superior, os IF foram equiparados às universidades federais em termos de “regulação, avaliação e supervisão das instituições e dos cursos de educação superior” (BRASIL, 2008). Também, passaram a apresentar semelhança com as universidades federais em relação à gestão e à estrutura organizacional, tendo como órgão executivo a Reitoria, constituída por um reitor e cinco pró-reitores (BRASIL, 2008).

Os três pilares da universidade – ensino, pesquisa e extensão – também permeiam a proposta constituinte dos IF, que têm entre suas finalidades: a) oferecer educação profissional básica e superior; b) promover o desenvolvimento de programas de extensão

e de divulgação científica e tecnológica; e c) realizar e estimular a pesquisa aplicada e o desenvolvimento científico e tecnológico.

Apesar do preceito de integração entre ensino, pesquisa e extensão, as atividades de pesquisa nos Institutos Federais, conforme o Tribunal de Contas da União (TCU, 2012, p. 30), “ainda não se encontram bem integradas às atividades de extensão, o que potencializa o risco de promover linhas de pesquisa dissociadas das necessidades socioeconômicas locais e regionais”. Tal dissociação, constatada em auditoria nacional feita pelo TCU, sugere que “os Institutos Federais devem buscar o inter-relacionamento entre essas três dimensões para o cumprimento de sua missão institucional e construção de seus projetos pedagógicos” (TCU, 2012, p. 30).

Outro problema identificado pelo TCU se refere à evasão estudantil nos Institutos. Estes vêm apresentando baixas taxas de conclusão dos cursos superiores em nível nacional, sendo de 27,5% para o bacharelado, 42,8% para o tecnólogo e 25,4% para a licenciatura (TCU, 2012).

Em relação aos cursos técnicos de nível médio ofertados pelos Institutos Federais, o TCU também identificou frequências baixas de conclusão em nível nacional, sendo de 46,8% e 31,4%, respectivamente, para as modalidades de oferta integrada e subsequente e de 37,5% para os cursos técnicos do Proeja - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (TCU, 2012).

Esses problemas podem ser atribuídos, em parte, ao novo modelo de Instituto Federal e à recente expansão que vem ocorrendo na Rede Federal, a qual tem a perspectiva de continuidade no atual PNE, cuja meta é “triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% (cinquenta por cento) da expansão no segmento público” (BRASIL, 2014b, p. 17).

Essa ampliação da oferta de ensino proveniente das políticas de expansão e reestruturação da educação profissional levanta a necessidade de políticas e suportes que assegurem a permanência dos estudantes nos Institutos até o término de suas trajetórias educativas. Dessa forma, a expansão da oferta de formação profissional será capaz de gerar impactos sociais efetivos no País.

O PNE também contempla a ampliação da educação superior para jovens entre 18 e 24 anos, “assegurada a qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% (quarenta por cento) das novas matrículas, no segmento público” (BRASIL, 2014b, p. 18). Para tanto, prevê a expansão e a interiorização da Rede Federal de Educação Superior e da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, “considerando a densidade populacional, a oferta de vagas públicas em relação à população na idade de referência e observadas as características regionais das micro e mesorregiões [...], uniformizando a expansão no território nacional” (BRASIL, 2014b, p. 18).

Apesar dos desafios e dos problemas que vêm enfrentando, os Institutos Federais aumentaram a oferta de educação profissional, especialmente para o interior dos estados da federação, contemplando regiões que não dispunham de instituições públicas de formação profissional de nível médio-técnico ou superior. Isso vem ampliando as oportunidades educacionais dos estudantes para todo o País, diferenciando da implantação inicial das escolas técnicas federais nos grandes centros urbanos, nos quais a industrialização inicialmente emergia.

Outro elemento de fundamental importância dos Institutos é a sua estrutura, que reúne em uma mesma instituição a educação profissional em seus diferentes níveis, visando à verticalização do ensino, isto é, a oferta de qualificação inicial e continuada, cursos técnicos de nível médio e cursos superiores até a pós-graduação, ampliando as possibilidades formativas.

Essa proposta de educação profissional técnica e tecnológica, que visa à construção de um itinerário formativo contínuo, incentiva a progressão da formação técnica de nível médio para a educação superior, contrapondo-se às críticas ao caráter propedêutico do ensino técnico, tema da seção seguinte.

2.3 Questões subjacentes ao caráter propedêutico do ensino técnico

Na época da reforma da educação profissional, segunda metade da década de 1990, o ensino técnico de nível médio foi objeto de constantes debates, referentes à finalidade, ao público, à organização e ao financiamento deste nível formativo.

Uma das questões mais polêmicas neste contexto se refere ao caráter propedêutico do ensino técnico-médio, que permite a seus egressos a progressão para a carreira de nível superior. A possibilidade de acesso ao ensino superior por técnicos diplomados da Rede Federal foi criticada pelo Ministério da Educação da época, que afirmou que as escolas federais estavam entre as poucas alternativas de ensino público de alta qualidade, sendo atrativas como percurso privilegiado para a educação superior. Como resultado, “as empresas não recebiam a mão-de-obra técnica que necessitavam, os alunos mais modestos não tinham chance de fazer os cursos que poderiam interessá-los. Pela sua clientela de classe alta, os cursos não eram usados com objetivo de dar uma profissão e constituíam-se em enormes subsídios para os ricos” (MEC, 2002, p. 7).

Esse discurso foi defendido por intelectuais, como Cláudio de Moura Castro, idealizador da proposta de separação entre ensino médio e ensino técnico. Tentando justificar essa separação, Castro (2008, p. 121) afirma que as escolas técnicas federais “foram cooptadas pelas elites brasileiras que nelas viam uma forma eficaz e barata de preparar-se para os vestibulares mais competitivos.” Segundo ele, os alunos que vêm de classes sociais mais altas não mostram interesse pela educação profissional oferecida e buscam apenas um ensino médio de qualidade. Assim, Castro defende a separação entre a parte técnica e a acadêmica dessa formação, para que os interessados no ensino técnico não sejam excluídos por alunos de classe mais alta, além de reduzir o custo-aluno.

No entanto, a ideia de Castro de evitar a preparação para o ensino superior é incoerente com preceitos da LDB/1996, que possibilita a continuação dos estudos de nível superior aos egressos de cursos técnicos: “os diplomas de cursos de educação profissional técnica de nível médio, quando registrados, terão validade nacional e habilitarão ao prosseguimento de estudos na educação superior” (BRASIL, 1996, p. 15).

A linha de pensamento de Castro sobre a contenção da demanda da educação superior e a redução de custos da educação profissional se relaciona ao ideário neoliberal, tal como expõe Dore Soares (1999a):

No atual sistema neoliberal, onde o Estado vem reduzindo suas funções sociais, o que atinge diretamente a oferta da educação pública, tem sido sustentada a ideia de que não compete ao Estado arcar com os custos de um ensino que se tornou “refinado” demais para aqueles a quem é originariamente destinado. Ao Estado, caberia oferecer um ensino gratuito de caráter vocacional, voltado para a classe trabalhadora, que não lhe permitisse ter ambição de cursar o ensino superior. Nesse caso, ela deveria receber uma educação técnica, pois não pode nem poderá trilhar o caminho do ensino superior. Entretanto, os alunos provindos das classes trabalhadoras veem no treinamento técnico uma maneira de obter empregos e, assim, poder financiar seus estudos na universidade. (DORE SOARES, 1999a, p. 114).

Os argumentos sobre a elitização do ensino técnico da Rede Federal não são sustentados por dados empíricos, mas por suposições, o que os tornam infundados. Os dados de uma pesquisa desenvolvida pelo Ministério da Educação⁴, em âmbito nacional, sobre os egressos⁵ de cursos técnicos de nível médio da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, período de 2003 a 2007, também sugerem a inconsistência de tais ideias ao evidenciarem que a maior parte deles vem de famílias de baixo nível socioeconômico.

Conforme dados dessa pesquisa, em relação à proveniência dos alunos, “68% dos entrevistados cursaram o ensino fundamental somente em escolas públicas. Outros 10% cursaram ‘a maior parte’ em escolas públicas. Apenas 17% cursaram ‘somente’ em escolas particulares e outros 6% ‘a maior parte’ em escolas particulares” (MEC, 2008, p. 30).

Outra informação que desmistifica o “pré-conceito” de que o ensino técnico da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica é elitista é que “54% dos pais e 46%

⁴ Trata-se de uma pesquisa nacional de egressos dos cursos técnicos de nível médio da Rede Federal de EPT, que teve por objetivo analisar a formação técnica de nível médio em relação a três aspectos: situação dos egressos no mundo do trabalho; continuidade dos estudos após a conclusão do curso técnico; e avaliação pelos egressos quanto à formação técnica recebida.

⁵ Na referida pesquisa, é considerado como egresso o aluno que efetivamente concluiu os estudos regulares, estágios e outras atividades previstas no plano de curso e está apto a receber, ou já recebeu, o diploma.

das mães dos egressos consultados têm escolaridade inferior ou igual ao ensino fundamental. Apenas 9% dos pais e 15% das mães têm o nível superior completo” (MEC, 2008, p. 31).

Em relação ao percurso profissional, a pesquisa citada mostra que 72% dos egressos dos cursos técnicos estão inseridos no mercado de trabalho. “Destes 72%, cabe destacar que 38%, além de trabalharem, também estudam, evidenciando-se a preocupação de que a educação continuada é fundamental para a empregabilidade. Do total de entrevistados, apenas 22% só estudam e 7% não trabalham nem estudam”. Também é importante ressaltar que “dos egressos que trabalham 44% atuam na área do curso técnico em que se formaram e 21% em áreas correlatas” (MEC, 2008, p. 15–17).

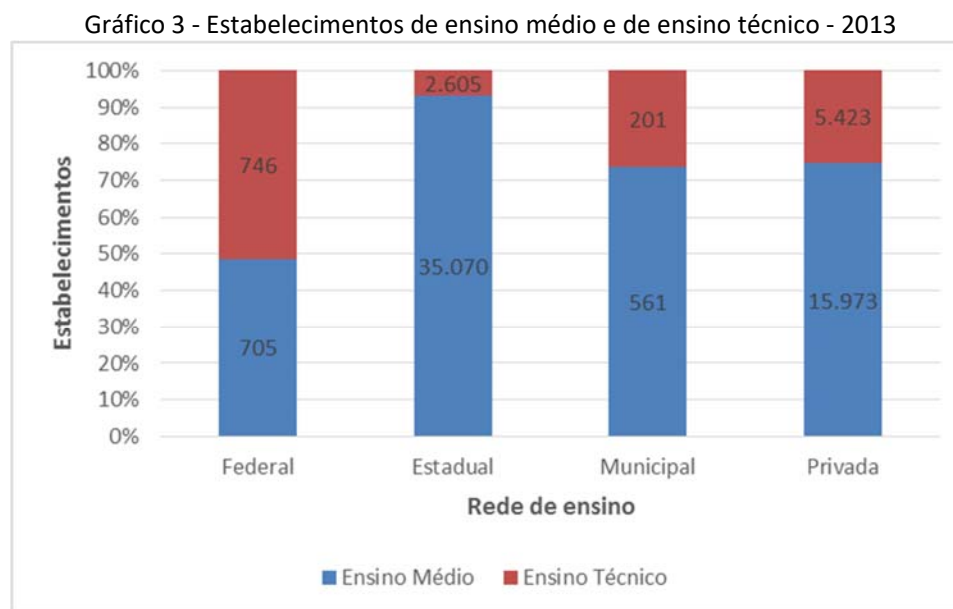
Outro dado importante se refere à carga horária semanal de trabalho. “A maioria, cerca de 75%, sejam homens ou mulheres de qualquer área, trabalham 40h semanais ou mais. Esta pesada carga de trabalho explica, pelo menos em parte, porque apenas 38% dos entrevistados trabalham e estudam simultaneamente” (MEC, 2008, p. 24).

Quanto à continuidade dos estudos, “a maioria, 57%, concluiu ou está cursando um curso de nível superior, ficando evidente a preocupação dos egressos com a importância da escolaridade para a empregabilidade”. Além disso, a pesquisa apresenta dados sobre o grau acadêmico: “dos egressos que deram continuidade aos estudos, 56% optaram pelo bacharelado, 25% pelos cursos de base tecnológica e apenas 19% na licenciatura” (MEC, 2008, p. 29).

O governo atual se posiciona claramente a favor da continuidade dos estudos nos diferentes níveis de ensino, mas identifica a necessidade de expandir o ensino médio, tendo em vista que uma parcela significativa da população brasileira de 15 a 17 anos não está matriculada neste nível de ensino. Em 2012, por exemplo, o Censo Escolar da Educação Básica estimou que do total de 10.444.705 jovens desta faixa etária, considerada apropriada para frequentar o ensino médio, 2.067.853 não estavam matriculados nesse nível de ensino (INEP, 2014b).

Uma forma de fomentar o ingresso no ensino médio seria por meio da ampliação da oferta de ensino médio integrado à educação profissional, que poderia atrair jovens interessados em se qualificar para o mercado de profissionais técnicos e, ao mesmo

tempo, se preparar para a entrada em uma instituição de educação superior. Contudo, o número de estabelecimentos de ensino técnico de nível médio no Brasil ainda é bastante inferior ao de ensino médio, conforme Gráfico 3⁶.



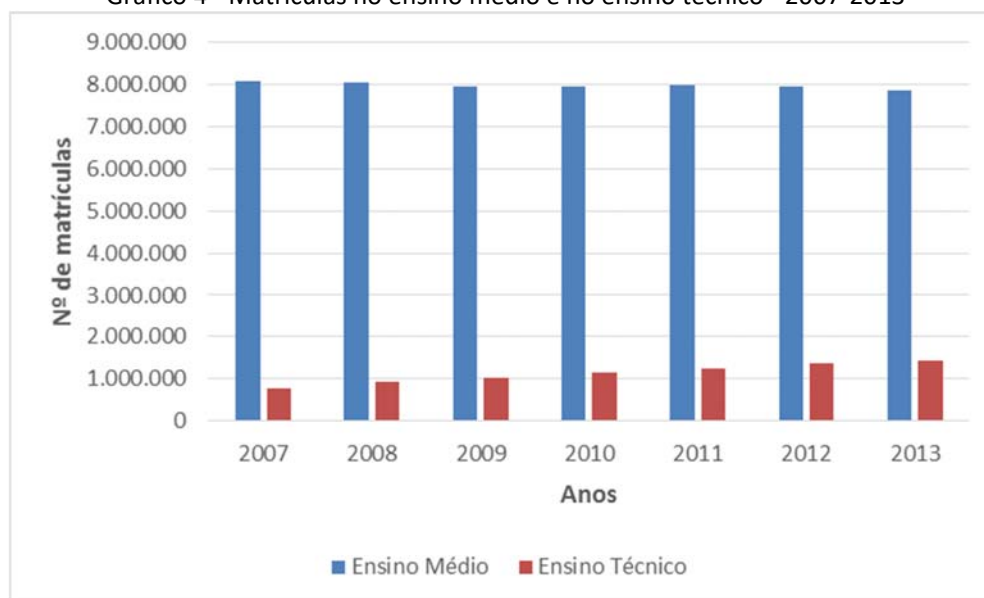
Fonte: Elaborado pela autora, a partir de INEP (2014c)

O predomínio de estabelecimentos de ensino médio geral no País, tanto na rede pública quanto privada, resulta na diferença expressiva entre os números de matrículas no ensino médio e no ensino técnico, tal como mostra o Gráfico 4⁷. Em 2013, ainda que tenha havido um crescimento nas matrículas no ensino técnico, em relação ao período 2007-2012, o número total de matriculados no ensino médio (7.854.207) foi 5,5 vezes maior do que o do ensino técnico (1.441.051).

⁶ O número de estabelecimentos de ensino médio inclui aqueles que oferecem ensino médio integrado à educação profissional ou normal/magistério. Já os estabelecimentos de educação profissional incluem aqueles que oferecem educação profissional concomitante e/ou subsequente (INEP, 2014c).

⁷ O total de matrículas no ensino técnico é resultado do somatório dos alunos de cursos integrados, concomitantes e subsequentes.

Gráfico 4 - Matrículas no ensino médio e no ensino técnico - 2007-2013



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de INEP (2014c)

O Ministério da Educação reconhece que a inclusão educacional de jovens no ensino médio e no ensino técnico depende da melhoria do fluxo escolar no ensino fundamental e da implantação de políticas que estimulem a transição entre esses dois níveis de ensino (fundamental e médio). “Estratégias como a ampliação da educação profissional integrada ao ensino médio [...] podem tornar o ensino médio mais atrativo, permitindo que o aluno vislumbre nessa etapa não apenas o caminho para a educação superior, mas também uma possibilidade concreta de qualificação para o trabalho” (INEP, 2014b, p. 21).

Assim, é essencial que a educação profissional não só prepare para o mundo do trabalho, como também promova uma sólida formação geral que possibilite aos interessados o prosseguimento dos estudos de nível superior, direito de todo concluinte do nível médio. Vale lembrar que o art. 208 da Constituição Federal de 1988 institui que o dever do Estado com a educação será efetivado, dentre outros aspectos, mediante a garantia de “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um” (BRASIL, 1988).

Dore Soares (1999b, p. 86) defende a unidade entre a formação geral e a formação profissional por meio de uma escola unitária que “tem como horizonte a luta pela igualdade social: daí a ideia de ‘unitária’, que significa superar as divisões classistas que

separam a sociedade em governantes e governados”. A autora afirma que esse processo requer “uma elevação cultural dos trabalhadores, preocupando-se com a elaboração de métodos didáticos que os tornem capazes de formular conceitos para compreender o mundo em que vivem, saber se orientar, elaborar críticas e participar do governo e da sociedade”.

Nessa perspectiva, compreende-se que a educação técnica tem o potencial de unificar uma sólida formação geral e profissional, propiciando a preparação tanto para os estudos de nível superior quanto para a inserção no mundo produtivo. Uma formação humana e técnico-profissional completa, que estimule não apenas a capacidade instrumental, mas também intelectual, é essencial para o entendimento e a transformação da realidade e para a superação do quadro de exclusão socioeconômica e cultural de grande parte da população.

2.4 Condições atuais de acesso à educação superior

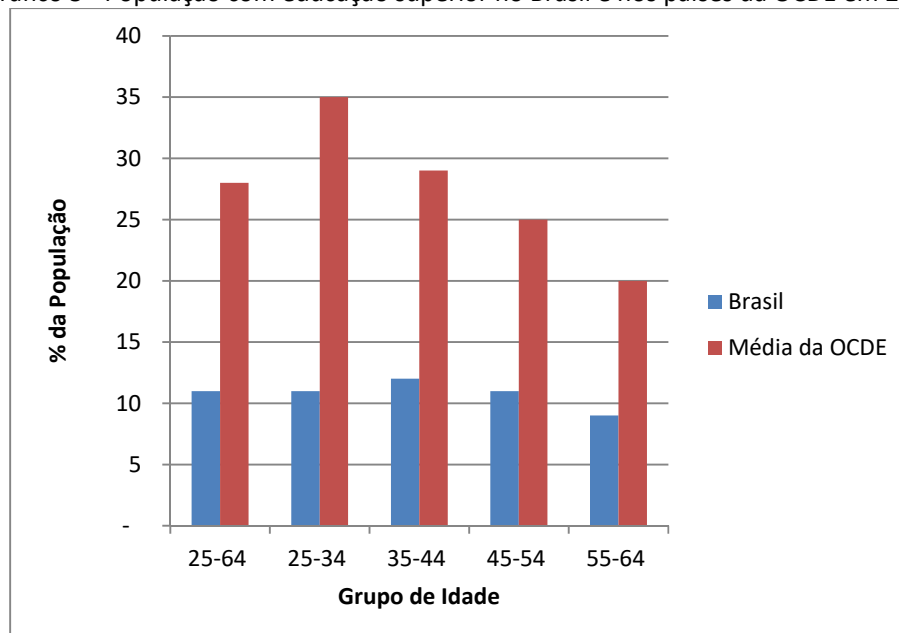
A partir das transformações sociais e econômicas recentes, observam-se a modernização e a complexidade tecnológica e organizacional que incidem no sistema educacional, demandando dos sujeitos/trabalhadores uma formação ampla, em consonância com as demandas produtivas e sociais do País. Diante dessas mudanças, o diploma de formação profissional se torna um dos requisitos básicos para o alcance de melhores condições de competitividade e “empregabilidade” no mercado de trabalho (TEIXEIRA, 2010). Entretanto, a conquista de níveis educacionais mais elevados, no nível médio ou no superior, além de ser um privilégio para parte pequena da população, não garante a inserção, ascensão e estabilidade profissional.

Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do total de 92,68 milhões de pessoas ocupadas em 2009 7,3% atuavam como técnicos de nível médio e somente 11,1% dos trabalhadores possuíam nível superior completo (IBGE, 2010).

A restrição e a desigualdade do acesso à educação superior no Brasil estão expressas no Gráfico 5, que apresenta a percentagem da população brasileira com idade

de 25-64 anos que possuía o nível superior completo em 2008 em comparação com a média⁸ dos países pertencentes à Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).⁹ Estes apresentam taxas bem mais elevadas de conclusão da educação superior em comparação com o Brasil em todos os grupos de idade. Isso se deve sobretudo ao fato de essa organização contar com países membros mais desenvolvidos economicamente.

Gráfico 5 - População com educação superior no Brasil e nos países da OCDE em 2008



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de OECD (2010)

Apesar do limitado acesso à educação superior no contexto brasileiro, este nível de ensino tem sua importância difundida tanto pela retórica oficial quanto pelo senso comum predominante na base da sociedade. Atribui-se à educação superior significativa participação na preparação dos profissionais das diversas áreas e na formação dos quadros administrativos e dos líderes culturais e sociais do País, sendo visto como importante mecanismo de ascensão social, com especial destaque para o ensino ofertado pelas universidades públicas (SEVERINO, 2008).

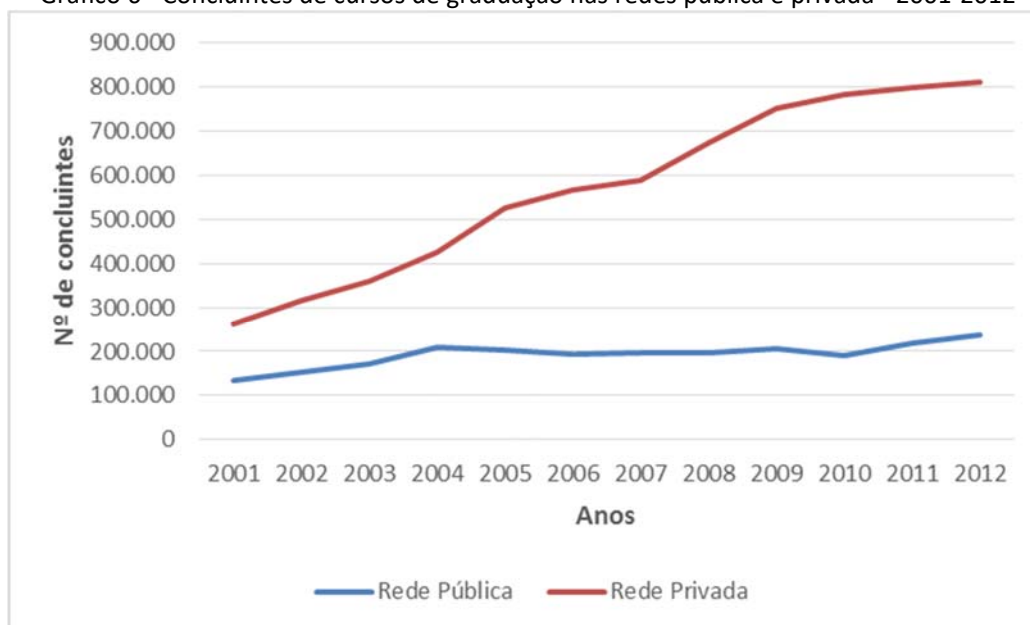
⁸ A média da OCDE é calculada como a média não ponderada dos valores dos dados de todos os países da OCDE cujos dados estão disponíveis ou podem ser estimados (OECD, 2010).

⁹ Em inglês, a sigla é OECD – Organization for Economic Co-operation and Development.

Tais instituições estão em crescente expansão, tendo em vista os investimentos recentes realizados na Rede Federal de Educação Superior a partir da criação, em 2003, do Programa de Expansão das Instituições Federais de Educação Superior, ampliado em 2007 com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Essas iniciativas resultaram na implantação de 18 novas universidades federais e 173 novos *campi* universitários distribuídos nas cinco regiões brasileiras (SESU, 2014).

Apesar dessa expansão, a possibilidade de chegar às universidades públicas é bastante limitada, já que há um enorme predomínio de Instituições de Ensino Superior (IES) privadas. Ao longo do período de 2001 a 2012, do total de 9.179.958 concluintes de cursos de graduação em todo o País somente 2.312.987 (25,2%) concluíram na rede pública e 6.866.971 (74,8%) na rede privada (Gráfico 6). Apesar da expansão das matrículas no ensino superior nos últimos anos, seu caráter é preponderantemente privado, o que reflete de maneira negativa sobre as condições de acesso à educação superior no Brasil.

Gráfico 6 - Concluintes de cursos de graduação nas redes pública e privada - 2001-2012



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de INEP (2012, 2014a)

Observa-se a tendência de consolidação da hegemonia do setor privado, tendo em vista que as políticas públicas de ampliação do acesso propiciam maior manutenção de oferta de vagas neste setor, com a justificativa de atender às demandas sociais e do mercado de trabalho. Tais políticas de privatização da educação superior podem ser exemplificadas pela criação, em 1999, do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), programa de crédito educativo do Ministério da Educação, destinado a estudantes de graduação matriculados em instituições de ensino superior privadas. Outra iniciativa no setor privado refere-se ao Programa Universidade para Todos (PROUNI), implementado em 2005, cujo objetivo é conceder a estudantes de baixa renda bolsas parciais e integrais de estudo em instituições privadas. Desde a sua criação até 2014, o PROUNI concedeu 1,46 milhão de bolsas, sendo 50% dos bolsistas afrodescendentes, 70% das bolsas integrais, 85% dos cursos presenciais (SESU, 2014).

Apesar de os números crescentes sugerirem efeito democratizante, o PROUNI se constitui como uma política pública de acesso à educação superior, sem a preocupação com a permanência do estudante até a conclusão do curso, elemento essencial para sua democratização. O programa é pautado pela concepção de assistência social, já que oferece benefícios, e não direitos, aos bolsistas. Os cursos superiores ofertados nas IES privadas são, em muitos casos, de qualidade questionável e voltados às demandas imediatas do mercado, mantendo um sistema de ensino nos moldes privatizantes traçados durante os anos de 1990. Nesse sentido, traz uma falsa ideia de democratização, uma vez que legitima a distinção dos estudantes por camada social, de acordo com o acesso aos diferentes tipos de instituição, com prioridade para a inserção precária dos pobres no espaço privado, contribuindo para a manutenção da estratificação social existente (CATANI; HEY; GILIOLI, 2006).

A desigual inserção de estudantes nos cursos superiores reflete a repartição desproporcional de riquezas na sociedade brasileira. Apesar do ingresso de novos sujeitos de classe e raça, a “escolha” dos cursos no momento do vestibular ainda se faz segundo os posicionamentos de classe de cada um. E, mesmo com a maior abertura da universidade aos jovens de camadas populares, percebe-se a manutenção de nichos de

elitização para os estudantes provenientes das classes sociais com mais recursos econômicos, sociais e culturais (CARRANO, 2009).

Nessa perspectiva, algumas pesquisas (BELTRÃO; TEIXEIRA, 2008; BRAGA; PEIXOTO; BOGUTCHI, 2001; HERINGER, 2011) observam que, a partir da recente expansão do ensino superior público e privado no Brasil, tem havido maior participação dos grupos historicamente menos representados neste nível de ensino, tais como indivíduos de baixa renda, oriundos de escolas públicas, negros, mulheres etc. Indicam, contudo, a segmentação das carreiras universitárias, em um processo de seleção social e de hierarquização de cursos e instituições. Dessa forma, o acesso dos grupos socialmente menos privilegiados tende a ocorrer em instituições e cursos de menor prestígio e de mais fácil ingresso nos exames vestibulares. Assim, os indivíduos pertencentes aos estratos sociais menos favorecidos optam, geralmente, por cursos nos quais a aprovação pode ser alcançada com desempenho mediano. Já os cursos de elevado prestígio social, para os quais a aprovação exige notas elevadas, são preferidos pelos candidatos da classe média alta.

A tendência de expansão do ensino superior, de um lado, oferece oportunidades aos grupos tradicionalmente excluídos; de outro, mantém as desigualdades sociais no interior do ensino superior, por meio da diferenciação entre instituições e entre áreas de estudo, as quais apresentam níveis de prestígio e de retorno econômico diversos.

Nessa direção, a combinação e a interação de fatores do estudante e contextuais produzem diferentes estruturas de oportunidades de transição para o ensino superior. Apesar da retórica de democratização do acesso ao ensino superior, a educação tende a ser diferenciada segundo a origem sociocultural e econômica dos estudantes. Assim, a estrutura de divisão/hierarquização social reflete nas desigualdades expressas em diferentes instâncias da sociedade – em especial, na educação superior.

3 PERSPECTIVA TEÓRICO-ANALÍTICA

Este capítulo inicia-se com a análise de múltiplas trajetórias de transição experimentadas, de maneira geral, pelos indivíduos. Na sequência, define-se o conceito de transição da educação profissional para o ensino superior adotado nesta pesquisa. Por fim, apresentam-se o modelo analítico e as hipóteses da pesquisa.

3.1 Itinerários de transição

O termo *transição*, num sentido amplo, refere-se a situações de mudanças vivenciadas pelo indivíduo, por exemplo, uma nova fase de vida, um novo ciclo de ensino ou o início de uma carreira profissional. Trata-se de um fenômeno multifacetado, comumente estudado a partir de fatores estruturais, individuais ou subjetivos, em diferentes áreas do conhecimento, sobretudo Educação, Sociologia e Psicologia. As abordagens sobre a transição variam muito: desde uma perspectiva abrangente, como processo presente em todas as fases de vida do indivíduo, até abordagens mais específicas, que examinam a transição para o mercado de trabalho ou para o ensino superior. Estas últimas, em geral, são as transições vividas após o fim da educação básica (ensino médio), estando diretamente relacionadas ao objeto deste estudo, que trata da transição da formação profissional de nível médio para o ensino superior.

As transições remetem a circunstâncias que apresentam desafios e exigem, na maioria das vezes, alteração nos padrões de comportamento dos indivíduos. Podem abranger, separada ou simultaneamente, aspectos positivos e negativos, perdas e ganhos (PINHEIRO, 2004). Não raro, a transição é vista como uma mudança que provoca um sentimento de “começar de novo”, envolvendo um processo de ruptura que pode levar à desestruturação identitária e social, ao mesmo tempo em que são abertas possibilidades para o desenvolvimento de novas identidades e relações sociais (ABRANTES, 2005).

O processo de transição, afirmam Mello e Camarano (2006), pode ser agrupado em três perspectivas: subjetiva/biográfica, sócio-histórica e institucional. A perspectiva subjetiva/biográfica inclui eventos significativos nas trajetórias dos indivíduos, que, em

paralelo aos períodos-chave da transição, podem afetá-los e influenciar o resultado final da transição. Entre os jovens, esses eventos podem ser tanto o desemprego, o consumo de drogas e a delinquência quanto as experiências bem-sucedidas de inserção social. Esse conjunto de eventos atinge os indivíduos em tempo e forma distintos, produzindo resultados variados.

Na perspectiva sócio-histórica, destaca-se que, na contemporaneidade, as trajetórias dos jovens tendem a ser mais imprevisíveis, menos padronizadas e não lineares. No âmbito educacional e laboral, o processo de transição tem envolvido o aumento da escolaridade e as dificuldades de inserção profissional dos jovens. Estes tendem a permanecer mais tempo na escola ou a retornar a espaços de formação e profissionalização para aumentar suas chances de inclusão em um mercado de trabalho cada vez mais exigente. Além disso, é mais frequente a passagem dos jovens dos estudos ao trabalho, e vice-versa, ou o exercício simultâneo dessas atividades ao longo de suas trajetórias de transição (ALMEIDA, M. S. P., 2005; MELLO; CAMARANO, 2006).

A perspectiva institucional representa normas e valores socialmente construídos que proveem as bases para a estruturação da sociedade. A instituição escolar se destaca como espaço privilegiado de socialização e construção de sentido, sendo nela que ocorre a transição entre ciclos de ensino. Nesse processo, podem surgir diferenças entre a cultura dos jovens e a da escola, entre as origens étnicas ou de classe dos estudantes. As desigualdades escolares se acentuam nas transições, sendo mais vulneráveis os grupos que apresentam baixos resultados escolares. Em geral, têm mais vantagens os jovens provenientes de famílias mais escolarizadas e de classes sociais mais abastadas (ABRANTES, 2005).

Essa diversidade de trajetórias pode ser representada pela expressão *itinerários de transição*, que abrange de modo mais pleno a multiplicidade de desenhos que se inserem nas vidas dos jovens e na realidade social contemporânea. Nesta, as transições tendem a se tornar mais complexas, sendo os processos educativos e laborais marcados por descontinuidades, que combinam, nas mais diversas situações, inserção e exclusão do sistema educacional formal e do mundo do trabalho (AZEVEDO, J.; FONSECA, 2007; TEIXEIRA, 2010).

No âmbito da escola média, Gomez (2009) explica a transição adotando a metáfora da “ponte”, que diz respeito à passagem do nível médio para as várias opções de vida, de estudo, de trabalho e de realização pessoal que aguardam os egressos em sua vida pós-escolar. É a ponte entre a vida escolar e a vida do trabalho; entre a escolaridade recém-obtida e as possibilidades de continuar os estudos na educação superior; entre as expectativas e as chances ou limitações de estudo, trabalho e realização pessoal; entre o que a sociedade espera, o que a escola oferece e o que o indivíduo efetivamente pode alcançar.

A qualidade e a pertinência da educação recebida são decisivas para os destinos educativos, profissionais e pessoais dos estudantes. Com efeito, para muitos este é o último nível de educação alcançado, sendo a última chance para completar a formação cidadã e compreender a complexidade e a diversidade da vida e das oportunidades que os esperam após a escola. Para alguns, esta educação garante o ingresso no nível superior, mas para muitos a ausência, ou a debilidade, deste tipo de formação não propicia a continuidade dos estudos e a inserção produtiva e positiva na sociedade. Ou seja, a “ponte está quebrada” para aqueles que são excluídos, laboral, econômica e culturalmente (GOMEZ, 2009).

No contexto atual, grupos sociais tradicionalmente excluídos da educação superior têm sido nela gradualmente incluídos. Contudo, muitas vezes, eles ingressam em instituições de ensino superior de menor *status*. Não apenas as instituições, mas também as áreas de formação se constituem como eixo de estratificação, expressando diferentes níveis de prestígio e retorno econômico. Os grupos mais abastados, geralmente, usam seus recursos para ter acesso às profissões mais rentáveis. Tais diferenciações permitem explicar porque a ampliação do acesso ao ensino superior é segmentada: certos espaços são ocupados por indivíduos provindos da classe média ou baixa, enquanto outros são frequentados principalmente por pessoas brancas e de classe média alta, com poder social e capital cultural dominante (DURU-BELLAT; KIEFFER; REIMER, 2008; REAY, 2002).

As diferentes exigências e discrepâncias entre o ensino médio e o ensino superior também resultam em dificuldades na progressão dos estudos. Mesmo aqueles que conseguem ingressar no ensino superior não possuem a garantia de permanência no

curso, pois as diversas mudanças, dentre outros fatores que caracterizam a entrada na universidade podem desencadear dificuldades de adaptação ao novo contexto e, até, o insucesso acadêmico e o conseqüente abandono do curso (AZEVEDO, A. S.; FARIA, 2006).

Assim, além do desafio do acesso ao ensino superior, o processo de formação universitária confronta os jovens com vários desafios e mudanças nas esferas pessoal, interpessoal e acadêmica, uma vez que a transição para esse nível educacional implica um novo espaço institucional, com normas próprias, tarefas que exigem habilidades novas de estudo e níveis mais elevados de organização, autonomia e envolvimento do aluno. O ingresso na educação superior é visto pela maioria dos alunos como estando ligado ao aumento de responsabilidades e de oportunidades de experimentação, como também à possibilidade de construção de novos projetos, amizades e relacionamentos. Significa, ainda, para muitos a saída de casa, com as conseqüentes modificações de papéis, tarefas de construção de respostas eficazes às exigências acadêmicas (SECO *et al.*, 2005).

A transição para o ensino superior também pode ser entendida como um período extenso, que precede, acompanha e ultrapassa os processos de mudança da transição. Os efeitos dessa transição poderão ir para além da circunstância específica no tempo e no espaço em que acontece. O primeiro ano de um curso superior pode não ser o ano da transição, mas apenas o seu início. A finalização da transição é imprecisa, podendo ocorrer até mesmo quando da conclusão da educação superior e do início de uma nova fase de vida – geralmente, a entrada no mercado de trabalho e o exercício da profissão (PINHEIRO, 2004).

Em síntese, a transição é caracterizada pela multiplicidade de trajetórias de vida, abrangendo, por exemplo, a transição da juventude para a idade adulta, a transição entre processos e espaços formativos, a transição escola-trabalho e a transição escola-universidade. Tratam-se de processos que vêm se tornando mais complexos na contemporaneidade, visto que a velocidade das transformações globais desafia os indivíduos a constantemente se adaptarem às mudanças. Tais processos são afetados por aspectos subjetivos, sociais, culturais e estruturais. A partir dessa visão, a transição específica de indivíduos com formação técnica-média para a educação superior é examinada a seguir.

3.2 Transição da formação profissional para a educação superior

O ingresso no ensino superior representa uma transição a partir do contexto da formação média. Não se refere apenas a um período intermediário vivido entre um contexto educativo e outro, mas a um período extenso, que poderia prosseguir durante todo o período do curso superior. Contudo, para fins analíticos, no escopo desta pesquisa não são considerados os percursos estudantis ao longo de toda a educação superior. A pesquisa focaliza particularmente as vivências anteriores ao curso superior e o momento específico de ingresso neste nível de ensino. Neste sentido, a transição é entendida como um processo no qual um indivíduo que concluiu ou evadiu de um curso técnico deu sequência à sua formação ao ingressar no ensino superior.

Ao focalizar o momento de entrada no curso superior, a transição se apresenta como um construto com operacionalidade empírica, configurando-se como uma “ponte” da formação profissional do nível médio para o ensino superior, podendo abranger não só a circunstância vivenciada e percebida pelo indivíduo em seu contexto micro, como também as macro influências institucionais externas a ele. Neste sentido, a transição se mostra como um fenômeno multidimensional, considerando a complexidade da interação entre os fatores pessoais e contextuais que influem nas oportunidades ou limitações para o ingresso no ensino superior.

Alguns estudos específicos sobre a transição da formação profissional de nível médio para a educação superior foram desenvolvidos na Austrália, Inglaterra, Estados Unidos e Reino Unido (ABBOTT-CHAPMAN, 2011; AYNSLEY; CROSSOUARD, 2010; DARE, 2006; HOELSCHER *et al.*, 2008). A escassez de pesquisas sobre esse tipo particular de transição pode estar relacionada à tendência não só no Brasil, mas em outros países, de maior oferta de educação geral média, em comparação com a educação técnica de nível médio.¹⁰

Além da menor oferta de educação profissional em relação à oferta de educação média (secundária), a transição da educação profissional para o ensino superior não é um

¹⁰ Sobre a prevalência de matrículas no ensino médio, em comparação com o ensino técnico no Brasil, ver Gráfico 4.

processo fácil. No sudeste da Inglaterra, por exemplo, menos de 50% das pessoas com qualificação profissional de nível médio progrediram para a educação superior em 2010. Entre essas, a maioria é jovem, do sexo masculino e de baixo *status* socioeconômico (AYNSLEY; CROSSOUARD, 2010). Esses autores apontam a necessidade de promover ações capazes de incentivar os estudantes com qualificação profissional a continuarem os estudos superiores.

Na Austrália, os estudantes de baixo *status* socioeconômico procedentes de áreas rurais tendem a procurar inicialmente uma educação técnico-profissional, para terem a opção de um emprego estável, pois muitos não podem, ou não querem, frequentar uma universidade (ABBOTT-CHAPMAN, 2011). Porém, isso não afasta a possibilidade de eles serem capazes de buscar um curso superior no futuro. Para tanto, Abbott-Chapman (2011) enfatiza a importância de uma estreita colaboração entre instituições de educação técnica e universidades, de modo a auxiliar a transição para o ensino superior de estudantes socioeconomicamente desfavorecidos.

Sendo um processo complexo, a transição para o ensino superior e para o mercado de trabalho requer que as universidades identifiquem as necessidades e demandas dos alunos enquanto eles ainda estão na escola média. Nesse sentido, a formulação de programas que combinam educação técnico-profissional com sólida formação acadêmica propicia experiências relevantes de aprendizagem pré-universitárias. Esse é um modo de preparar os estudantes para alcançarem objetivos educacionais e de carreira profissional (DARE, 2006; HOELSCHER *et al.*, 2008).

A esse respeito, Almeida (2005) afirma que quando os jovens encontram na educação profissional a oportunidade de prolongamento dos estudos, seus itinerários de transição são renovados. Muitos, ao se tornarem estudantes na educação superior, não deixam de atuar profissionalmente, assumindo paralelamente os papéis de estudante e de trabalhador. Diante dos imperativos de uma escolarização continuada, o prosseguimento dos estudos após o término da formação profissional de nível médio visa, muitas vezes, à obtenção de um diploma que possibilite a inserção mais qualificada no mundo do trabalho. Além disso, é “justificada pela necessidade de aprofundamento dos saberes profissionais para o melhor exercício do ofício”. Trata-se de uma relação com o

saber continuamente reconstruída ao longo do tempo de transição educacional (ALMEIDA, M. S. P., 2005, p. 460).

Para Pochmann (2012, p. 500), a transição dos sistemas de formação profissional para a sociedade pós-industrial pressupõe profunda alteração na organização da vida, do estudo e do trabalho. “O conhecimento torna-se estratégico na inserção e configuração das novas trajetórias ocupacionais” e “a educação deixa de ser algo centrado nas fases precoces da vida (crianças, adolescente, jovens e alguns poucos adultos), como no passado, para ser algo necessário ao longo da vida.”

Nesse contexto, iniciar uma carreira técnica não é mais uma via de mão única, sem oportunidade de acesso à educação continuada e a carreiras acadêmicas. Pelo contrário, ao término da educação básica, muitos optam pela formação técnica antes de ingressar na universidade e vice-versa (RAUNER; SMITH, 2010).

Do mesmo modo, a transição entre a saída da formação técnico-média e o ingresso no ensino superior é um momento de decisões que podem representar mudanças nos rumos da vida em diversos âmbitos, sobretudo no profissional. Um dos processos mais relevantes nestes momentos de decisão e transição é o comportamento exploratório, que reflete na busca do indivíduo por informações e conhecimentos sobre si e sobre o ambiente profissional (CASTRO, A. K. S. S.; TEIXEIRA, 2013).

Do ponto de vista macroeconômico, um nível elevado de instrução tende a melhorar a carreira de um indivíduo, sendo que os graduados na educação superior têm perspectivas de carreira melhores do que os trabalhadores de nível técnico e estes têm melhores perspectivas do que trabalhadores não qualificados ou semiquilificados. Contudo, quando o número de pessoas com nível superior excede a capacidade de absorção do mercado de profissionais de alta qualificação, então eles têm de se inserir em setores intermediários do mercado de trabalho, a despeito do fato de que são diplomados de nível universitário (RAUNER, 2007).

Harris, Rainey e Sumner (2006), ao pesquisarem percursos de educação profissional e formação superior, identificaram diversas razões para a transição a partir de depoimentos de estudantes que experimentaram tanto a formação técnica quanto o ensino superior. Entre essas razões se destacam: exigência do empregador, necessidade

de conseguir um emprego mais seguro, mudança de emprego ou carreira, interesse pelo curso escolhido, melhora das perspectivas profissionais, além de outras referentes à escolha específica do curso e da instituição educacional, tais como influência de pais ou amigos ou orientadores educacionais, flexibilidade do curso, localização, reputação e qualificação da instituição. Alguns dos estudantes pesquisados vivenciaram barreiras na transição, como problemas financeiros, deslocamento de seu local de residência, gestão do tempo para lidar com o trabalho, a família e o estudo, problemas com a oferta do curso e questões pessoais e familiares.

Os estudos internacionais apresentados tratam a transição do ensino técnico para o superior como algo que deve ser incentivado pelas instâncias educacionais, pois essa transição representa uma evolução educacional e profissional para os estudantes. De modo similar, no Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei 9.394/1996) prevê a continuação dos estudos de nível superior aos egressos de cursos técnicos, ao estabelecer que os diplomados de cursos de educação profissional técnica de nível médio estão habilitados a prosseguir os estudos na educação superior (BRASIL, 1996).

Contrárias à transição do ensino técnico para o ensino superior, algumas concepções e iniciativas brasileiras que tomaram força a partir de meados de 1990 defendem o caráter terminal do ensino técnico de nível médio (BRASIL, 1997; CASTRO, C. M., 1997, 2008; MEC, 2002). Particularmente, a reforma da educação profissional consolidada no Decreto 2.208/1997 (BRASIL, 1997) suscitou polêmicas sobre o caráter propedêutico do ensino técnico-médio, ou seja, a progressão para carreiras de nível superior.

A instituição da Rede Federal de Educação Profissional e a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (Lei 11.892/2008) estabeleceu uma estrutura de educação profissional vertical, que possibilita a continuidade de estudos nos campos do ensino técnico e do ensino superior tecnológico. Em uma mesma instituição de ensino profissional é possível transitar do curso técnico para um curso superior e, ainda, continuar o aperfeiçoamento de conhecimentos e habilidades profissionais por meio de cursos de pós-graduação. Essa diretiva consolida um bloco de formação profissional paralelo ao sistema universitário tradicional, promovendo “a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior” (BRASIL, 2008, p. 5).

A possibilidade de prosseguimento dos estudos após a conclusão da formação profissional foi reforçada em 2014 (Decreto 8.268/2014), com a determinação de instituir cursos e programas de qualificação profissional e de educação técnica de nível médio “organizados por regulamentação do Ministério da Educação em trajetórias de formação que favoreçam a continuidade da formação” (BRASIL, 2014a, p. 1).

Tendo em vista que a legislação atual considera a transição da educação técnica para o ensino superior, inclusive estabelecendo mecanismos para o prosseguimento de estudos nas próprias instituições de educação profissional, as discussões do presente trabalho possuem relevância tanto teórica, dada a escassez de literatura nacional e internacional sobre este tipo particular de transição, quanto prática, visto que examina fatores associados à transição para o ensino superior de estudantes da Rede Federal de Educação Profissional de Minas Gerais.

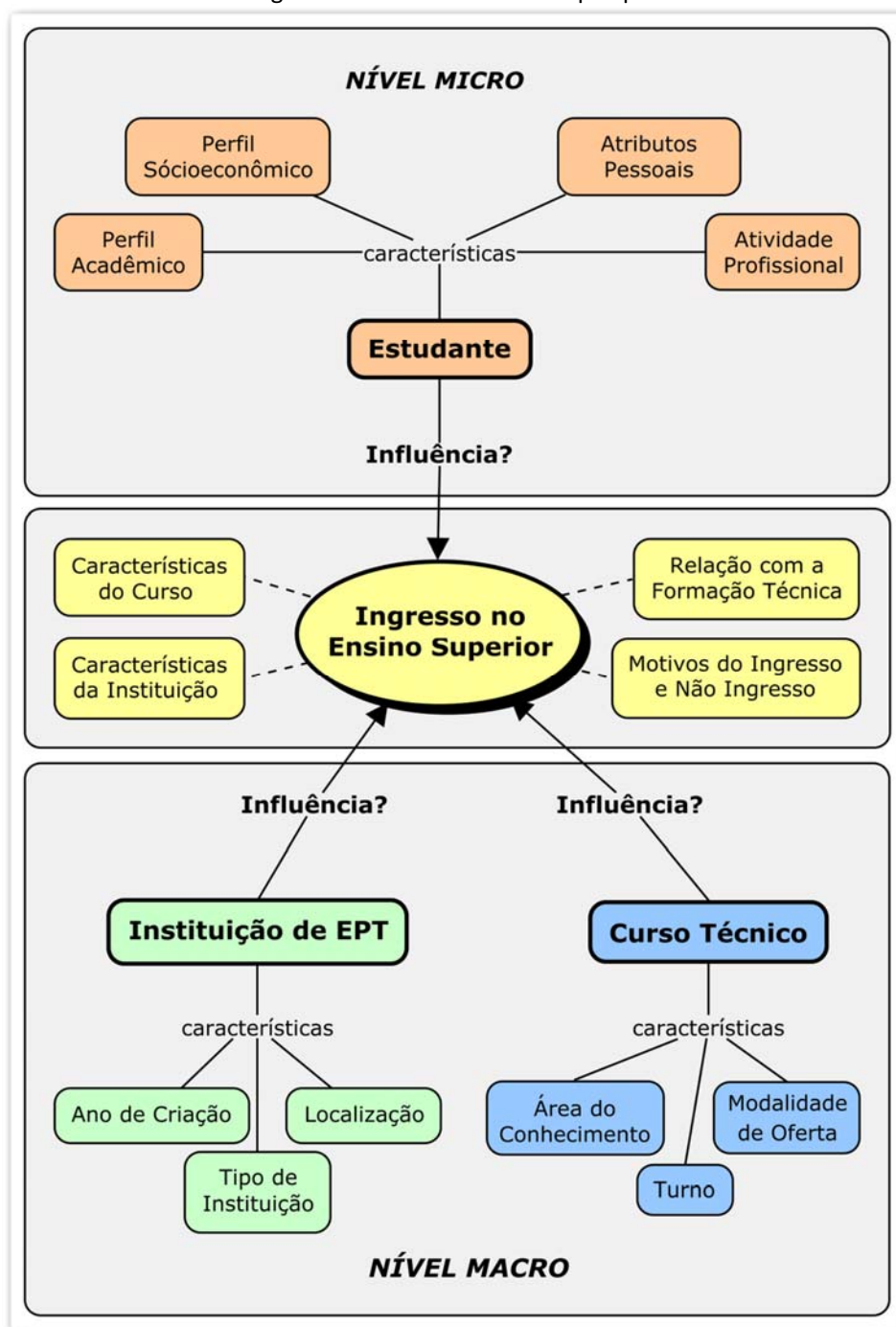
3.3 Modelo analítico e hipóteses sobre a transição para a educação superior

O modelo analítico e as hipóteses da pesquisa fundamentam-se na reflexão sobre a literatura explorada, que indica que o acesso e a permanência no ensino superior se diferenciam conforme o perfil dos alunos, em termos socioeconômicos (renda, instrução dos pais, etc.), acadêmicos (desempenho escolar, tipo de escola, etc.) e pessoais (gênero, raça, idade etc.).

Esse conjunto de fatores implica condições mais ou menos favoráveis, refletindo no nível variado de sucesso ou insucesso obtido pelos estudantes ao longo de seus percursos educacionais. Assim, os recursos materiais, sociais e culturais do indivíduo, associados aos aspectos contextuais da escola e do curso (local, estrutura, organização, recursos, políticas e práticas internas) podem influenciar sua permanência no sistema educacional e a transição para um grau de escolaridade mais elevado (DORE, ROSEMARY; LÜSCHER, 2011; FINI, 2007; SILVA, N. V.; HASENBALG, 2002; SOARES; ALVES; OLIVEIRA, 2001).

A partir dessas premissas, o modelo analítico da pesquisa (Figura 1) tem a finalidade de condensar níveis de análise e fatores que permeiam o processo de transição da formação profissional de nível médio para o ensino superior.

Figura 1 - Modelo analítico da pesquisa



Legenda: EPT – Educação Profissional e Tecnológica

Fonte: Elaborada pela autora¹¹

¹¹ O modelo foi elaborado por meio do *software* de mapas conceituais *Cmap*: <<http://cmap.ihmc.us>>.

O modelo analítico da pesquisa considera três níveis de análise, associados à transição para o ensino superior: a) estudante; b) curso técnico; e c) instituição de educação profissional. O modelo e estes níveis analíticos também apresentam correspondência direta com a técnica estatística de regressão hierárquica, utilizada em pesquisas educacionais quantitativas, como será abordado em detalhes na seção seguinte sobre métodos. Para fins analíticos, o nível do estudante contempla atributos pessoais, assim como outros recursos e processos articulados no suporte de sua formação educacional. Os níveis do curso técnico e da instituição de educação profissional podem ser vistos como o contexto escolar, evidenciando elementos institucionais que tendem a influenciar o pensar e o agir dos estudantes.

Em relação ao nível do estudante, o modelo inclui variáveis: a) pessoais – idade, raça, estado civil e filhos; b) socioeconômicas – escolaridade dos pais e renda familiar; c) acadêmicas – rede de ensino fundamental frequentada (pública ou privada) e perfil escolar no curso técnico (evadido ou concluinte); e d) profissionais – situação de trabalho após o curso técnico e atuação na área técnica.¹²

Quanto ao nível do curso técnico, o modelo contempla as seguintes variáveis: a) turno – diurno ou noturno; b) modalidade de oferta – curso médio externo ou concluído na instituição técnica; e c) área de conhecimento do curso técnico.

No que se refere à modalidade de oferta do curso, foram considerados: a) curso médio realizado na mesma instituição do curso técnico (formação integrada); b) curso médio concluído em outra instituição escolar (formação concomitante ou subsequente). Na formação concomitante, o ensino técnico e o médio são cursados ao mesmo tempo, mas em escolas diferentes e com matrículas e matrizes curriculares distintas. Na formação integrada, a educação média e a técnica são unificadas em um mesmo currículo e escola. Por sua vez, a formação técnica subsequente é direcionada àqueles que já tenham concluído o ensino médio.

¹² Entende-se que algumas das características do estudante também se relacionam com o nível contextual (por exemplo, situação de trabalho e/ou estudo e condição socioeconômica). No entanto, no modelo adotado foram posicionadas apenas no nível do estudante, notadamente, diante da necessidade de se estabelecer um modelo teórico que fosse exequível do ponto de vista estatístico.

Com relação à área de conhecimento dos cursos técnicos, embora estes sejam classificados em 13 eixos tecnológicos pelo Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos (SETEC, 2012), optou-se por agrupá-los em cinco áreas, de modo a possibilitar o estabelecimento de relações entre as áreas profissionais dos cursos técnicos e superiores: a) Agrárias; b) Biológicas e Saúde; c) Exatas; d) Humanas; e e) Sociais Aplicadas. Tais áreas representam uma adaptação das oito grandes áreas do conhecimento aplicadas, geralmente, aos cursos superiores (CNPQ, 2013). Essas adaptações realizadas pela pesquisa originaram uma classificação que se aplica tanto aos cursos técnicos quanto aos cursos superiores, possibilitando que a correspondência entre ambos seja analisada (ver Apêndice A).

No que concerne ao nível da instituição de educação profissional e tecnológica, o modelo abrange: a) ano de criação de cada instituição pesquisada, incluindo desde instituições centenárias até aquelas fundadas recentemente; b) localização – Capital ou interior de Minas Gerais; e c) tipo de instituição – CEFET, ETU e IF. Para a classificação das instituições, foram consideradas as denominações vigentes no período de realização da pesquisa. Assim, as instituições que se transformaram em Institutos Federais, com base na Lei 11.892/2008, foram designadas na pesquisa pela sua nomenclatura atual.

Tendo em vista os diferentes níveis de análise (estudante, curso e instituição de educação profissional), foram consideradas as seguintes hipóteses de pesquisa:

- **Hipótese 1:** O acesso ao ensino superior se diferencia de acordo com fatores do estudante, quais sejam: idade, gênero, raça, estado civil, filhos, condição socioeconômica, perfil acadêmico e perfil profissional.
- **Hipótese 2:** O ingresso no ensino superior é associado a fatores contextuais do curso técnico, quais sejam: modalidade de oferta, área do conhecimento e turno.
- **Hipótese 3:** O acesso ao ensino superior se diferencia de acordo com fatores contextuais da instituição de educação profissional, quais sejam: ano de criação, tipo de instituição e localização.

Os fatores que possivelmente se associam ao ingresso no ensino superior abarcados no modelo e nas hipóteses da pesquisa são descritos no Quadro 2, que os relaciona a seus respectivos níveis de análise.

Quadro 2 - Fatores associados ao ingresso no ensino superior

| Nível de Análise | Fator | |
|--------------------------------------|---|--|
| Estudante | Atributos pessoais | Idade |
| | | Gênero |
| | | Cor/raça |
| | | Estado civil |
| | | Filhos |
| | Perfil socioeconômico | Escolaridade dos pais |
| | | Renda familiar per capita |
| | Perfil acadêmico | Evasão ou conclusão do curso técnico |
| | | Escola fundamental frequentada - pública ou privada |
| Atividade profissional | Situação de trabalho após o curso técnico | |
| | Atuação na área técnica | |
| Curso Técnico | Área do conhecimento | Agrárias, Biológicas e Saúde, Exatas, Humanas, Sociais Aplicadas |
| | Modalidade de oferta | Curso médio externo ou concluído na instituição técnica |
| | Turno | Diurno ou noturno |
| Instituição de Ensino Técnico | Ano de criação | O estabelecimento das instituições varia de 1909 a 2010 |
| | Tipo de instituição | CEFET, IF ou ETU |
| | Localização | Capital ou interior |

Fonte: Elaborado pela autora

Além dos fatores associados ao ingresso no ensino superior, o modelo analítico da pesquisa contempla características do curso e da instituição de ensino superior, relação entre formação técnica e formação superior e motivos declarados pelos estudantes para ingressar, ou não, no ensino superior, conforme Quadro 3.

Quadro 3 - Informações referentes ao ensino superior

| Tema do Ensino Superior | Elemento de Análise |
|---|--|
| Características do Ensino Superior | Grau acadêmico do curso superior |
| | Modalidade do curso superior |
| | Rede de ensino superior |
| | Forma de pagamento do curso superior |
| Relação do Curso Superior com a Formação Técnica | Curso superior realizado em instituição de EPT |
| | Relação entre a área do curso técnico e a do curso superior |
| | Influência do técnico na continuidade dos estudos |
| | Influência do técnico no desempenho acadêmico no ensino superior |
| Motivos do Ingresso no Ensino Superior | Trabalho |
| | Demandas de formação e afinidade |
| | Fatores pessoais e familiares |
| | Informação e preparação prévia |
| | Características da escola e do curso |
| Motivos do não Ingresso no Ensino Superior | Fatores financeiros, de trabalho e de mobilidade |
| | Fatores pessoais ou familiares |
| | Interesse e dificuldade |

Fonte: Elaborado pela autora

As características do curso e da instituição de ensino superior incluem: a) grau acadêmico do curso – bacharelado, licenciatura ou tecnologia; b) modalidade do curso – presencial ou a distância; c) rede de ensino – pública ou privada; e d) forma de pagamento do curso – recursos próprios/familiares, bolsa ou financiamento estudantil.

A relação entre formação técnica e formação superior é avaliada em termos de: a) continuidade de estudos de nível superior em instituição de educação profissional e tecnológica; b) alinhamento entre a área profissional do curso superior e a do curso técnico frequentado; c) influência da formação técnica na continuidade dos estudos e no desempenho acadêmico no ensino superior.

Os motivos apontados pelos estudantes para ingresso, ou não, no ensino superior envolvem fatores pessoais, financeiros e profissionais, além daqueles relativos a seu interesse ou desinteresse, à informação e preparação prévia, à facilidade ou dificuldade do vestibular e às características e disponibilidade de instituições e cursos superiores, entre outros.

Os elementos analíticos do modelo da pesquisa apresentados ao longo desta seção foram identificados a partir de um trabalho de exploração do fenômeno de interesse, por

meio não apenas da análise de literatura, mas também de reuniões com estudantes, professores e gestores da Rede Federal de Educação Profissional de Minas Gerais. Isso proporcionou uma base de conhecimento sobre o objeto da pesquisa e sobre o contexto de diferentes instituições de formação técnica, que foi essencial para identificar os possíveis fatores associados à transição de estudantes para o ensino superior. Com efeito, subsidiou a construção do instrumento de coleta de dados, o qual será elucidado no próximo capítulo, que aborda os métodos qualitativos e quantitativos da pesquisa.

4 METÓDOS DE PESQUISA

Em consonância com os objetivos desta tese, optou-se pela condução de uma pesquisa de métodos mistos, combinando abordagens quantitativas e qualitativas, em busca de uma percepção mais completa do problema educacional em foco. Embora a dimensão quantitativa tenha maior extensão neste trabalho, ambas as abordagens foram essenciais para a compreensão do objeto de estudo.

A técnica de métodos mistos empregada envolveu a coleta de dados quantitativos e qualitativos de forma simultânea. A estratégia de método misto do tipo simultânea propicia ao pesquisador fazer a convergência de dados quantitativos e qualitativos, a fim de obter descrição e interpretação robustas (CRESWELL, 2002; HUFF, 2009).

A estratégia de interação entre métodos, conhecida por “triangulação”, é útil para a obtenção de perspectivas diversificadas sobre o fenômeno de interesse. Assim, a abordagem quantitativa e a qualitativa se complementam no estudo, em um processo que visa compensar as deficiências de cada método utilizado isoladamente (FLICK, 2004).

A pesquisa quantitativa foi destinada à obtenção de conjuntos de dados estatísticos sobre o objeto de investigação, visando à representação mais simplificada de fenômenos complexos, bem como à generalização dos resultados (LAKATOS; MARCONI, 1991). Já a pesquisa qualitativa permitiu que o objeto de estudo fosse apreendido em profundidade, por meio do contato direto e interativo da pesquisadora com o contexto e os sujeitos do estudo. Este tipo de abordagem valoriza o papel ativo do sujeito no processo de produção de conhecimento, concebendo a realidade como uma construção social (ANDRÉ, 2005).

A abordagem quantitativa teve como estratégia a pesquisa de *survey*,¹³ que se caracteriza por: a) produzir informações estatísticas, isto é, descrições quantitativas de alguns aspectos da população pesquisada; b) coletar informações a partir da interrogação direta de pessoas, cujas respostas constituem dados para análise; e c) coletar informações de uma parcela da população (amostra), o que possibilita realizar estimativas sobre a

¹³ Apesar de a palavra *survey* existir em português como “levantamento”, este trabalho optou por não a utilizar, considerando sua natureza polissêmica, além de ser comum a difusão do termo em inglês no campo de metodologia de pesquisa no Brasil.

natureza da totalidade da população (universo) da qual a amostra foi selecionada, levando-se em conta a margem de erro calculada estatisticamente (FOWLER, 1986).

Esse tipo particular de pesquisa quantitativa empírica é propício ao exame de temas sociais, sendo notadamente eficaz quando associado a outros métodos (BABBIE, 1999). Desse modo, o *survey* foi combinado com o método qualitativo de grupos focais, que, em geral, envolve participantes de uma população-alvo bem definida, reunidos para a discussão de um conjunto de tópicos pré-selecionados e apresentados por um moderador. A transcrição das discussões serve como fonte de dados para a análise qualitativa (WOLFF; KNODEL; SITTITRAI, 1993). Esses autores observam que a integração dos grupos focais com a pesquisa de *survey* apresenta potenciais ganhos para a validade das conclusões do estudo e para a geração de novas hipóteses que avancem a pesquisa (WOLFF; KNODEL; SITTITRAI, 1993).

4.1 Contexto e participantes

Este trabalho é parte de uma pesquisa em rede vinculada ao Programa Observatório da Educação (CAPES/INEP), intitulada “Educação Técnica de Nível Médio da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais: Organização dos IF, Políticas para o Trabalho Docente, Permanência/Evasão de Estudantes e Transição para o Ensino Superior e para o Trabalho”.

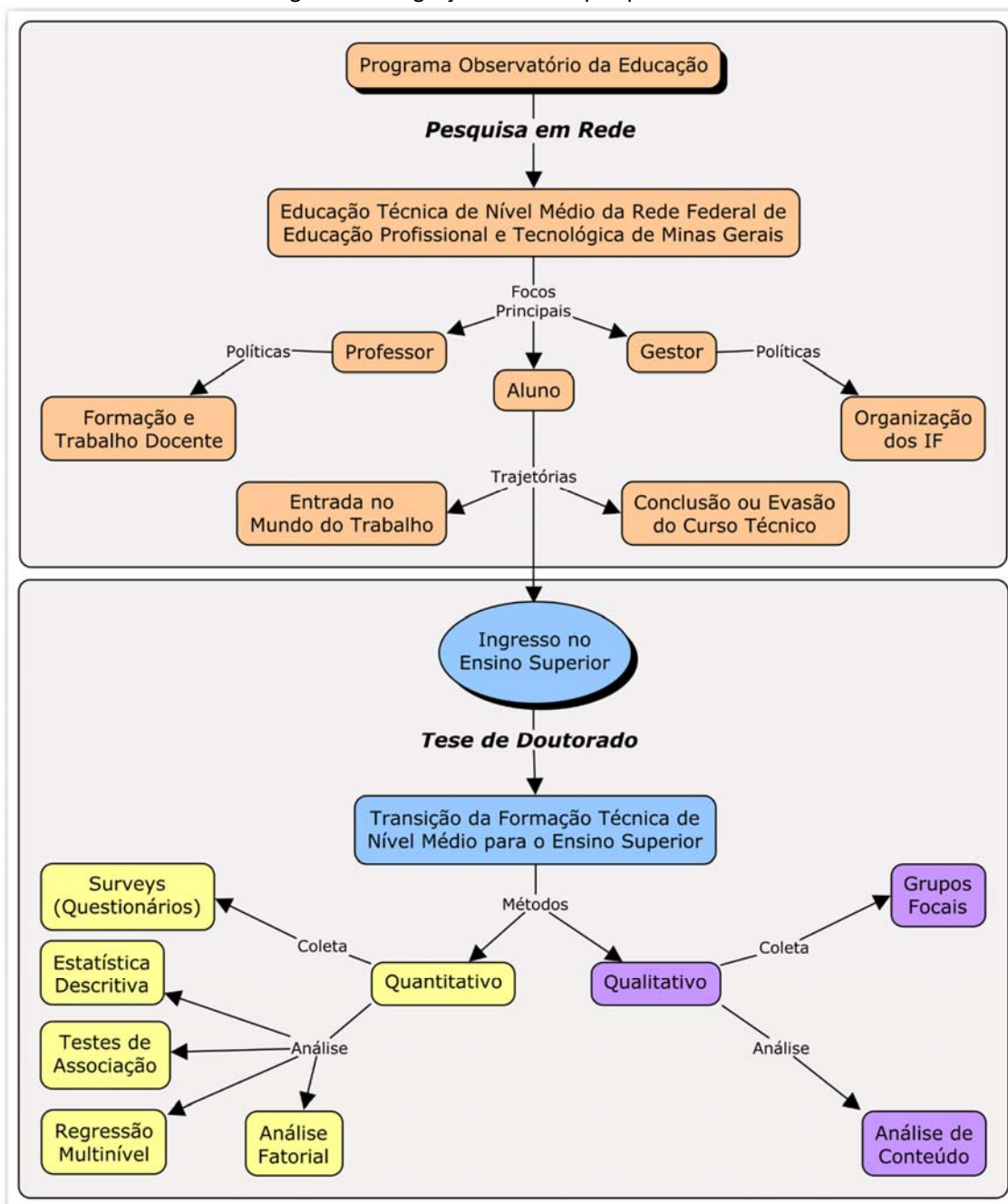
A pesquisa mencionada foi desenvolvida no período de 2011 a 2014, sob a coordenação geral da orientadora desta tese, envolvendo a colaboração de pesquisadores e estudantes de três programas pós-graduação em Educação (UFMG, PUC Minas e CEFET-MG), além do apoio institucional da Rede Federal de Educação Profissional de Minas Gerais.¹⁴

O trabalho colaborativo da rede visou elucidar diferentes aspectos da educação técnica de nível médio, a partir das perspectivas de alunos, professores e gestores da Rede

¹⁴ Obteve-se adesão da Rede Federal a partir de anuências formais de dirigentes das diferentes instituições, que aceitaram colaborar para a realização da pesquisa, disponibilizando dados de estudantes, além de indicar professores e técnicos para apoiar o levantamento de informações nas escolas e a aplicação de questionários da pesquisa.

Federal de Educação Profissional. Esses diferentes aspectos são descritos na Figura 2, que destaca o objeto e os métodos de investigação desta tese de doutorado, construídos no âmbito da pesquisa em rede.

Figura 2 - Integração da tese à pesquisa em rede



Legenda: IF – Institutos Federais

Fonte: Elaborada pela autora.

Tal como ilustra a Figura 2, a transição para o ensino superior é uma das possíveis trajetórias estudantis após a formação técnica de nível médio. Os dados quantitativos e qualitativos referentes a este tipo particular de transição, analisados nesta tese, foram coletados no contexto da pesquisa em rede, com o suporte de sua equipe e com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG (ver Anexo A).

A investigação sobre as diferentes trajetórias dos estudantes de cursos técnicos foi desenvolvida na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais. Esta se desdobra em três tipos de instituição: a) Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET); b) Escolas Técnicas Vinculadas a Universidades Federais (ETU); e c) Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFET). As instituições participantes da pesquisa incluem: sete unidades do CEFET-MG, quatro Escolas Técnicas Vinculadas a Universidades Federais e cinco Institutos Federais, com seus 26 *campi*. No total, foram pesquisadas 37 unidades escolares. A relação dessas instituições e de suas respectivas unidades consta do Apêndice B, que inclui também a informação sobre o ano de criação de cada uma delas.

Os sujeitos da pesquisa evadiram ou concluíram cursos técnicos de nível médio nas diferentes instituições pesquisadas entre 2006 e 2010. Foram considerados estudantes dos diversos cursos diurnos e noturnos, envolvendo as diferentes modalidades de oferta (concomitante, integrada e subsequente). Não foram incluídos estudantes evadidos e diplomados de cursos técnicos a distância ou vinculados ao Proeja.

Os estudantes diplomados foram definidos como aqueles que concluíram efetivamente o curso técnico, incluindo o nível médio, a formação profissional, o estágio e o relatório de estágio – ou seja, todas as etapas necessárias à obtenção do diploma. Os evadidos foram considerados aqueles que se matricularam e frequentaram uma parte do curso¹⁵, abandonando-o sem obter o diploma de técnico por não terem concluído alguma de suas etapas obrigatórias.

Levando em conta a definição do universo da pesquisa e dos sujeitos que dela participariam, buscou-se identificar a população-alvo da pesquisa, por meio de pesquisas

¹⁵ Foram considerados aqueles alunos que cursaram ao menos 25% do período letivo (2 meses), excluindo-se aqueles que evadiram antes desse período, pois não teriam vivência suficiente no curso para responder ao questionário da pesquisa.

dos registros escolares das instituições participantes. Isso permitiu estimar o tamanho da população e formar uma lista de respondentes potenciais, incluindo informações sobre nome completo do estudante, endereço e telefone de contato, curso técnico frequentado, instituição e cidade do curso e ano de evasão ou conclusão.

As informações coletadas compuseram um banco de dados de 9.950 evadidos e 17.683 diplomados. As frequências brutas de evasão e conclusão nas instituições da Rede Federal de Educação Profissional de Minas Gerais são exibidas na Tabela 1.

Tabela 1 - Levantamento de evadidos e concluintes (2006 a 2010)

| Instituição | Evadido Nº | Concluinte Nº |
|----------------------|---------------|------------------|
| CEDAF-UFV | 168 | 269 |
| CEFET-MG | 1.482 | 5.032 |
| CEFORES-UFTM | 146 | 348 |
| COLTEC | 159 | 247 |
| ESTES-UFU | 90 | 469 |
| IF Minas | 2.989 | 4.250 |
| IF Norte de Minas | 1.330 | 1.266 |
| IF Sudeste de Minas | 1.961 | 2.983 |
| IF Sul de Minas | 775 | 1.970 |
| IF Triângulo Mineiro | 850 | 849 |
| Total | 9.950 | 17.683 |

Fonte: Dados da pesquisa

Com base nesses dados, delineou-se um plano de amostragem, para a seleção dos estudantes que responderiam aos questionários da pesquisa. A amostragem probabilística (aleatória) foi utilizada, tendo em vista sua eficiência para selecionar um conjunto de indivíduos que represente adequadamente a heterogeneidade de seu grupo social como um todo. Essa seleção se fundamentou na ideia de que a amostra de determinada população é representativa quando todos os seus membros têm probabilidade igual de serem incluídos na pesquisa, o que possibilita realizar inferências sobre a população maior da qual a amostra faz parte (BABBIE, 1999).

Os estudantes foram selecionados com base em amostras aleatórias simples com reposição, sendo que nos casos de empecilho para obter suas participações, recorreu-se a uma lista de reposição que seguia uma ordem de sorteio. “A amostragem aleatória

simples consiste em atribuir a cada elemento da população um número único para depois selecionar alguns desses elementos de forma casual” (GIL, 1999, p. 101).

O tamanho estimado das amostras foi de 1.000 evadidos e 1.218 diplomados, considerando a margem de erro de 3% para estimativas de proporções. As distribuições das amostras por instituição e por ano de evasão/conclusão são apresentadas a seguir (Tabela 2 e Tabela 3).

Tabela 2 - Amostras estimadas por instituição

| Instituição | Evadido | | Concluinte | |
|----------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | Nº | % | Nº | % |
| CEDAF-UFV | 14 | 1,4 | 19 | 1,6 |
| CEFET-MG | 148 | 14,8 | 346 | 28,4 |
| CEFORES-UFTM | 15 | 1,5 | 24 | 2,0 |
| COLTEC | 18 | 1,8 | 17 | 1,4 |
| ESTES-UFU | 7 | 0,7 | 32 | 2,6 |
| IF Minas | 130 | 13,0 | 293 | 24,1 |
| IF Norte de Minas | 194 | 19,4 | 87 | 7,1 |
| IF Sudeste de Minas | 92 | 9,2 | 206 | 16,9 |
| IF Sul de Minas | 99 | 9,9 | 135 | 11,1 |
| IF Triângulo Mineiro | 283 | 28,3 | 59 | 4,8 |
| Total | 1.000 | 100,0 | 1.218 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 3 - Amostras estimadas por ano de evasão e conclusão

| Ano | Evadido | | Concluinte | |
|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | Nº | % | Nº | % |
| 2006 | 171 | 17,1 | 235 | 19,3 |
| 2007 | 197 | 19,7 | 252 | 20,7 |
| 2008 | 242 | 24,2 | 247 | 20,3 |
| 2009 | 197 | 19,7 | 218 | 17,9 |
| 2010 | 193 | 19,3 | 266 | 21,8 |
| Total | 1.000 | 100,0 | 1.218 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa

A pesquisa obteve a participação de 76% da amostra estimada de evadidos e 82,7% da amostra estimada de diplomados, o que representou o total de 1.769 respondentes (762 evadidos e 1.007 diplomados).

Para fins específicos desta tese, o universo de análise foi composto por estudantes evadidos e diplomados, habilitados a fazer a transição para o ensino superior após o curso

técnico. Tendo em vista esse universo específico de análise, foi necessário realizar um recorte na base de dados original da pesquisa. Foram excluídos participantes que não completaram o ensino médio, pois não estavam aptos a ingressar no ensino superior, além de sujeitos que fizeram o ensino superior antes do curso técnico.

Após a exclusão dos respondentes que não se enquadravam no escopo da tese, o total de sujeitos foi reduzido de 1.769 para 1.570 (Tabela 4). Mesmo com a redução, o tamanho da amostra foi expressivo e suficiente para realizar análises estatísticas inferenciais, tal como demonstra a margem de erro geral de 2,4% (Tabela 5), que assegurou a precisão e a confiabilidade da amostra da tese.

Tabela 4 - Universo de pesquisa delimitado para a tese

| | |
|---|--------------|
| Universo pesquisado pela Rede | 1.769 |
| Evadidos | 762 |
| Diplomados | 1.007 |
| Universo considerado para a tese | 1.570 |
| Ingressantes no ensino superior | 969 |
| Não ingressantes no ensino superior | 601 |

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 5 - Margens de erro da amostra

| Instituição | N | n | Erro |
|--------------------|---------------|--------------|-------------|
| CEFET | 6.514 | 408 | 4,7% |
| ETU | 1.896 | 116 | 8,8% |
| IF | 19.223 | 1.046 | 2,9% |
| Total Geral | 27.633 | 1.570 | 2,4% |

Fonte: Dados da pesquisa

Da amostra de 1.570 participantes analisados na tese, 969 ingressaram no ensino superior após o curso técnico e 601 não ingressaram. Ambos os grupos (ingressantes e não ingressantes) foram considerados nas análises, com a finalidade de comparar um com o outro e examinar os fatores associados à continuidade, ou não, dos estudos.

4.2 Fontes de coleta e técnicas de análise dos dados

Foram utilizadas diferentes fontes de coleta de dados, a fim de obter uma base para a triangulação das informações sobre o objeto em estudo (FLICK, 2004). Nessa direção,

optou-se por utilizar questionários e grupos focais. Uma visão geral sobre cada uma das fontes de coleta, tendo em vista suas características, relevância e aplicação, é descrita no Quadro 4.

Quadro 4 - Fontes de coleta de dados

| Fonte de Coleta de Dados | Caracterização e Importância | Aplicação na pesquisa |
|--------------------------|---|--|
| Questionário | Instrumento que abrange um conjunto de questões concebidas e aplicadas exatamente da mesma forma para um grupo de pessoas, a fim de coletar dados sobre temas de interesse do pesquisador (JUPP, 2006). | Amostra de 1.570 respondentes, sendo 969 ingressantes no curso superior e 601 não ingressantes. |
| Grupo Focal | Discussão envolvendo grupos de uma população-alvo, reunidos para tratar de temas pré-selecionados, sob a condução de um moderador (WOLFF; KNODEL; SITTITRAI, 1993). | Participação de 63 estudantes (evadidos e diplomados) que ingressaram no ensino superior. Esses estudantes compuseram 10 grupos distintos. |

Fonte: Elaborado pela autora

Uma síntese dos métodos de coleta e análise dos dados, alinhada com os objetivos específicos da tese, é apresentada no Quadro 5.

Quadro 5 - Métodos de coleta e análise relacionados aos objetivos da pesquisa

| Objetivo Específico | Método de Coleta | Método de Análise |
|---|------------------|---|
| Apurar o número de estudantes que saíram do curso técnico (evasão ou conclusão) entre 2006 e 2010 e posteriormente entraram no ensino superior. | Questionário | Estatística descritiva |
| Analisar os fatores dos estudantes (pessoais, socioeconômicos, profissionais e acadêmicos) e suas relações com o prosseguimento dos estudos na educação superior. | Questionário | Estatística inferencial (Regressão hierárquica) |
| Analisar os fatores contextuais dos cursos técnicos (modalidade, turno e área) e das instituições de EPT (tipo, localização e ano de criação), relacionando-os com o ingresso no ensino superior. | Questionário | Estatística inferencial (Regressão hierárquica) |
| Investigar as percepções dos estudantes sobre seus motivos para o ingresso (ou não) no ensino superior. | Questionário | Estatística inferencial (Análise fatorial) |
| Analisar as características do ensino superior (curso e instituição) a que os estudantes tiveram acesso, identificando suas relações com a formação técnica. | Questionário | Estatística descritiva |
| | Grupo focal | Análise de conteúdo |

Fonte: Elaborado pela autora

Cada método de coleta e análise de dados quantitativos e qualitativos apresentado no Quadro 5 é detalhado a seguir, nas seções 4.3 e 4.4.

4.3 Procedimentos quantitativos

O questionário foi o instrumento usado para coletar dados quantitativos da pesquisa de *survey*. Dois tipos de questionário foram elaborados, sendo um geral, sobre a educação profissional, e outro específico, sobre o ensino superior (Apêndice C). O questionário geral conteve questões sobre: características pessoais do respondente, situação socioeconômica, formação educacional anterior ao curso técnico, atividades profissionais e características da instituição e do curso técnico frequentado. Além disso, incluiu questões sobre os motivos do não ingresso no ensino superior, que foram respondidas por aqueles que completaram o ensino médio e não prosseguiram os estudos de nível superior.

O questionário específico, complementar ao questionário geral, contemplou questões sobre: motivos para a entrada no curso superior e características do curso e da instituição de ensino superior a que os respondentes tiveram acesso. Este questionário complementar foi respondido apenas por aqueles que afirmaram ter entrado em um curso superior após a saída do curso técnico.

Nos questionários da pesquisa, são predominantes as questões fechadas, nas quais as respostas se referem apenas às opções apresentadas, que podem ser apenas “sim” ou “não”, ou podem permitir a indicação de vários graus de influência ou concordância ou, ainda, consistir em uma série de respostas, dentre as quais o respondente escolhe a mais próxima de sua posição (SELLTIZ *et al.*, 1971).

As questões sobre o ingresso e não ingresso no ensino superior incluíram diversos itens referentes aos possíveis fatores de influência na opção de prosseguir ou não os estudos. Como formato de resposta a cada um dos itens, foi utilizada uma escala de cinco níveis, na qual o participante deveria assinalar um dos números de acordo com o grau de influência. Os números da escala variavam de 0 a 4, sendo 0 “Não influenciou”, 1 “Influenciou pouco”, 2 “Influenciou razoavelmente”, 3 “Influenciou muito” e 4

“Influenciou totalmente”. Esta escala possibilitou a gradação e a ampliação das opções de respostas, de forma a captar nuances entre as percepções dos respondentes.

Para a construção das questões, buscaram-se termos objetivos e compreensíveis, para evitar que os respondentes inferissem significados distintos da proposta da pesquisa. Em outras palavras, o questionário foi elaborado considerando referências comuns ao contexto dos respondentes, para evitar a ambiguidade e a incompreensão do enunciado e do objetivo da questão (CONVERSE; PRESSER, 1986; FOWLER, 1995).

A clareza das questões foi verificada com base em procedimentos padronizados de pré-teste, elemento essencial na pesquisa de *survey* para gerar dados válidos e confiáveis (SIMÕES; PEREIRA, 2007). O principal instrumento do pré-teste foi a entrevista cognitiva, que visou checar o entendimento dos respondentes sobre termos empregados no questionário. A entrevista cognitiva “possibilita investigar as quatro etapas do processo de compreensão da pergunta e produção da resposta: entendimento do enunciado, *retrieval* (busca na memória de informações necessárias ou relevantes para a resposta), julgamento e edição da resposta” (SIMÕES; PEREIRA, 2007, p. 250).

Um pré-teste foi realizado com dez estudantes de quatro instituições participantes, visando identificar possíveis inconsistências e estimar o tempo gasto para responder o questionário. Para tanto, adotaram-se os seguintes passos: a) o instrumento foi utilizado tal como seria na pesquisa, de maneira autoaplicada, ou seja, lido e preenchido pelo próprio respondente, na presença de um pesquisador, treinado e disponível para sanar possíveis dúvidas; b) após cada aplicação, o pesquisador realizou uma entrevista cognitiva, para checar o entendimento dos respondentes sobre termos ou expressões utilizados no questionário; e c) para cada questionário respondido, o pesquisador preencheu um formulário, registrando sua avaliação quanto às dificuldades das questões, ao comportamento do respondente e ao contexto da aplicação. Tais procedimentos permitiram a reelaboração do questionário, que envolveu a troca de termos imprecisos e de difícil compreensão, favorecendo o entendimento dos objetivos das questões. O material do pré-teste, que inclui o roteiro de entrevista cognitiva e o formulário de avaliação do questionário, consta do Apêndice D.

A aplicação dos questionários durou cerca de oito meses (entre 2012 e 2013), tendo ocorrido nas escolas e outros locais em que os respondentes atuam ou em suas residências. Foram aplicados pela equipe da pesquisa, após participação em um treinamento,¹⁶ que teve como referência um manual de aplicação de questionários e um manual de questão por questão.

Junto com os questionários, disponíveis no Apêndice C, consta o referido manual de questão por questão utilizado na pesquisa, que contempla as orientações à equipe de aplicadores relativas a cada questão dos questionários, incluindo os objetivos das questões e as orientações de respostas. Nele também são apresentados os esclarecimentos e a definição de conceitos, com a finalidade de assegurar a padronização da aplicação e a comparabilidade dos dados (SIMÕES; PEREIRA, 2007).

A equipe da pesquisa também contou com um manual geral de aplicação de questionários (Apêndice E), elaborado com o intuito de padronizar os procedimentos utilizados na condução do *survey*. Este instrumento, que seguiu os preceitos de um manual de *survey* elaborado por Aguiar e Simões (2001), trata dos seguintes temas: questões éticas; como conseguir a participação de um respondente; como proceder à aplicação dos questionários; formato das questões; e como esclarecer perguntas e respostas.

Após a aplicação de cada questionário, o pesquisador foi orientado a preencher uma ficha de observações (Apêndice F), utilizada para o registro de: definição de conceitos solicitados pelo respondente; solicitação de conceitos que não constavam no manual de questão por questão; e recusa em responder alguma questão. Na ficha, também havia um campo para o pesquisador escrever observações gerais sobre a aplicação, tais como: atitude do respondente e de sua família em relação ao aplicador e à pesquisa; circunstâncias especiais e ocorrências da aplicação (interrupções, dificuldades em relação

¹⁶ O treinamento foi ministrado pela autora deste trabalho, que elaborou os materiais da pesquisa de campo: carta-convite, folheto explicativo, manual de aplicação de questionários, manual de questão por questão e ficha de observações do aplicador. O material foi construído a partir do curso “Aspectos Cognitivos da Metodologia de Survey e a Construção do Questionário”, ministrado pela Professora Solange Simões (Universidade de Michigan), no programa de Doutorado em Sociologia da UFMG (2011).

à linguagem utilizada etc.); sentimentos ou percepções do aplicador; e outros fatos ocorrido durante a aplicação do questionário.

Os dados coletados por meio dos questionários foram lançados em um formulário eletrônico, desenvolvido para agilizar os registros, minimizar erros de digitação e evitar perda de informações.¹⁷ Por meio desse programa, o conjunto de dados registrados foi convertido automaticamente em um banco de dados para a análise estatística. O *software* estatístico R foi utilizado para produzir análises descritivas e inferenciais dos dados quantitativos.¹⁸

As estatísticas descritivas são usadas para resumir dados, permitindo descrever variáveis isoladamente ou descrever as associações que ligam uma variável a outra (BABBIE, 1999). As análises descritivas possibilitaram organizar as informações e evidenciar características das instituições, dos cursos e dos estudantes pesquisados. Foram feitas de modo tanto geral, reunindo a totalidade da amostra, quanto estratificado entre os indivíduos que ingressaram e aqueles que não ingressaram no curso superior. As descrições das variáveis foram feitas utilizando-se médias e desvios-padrão para as variáveis contínuas e frequências absolutas e relativas para as variáveis categóricas.

Um dos procedimentos inferenciais utilizado foi a análise de regressão hierárquica ou multinível, que possibilita lidar com fenômenos para os quais a variável resposta é associada, simultaneamente, a múltiplos fatores. A dimensão multinível da regressão refere-se às relações entre variáveis estabelecidas pelo pesquisador, com base em teorias ou evidências empíricas que remetem à estruturação hierárquica dos elementos do fenômeno investigado. Conforme Goldstein (1999), em uma estrutura de dados de dois níveis, por exemplo, estudantes podem ser o nível 1 de unidades agrupadas dentro de escolas, as quais são as unidades de nível 2. Modelos estatísticos multiníveis vêm sendo amplamente aplicados em áreas como a educação, justamente por possibilitarem explorar

¹⁷ A pesquisa contou com a assessoria de um profissional de Tecnologia de Informação, para a configuração e instalação de *software* capaz de coletar eletronicamente dados amostrais e dados de questionários. O profissional treinou a equipe para a utilização das ferramentas e disponibilizou tutoriais escritos e em vídeo.

¹⁸ Informações sobre o *software* estão disponíveis em: <www.R-project.org>. O tratamento estatístico dos dados foi realizado por um profissional de estatística qualificado, de forma a garantir a máxima consistência das informações que posteriormente foram analisadas pela pesquisadora. Todo o trabalho de tratamento dos dados foi acompanhado pela pesquisadora.

as formas pelas quais os contextos educacionais podem influenciar os estudantes, considerando tanto a escola quanto o estudante como importantes unidades de análise (LEE, 2008).

O modelo de regressão hierárquica da pesquisa considerou três níveis de análise, associados à transição para o ensino superior: a) estudante; b) curso técnico; e c) instituição de educação profissional. O “ingresso no ensino superior” constitui a variável resposta da regressão, sendo do tipo binária, pois apresenta dois valores possíveis: 0 atribuído aos casos de não ingresso no ensino superior e 1 aos casos de ingresso. Por sua vez, as variáveis explicativas, agrupadas nos respectivos níveis de análise da pesquisa e relacionadas a questões específicas do questionário, são apresentadas no Quadro 6.

Quadro 6 - Variáveis empregadas no modelo de regressão hierárquica

| Variável resposta: Ingresso no ensino superior (0 = "Não"; 1 = "Sim") | | |
|--|--|----------------|
| Nível de análise | Variável explicativa | Questão |
| 1. Estudantes | Idade | Q1 |
| | Gênero | Q2 |
| | Cor/raça | Q3 |
| | Estado civil | Q4 |
| | Filhos | Q5 |
| | Escolaridade da mãe | Q6 |
| | Escolaridade do pai | Q6 |
| | Renda familiar per capita | Q8, Q10 |
| | Conclusão ou evasão do curso técnico | - |
| | Rede de ensino fundamental frequentada | Q41 |
| | Vínculo de trabalho após o curso técnico | Q28 |
| 2. Cursos Técnicos | Área de conhecimento do curso | Q14 |
| | Modalidade de oferta do curso | Q21 |
| | Turno do curso | Q18 |
| 3. Instituições de Ensino Técnico | Ano de criação da instituição | - |
| | Tipo de Instituição | Q13 |
| | Localização da instituição | Q13.1 |

Fonte: Elaborado pela autora

As variáveis *idade*, *renda familiar per capita* e *ano de criação da instituição técnica* foram tratadas como contínuas e as demais variáveis como categóricas. Estas últimas, quando envolviam muitas categorias e uma distribuição desigual dos respondentes, foram agrupadas em um número menor de categorias, tal como exibido no Quadro 7, que revela o tratamento adotado para cada variável considerada no modelo multinível.

Quadro 7 - Tratamento das variáveis explicativas do modelo multinível

| Variável explicativa | Tratamento das variáveis |
|---|---|
| Idade | Contínua |
| Gênero | 1 = "feminino" 2 = "masculino" |
| Cor/raça | 1 = "branco" 2 = "não branco" |
| Estado civil | 1 = "solteiro(a)" 2 = "casado(a) ou mora com companheiro(a)" 3 = "viúvo(a), separado(a), divorciado(a), desquitado(a)" |
| Filhos | 0 = "não" 1 = "sim" |
| Escolaridade da mãe | 1 = "nunca estudou ou fundamental incompleto" 2 = "ensino fundamental completo e médio/técnico incompleto" 3 = "ensino médio/técnico completo ou superior incompleto" 4 = "ensino superior completo/pós-graduação" |
| Escolaridade do pai | 1 = "nunca estudou ou fundamental incompleto" 2 = "ensino fundamental completo e médio/técnico incompleto" 3 = "ensino médio/técnico completo ou superior incompleto" 4 = "ensino superior completo/pós-graduação" |
| Renda familiar per capita | Contínua |
| Conclusão do curso técnico | 0 = "não" 1 = "sim" |
| Escola fundamental frequentada | 1 = "somente ou maior parte em escola particular" 2 = "somente ou maior parte em escola pública" |
| Vínculo de trabalho após o curso técnico | 0 = "Não" 1 = "Sim" |
| Atuação na área técnica | 0 = "Não" 1 = "Sim" |
| Área de conhecimento do curso técnico | 1 = "Agrárias" 2 = "Biológicas e Saúde" 3 = "Exatas" 4 = "Humanas" 5 = "Sociais Aplicadas" |
| Curso médio concluído na instituição técnica | 0 = "não" 1 = "sim" |
| Turno | 1 = "diurno" 2 = "noturno" |
| Ano de criação da instituição de ensino técnico | Contínua |
| Tipo de instituição de ensino técnico | 1 = "CEFET" 2 = "ETU" 3 = "IF" |
| Localização da instituição de ensino técnico | 1 = "Capital" 2 = "interior" |

Fonte: Elaborado pela autora

A estrutura multinível foi constituída uma vez que se mediram informações sobre os alunos, os cursos técnicos por eles realizados e as instituições de ensino que frequentaram. Levando-se em consideração a existência de semelhanças entre os alunos que frequentaram um mesmo curso técnico e entre os cursos de uma mesma instituição, a construção do modelo multinível respeitou essa estrutura hierárquica.

A semelhança entre os alunos que cursaram o mesmo curso técnico e entre os cursos de uma mesma instituição produz dependência entre as observações, não sendo indicado, portanto, o uso de modelos clássicos de regressão (MONTGOMERY; PECK, 1992). Para captar a dependência entre as observações, considerou-se um efeito aleatório tanto nos cursos quanto nas unidades escolares, criando-se, então, o modelo hierárquico de três níveis (GOLDSTEIN, 1999).

A seleção inicial do conjunto de variáveis explicativas potencialmente associadas com o ingresso no ensino superior foi realizada por meio de regressões logísticas univariadas com efeitos mistos, tendo sido adotado o nível de 25% de significância. Esse critério visou a evitar a exclusão de variáveis que poderiam ser importantes para compor o modelo final. Para a seleção preliminar de variáveis, os níveis de significância recomendados vão de 15% a 25% (HOSMER; LEMESHOW; STURDIVANT, 2013).

As variáveis selecionadas compuseram a regressão logística, sendo aplicado nesta etapa o método *backward* (EFROYMSON, 1960), que consiste em retirar a variável com maior nível de significância (p-valor), sendo tal procedimento repetido até que fiquem no modelo apenas variáveis significativas. Para o método *backward* foi considerado o nível de 5% de significância.

As variáveis selecionadas foram incluídas na regressão logística multivariada, sendo aplicado nesta etapa o método *backward* com nível de significância de 5%. O método *backward* consiste em retirar variáveis gradativamente até que fiquem no modelo apenas variáveis significativas (EFROYMSON, 1960). O modelo final da regressão foi definido com base nos parâmetros de R^2 marginal e condicional. O R^2 marginal permite averiguar o quanto os efeitos fixos explicam a variabilidade da resposta e o R^2 condicional o quanto os efeitos fixos mais os aleatórios explicam a variabilidade da resposta (NAKAGAWA; SCHIELZETH, 2013).

Outro método inferencial utilizado foi a análise fatorial exploratória, que visou identificar os principais motivos alegados pelos estudantes para cursar ou não o ensino superior. Conforme Hair Junior *et al.* (2005), a análise fatorial é uma técnica estatística multivariada usada para analisar as inter-relações (correlações) entre múltiplas variáveis, indicando um conjunto de dimensões inerentes comuns, denominadas “fatores”. Estes são constituídos para maximizar a capacidade de explicação do conjunto total de variáveis observadas. Este tipo de análise é indicado quando se estuda um número grande de variáveis e há a necessidade de representar um número menor de conceitos de forma sintética (HAIR JUNIOR *et al.*, 2005).

Desse modo, foram realizadas duas análises fatoriais: uma abrangendo os fatores desfavoráveis ao ingresso no ensino superior e outra, os fatores favoráveis. Foram realizadas a partir das questões sobre os motivos declarados pelos estudantes para o ingresso ou o não ingresso no ensino superior. A partir dos itens de resposta a essas questões, organizados em uma escala de cinco pontos (0 a 4) sobre os fatores de influência na continuidade ou não dos estudos, as categorias foram transformadas em uma escala numérica de 0 a 100, sendo 0 = Não influenciou ou Não se aplica, 25 = Influenciou pouco, 50 = Influenciou razoavelmente, 75 = Influenciou muito e 100 = Influenciou totalmente.

A análise fatorial exploratória aplicada a essas questões permitiu gerar indicadores capazes de representar cada um dos construtos contemplados nas questões. Os construtos referentes à não entrada no ensino superior abrangeram: fatores financeiros, trabalho e mobilidade; fatores pessoais/familiares; e interesse e dificuldade. Por sua vez, os construtos relativos à entrada no ensino superior incluíram: trabalho; demandas de formação e afinidade; fatores pessoais/familiares; informação/preparação prévia para o curso; e características da instituição/curso.

Para testar a qualidade desses construtos, verificaram-se: validade convergente, confiabilidade e dimensionalidade. A validade convergente dos construtos foi analisada com base no critério proposto por Fornel e Larcker (1981), que garante tal validade quando a variância média extraída¹⁹, a qual aponta que o percentual médio de variância compartilhada entre o construto latente e seus itens está acima de 50% (HENSELER;

¹⁹ No inglês, o termo utilizado é *Average Variance Extracted (AVE)*.

RINGLE; SINKOVICS, 2009) ou 40% se a pesquisa for do tipo exploratória (NUNNALLY; BERNSTEIN, 1994).

A confiabilidade foi medida utilizando os indicadores Alfa de Cronbach²⁰ (CRONBACH, 1951) e p-valor de Dillon-Goldstein²¹ (CHIN, 1998), que devem ser superiores a 0,70 para indicar a confiabilidade do construto, sendo que valores acima de 0,60 também são aceitos em pesquisas exploratórias (HAIR JUNIOR *et al.*, 2005).

A dimensionalidade dos construtos foi mensurada empregando o critério *Acceleration Factor* (RAÏCHE; RIOPEL; BLAIS, 2006), que indica o número de fatores que permanecem na análise fatorial exploratória, isto é, a quantidade de componentes ou itens de cada construto. Os itens com cargas fatoriais inferiores a 0,50 foram excluídos, por não contribuírem para a mensuração dos construtos.

Os itens e os indicadores de cada construto foram apresentados e comparados usando a média e o intervalo percentil *bootstrap* de 95% de confiança. A técnica *bootstrap* (EFRON; TIBSHIRANI, 1993) é muito utilizada para realizar inferências estatísticas quando a distribuição de probabilidade da variável de interesse não é conhecida.

A adequação do tamanho da amostra para o uso da técnica de análise fatorial foi testada por meio da medida estatística *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO), sendo aceitos valores iguais ou superiores a 0,6 (HAIR JUNIOR *et al.*, 2005).

A ampla variedade de procedimentos estatísticos adotados para mensurar a validade e a confiabilidade dos dados coletados teve o intuito de fornecer estimativas estatísticas precisas e conclusões consistentes quanto às hipóteses da pesquisa.

4.4 Procedimentos qualitativos

Os dados qualitativos foram coletados com base nos grupos focais, que, dentre seus possíveis usos, são indicados para complementar o método de *survey*, visando aprofundar a compreensão do objeto de estudo (GATTI, 2005; WOLFF; KNODEL; SITTITRAI, 1993). O grupo focal se constitui em uma discussão que reúne os sujeitos da pesquisa,

²⁰ O termo original do inglês é *Cronbach's Alpha* (CA).

²¹ Também denominado *Dillon-Goldstein's p* (DG).

selecionados a partir de alguns critérios alinhados com o problema da pesquisa. Os participantes devem ter vivências relacionadas com o tema discutido e possuir características em comum que os qualifiquem para a discussão conjunta da questão focal do trabalho interativo e da coleta do material discursivo (GATTI, 2005).

A comparação dos diferentes pontos de vista trocados durante as interações nos grupos focais permite examinar motivações com um grau de complexidade normalmente não acessível por meio de outros métodos (MORGAN; KRUEGER, 1993). Assim, a condução dos grupos nesta pesquisa teve por objetivo aprofundar a compreensão das motivações para a escolha do curso superior e da relação deste com a formação técnica dos participantes. Os resultados qualitativos das discussões também foram utilizados para ilustrar, confirmar e explicar os resultados quantitativos do *survey*.

Foram conduzidos dez grupos focais em janeiro de 2013, totalizando o envolvimento de 63 participantes. A mediação das discussões dos grupos foi realizada pela autora desta tese. As discussões dos grupos focais foram gravadas e, posteriormente, transcritas, tendo cada discussão duração média de 50 minutos. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice G), por meio do qual os participantes autorizaram a gravação das discussões e a divulgação científica dos dados.

A composição dos grupos foi definida com base no tipo de instituição técnica e no perfil acadêmico do aluno no curso técnico (evadido ou diplomado). Assim, foram formados cinco grupos de evadidos e cinco de diplomados. Para a seleção das instituições técnicas onde seriam realizados os grupos, foram consideradas: diferentes localidades (Capital e três cidades de diferentes áreas do interior do estado); e diferentes tipos de instituições (CEFET, ETU e IF). As instituições selecionadas foram: CEFET-MG de Belo Horizonte, CEFET-MG de Leopoldina, COLTEC-UFMG de Belo Horizonte, IF Norte de Minas (Salinas) e IF Triângulo Mineiro (Paracatu). Essa escolha visou contemplar a diversidade regional e a institucional, de forma a assegurar certa representação do universo mais amplo considerado na pesquisa de *survey*.

Os estudantes foram recrutados mediante a colaboração de professores das instituições mencionadas. Os critérios ideais que orientaram o recrutamento em cada instituição foram os seguintes:

- Um grupo de 10 evadidos que ingressaram no ensino superior após o curso técnico e outro grupo de 10 diplomados que ingressaram no ensino superior após o curso técnico (idealmente, um grupo focal deve ter no mínimo 6 participantes, e no máximo 10, tendo sido realizado convite a 10 pessoas, considerando que algumas poderiam não comparecer, mesmo tendo confirmado presença).
- Equilíbrio de gênero em cada grupo (idealmente, o grupo deve conter mais ou menos a metade de participantes do sexo feminino e a metade do sexo masculino).
- Diversidade de cursos superiores em cada grupo (3 estudantes em cada grande área do curso superior – Biológicas, Exatas e Humanas).

Em alguns casos, foi inviável compor os grupos com todas essas características e proporções. Mas, em geral, os grupos se mostraram consistentes. O Quadro 8 detalha as características dos grupos.

- Gênero: 32 mulheres e 31 homens;
- Perfil acadêmico no curso técnico: 31 diplomados e 32 evadidos;
- Áreas dos cursos técnicos: 10 Agrárias, 2 Biológicas e Saúde, 49 Exatas, 2 Sociais Aplicadas;
- Áreas dos cursos superiores: 3 Agrárias, 14 Biológicas e Saúde, 24 Exatas, 5 Humanas e Artes, 17 Sociais Aplicadas;
- Participantes por instituição: 13 CEFET Belo Horizonte, 10 CEFET Leopoldina, 11 COLTEC Belo Horizonte, 13 IF Norte Salinas e 16 IF Triângulo Paracatu;
- Participantes por local da instituição técnica: 24 Capital e 39 interiores.

Quadro 8 - Características dos grupos focais

| Instituição | Cidade | Participante | Sexo | Curso técnico | Curso superior |
|-------------|----------------|-------------------|---------------------|------------------------|-------------------------------|
| CEFET-MG | Belo Horizonte | Diplomado | Fem. | Informática | Engenharia Mecânica |
| | | | | Meio Ambiente | Engenharia Ambiental |
| | | | Masc. | Estradas | Engenharia Civil |
| | | | | Meio Ambiente | Geografia |
| | | | | Química | Química |
| | | | | | |
| | | Evadido | Fem. | Eletrônica | Letras |
| | | | | Guia de Turismo | Recursos Humanos |
| | | | | Edificações | Biblioteconomia |
| | | | Masc. | Meio Ambiente | Logística |
| | | | | Eletrotécnica | Engenharia Elétrica |
| | | | | Eletrônica | Engenharia Eletrônica |
| | Leopoldina | Diplomado | Fem. | Eletrotécnica | Administração |
| | | | | Eletrotécnica | Direito |
| | | | Masc. | Eletrotécnica | Engenharia de Produção |
| | | | | Eletromecânica | Gastronomia |
| | | Evadido | Fem. | Informática | Direito |
| | | | | Mecânica | Engenharia Controle Automação |
| COLTEC | Belo Horizonte | Diplomado | Fem. | Química | Medicina |
| | | | | Análises Clínicas | Enfermagem |
| | | | | Eletrônica | Arquitetura e Urbanismo |
| | | | | Química | Farmácia |
| | | | Masc. | Automação Industrial | Ciências Econômicas |
| | | | Evadido | Fem. | Química |
| Química | | Medicina | | | |
| Química | | Design Gráfico | | | |
| Masc. | | Eletrônica | | Engenharia de Produção | |
| | | Química | | Educação Física | |
| | | Análises Clínicas | | Geografia | |
| IF Norte | | Salinas | Diplomado | Fem. | Agroindústria |
| | Agropecuária | | | | Engenharia Florestal |
| | Masc. | | | Agropecuária | Ciências Biológicas |
| | | | | Agropecuária | Medicina Veterinária |
| | | | | Agropecuária | Odontologia |
| | | | | Agropecuária | Direito |
| | Evadido | | Fem. | Agropecuária | Engenharia Florestal |
| | | | | Informática | Ciências Contábeis |
| | | | | Informática | Matemática |
| | | | | Informática | Ciências Biológicas |
| | | Informática | Ciências Biológicas | | |

| Instituição | Cidade | Participante | Sexo | Curso técnico | Curso superior | |
|--------------|-------------|---------------|-------|--------------------------|--------------------------|-----------------------------|
| IF Triângulo | Paracatu | | | Informática | Ciências Biológicas | |
| | | | Masc. | Informática | Química | |
| | | Diplomado | Fem. | | Informática | Desenvolvimento Sistemas |
| | | | | | Informática | Sistema de Informação |
| | | | | | Informática | Administração |
| | | | | | Informática | Engenharia Telecomunicações |
| | | | | | Informática | Enfermagem |
| | | | | | Informática | Desenvolvimento Sistemas |
| | | | | | Eletrônica | Engenharia Telecomunicações |
| | | | | | Informática | Sistema de Informação |
| | | | Masc. | Informática | Desenvolvimento Sistemas | |
| | | Evadido | Masc. | Fem. | Informática | Administração |
| | | | | | Informática | Administração |
| | | | | | Eletrônica | Direito |
| | | | | | Informática | Direito |
| | | | | | Eletrônica | Engenharia Civil |
| | Informática | | | Desenvolvimento Sistemas | | |
| | Eletrônica | Administração | | | | |

Fonte: Dados da pesquisa

Para a moderação dos grupos focais, foi utilizado um roteiro semiestruturado (Apêndice H), tendo em vista que ele oferece ao pesquisador flexibilidade, de maneira que ajustes podem ser realizados durante as discussões. Desse modo, temas não previstos podem ser incluídos e algum tópico do roteiro pode ser deixado de lado, considerando o processo interativo das discussões, sem perder de vista os objetivos da pesquisa (GATTI, 2005).

A análise dos dados qualitativos foi realizada com base no método de análise de conteúdo, cujo objetivo é promover a exploração de mensagens, conteúdo e expressão desse conteúdo, para demonstrar os indicadores que permitam a inferência de conhecimentos referentes às condições de produção ou recepção das mensagens (BARDIN, 1977).

A análise de conteúdo condiz com os pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem, que pode ser compreendida enquanto construção real da realidade e expressão da existência humana, que, em diferentes contextos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo da interação entre linguagem, pensamento e ação (FRANCO, 2007).

A categorização dos dados qualitativos é um processo fundamental na análise de conteúdo, sendo definida como “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos” (FRANCO, 2007, p. 59).

Assim, a partir da interação com os participantes da pesquisa e do exame minucioso dos conteúdos das mensagens coletadas, foram identificadas categorias significativas sobre o objeto de estudo. Para a organização dessas categorias, foi utilizado o *software NVivo*, instrumento que possibilita ao pesquisador classificar de maneira sistemática os dados qualitativos.²² Por meio deste programa, foram selecionadas e codificadas as partes mais relevantes das discussões, em consonância com os objetivos da tese. As categorias e subcategorias identificadas são apresentadas no Quadro 9.

Quadro 9 - Categorias e subcategorias da análise qualitativa

| Categoria | Subcategoria |
|---|---|
| Descompasso entre curso superior e técnico | Influência da família |
| | Incerteza sobre a carreira profissional a seguir |
| | Desconhecimento sobre o curso técnico escolhido |
| | Falta de afinidade com o curso técnico |
| | Dificuldade nas disciplinas técnicas |
| | Interesse pelo ensino médio federal |
| | Falta de acesso a escolas médias públicas de qualidade |
| Combinação entre curso superior e técnico | Conhecimento sobre o curso ou mercado profissional |
| | Afinidade com o curso técnico ou instituição técnica |
| | Necessidade de aprofundar os conhecimentos |
| | Evasão para ingressar no ensino superior na mesma área do curso técnico |
| | Interesse pelas experiências práticas e estágio do curso técnico |
| | Influência do emprego e perspectiva salarial |
| | Obtenção de bolsa do PROUNI |
| | Opção de curso superior no Instituto Federal |

Fonte: Dados da pesquisa

Após o processo de codificação, que gerou as categorias e as subcategorias, a etapa final da análise qualitativa envolveu a atribuição de significado aos dados. Conforme

²² Por meio do *software NVivo*, também foi gerada uma frequência das principais palavras presentes nos discursos analisados sobre ingresso no ensino superior e sua relação com a formação técnica. Esse recurso do *NVivo*, denominado *Word Cloud* (Nuvem de Palavras), criou uma imagem gráfica dos termos mais recorrentes. Esta foi utilizada como a ilustração exibida na capa da tese.

Creswell (2002), a essência desta etapa é a interpretação dos dados por meio de lições pessoais aprendidas, da comparação dos resultados com a literatura/teoria existente, do levantamento de questões e da apresentação de recomendações.

5 ITINERÁRIOS DE TRANSIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR

Neste capítulo, são analisados os resultados da pesquisa, iniciando com a descrição quantitativa do perfil dos participantes, dos cursos e das instituições de ensino. Na sequência, abordam-se dados discursivos dos participantes da pesquisa, os quais são postos em relação aos dados quantitativo-descritivos apresentados inicialmente, possibilitando o aprofundamento das discussões sobre as relações da formação técnica com a transição para o ensino superior. Tendo em vista o teste das variáveis explicativas e as hipóteses de pesquisa, desenvolve-se análise inferencial fundamentada em modelo estatístico de regressão multinível. Por fim, apresentam-se as análises fatoriais que evidenciam os principais fatores associados ao ingresso ou não no ensino superior.

5.1 Caracterização da amostra: estudantes, cursos técnicos e ensino superior

A partir da amostra total de participantes ($n=1.570$), realizou-se a descrição das variáveis do estudante, do curso técnico e da instituição de educação profissional, as quais constam das Tabelas 6, 7 e 8. Foram consideradas na análise descritiva apenas as respostas válidas, sendo excluídos os dados não informados pelos participantes (*missing values*).

Tabela 6 - Descrição das variáveis do estudante

| Variável | | | |
|--|-----------------------------------|-----------------|-------|
| Ingresso no curso superior (n = 1.570) | Não | 601 | 38,3% |
| | Sim | 969 | 61,7% |
| Idade (n = 1.547) | Média (desvio-padrão) | 26,8 (7,0) anos | |
| Sexo (n = 1.569) | Feminino | 717 | 45,7% |
| | Masculino | 852 | 54,3% |
| Cor/raça (n = 1.515) | Branco | 723 | 47,7% |
| | Não branco | 792 | 52,3% |
| Estado civil (n = 1.565) | Solteiro | 1.192 | 76,2% |
| | Casado/Mora com companheiro | 348 | 22,2% |
| | Viúvo/Separado | 25 | 1,6% |
| Filhos (n = 1.567) | Não | 1.282 | 81,8% |
| | Sim | 285 | 18,2% |
| Renda familiar per capita (n=1.544) | Média (desvio-padrão) | R\$ 1.039,60 | |
| Escolaridade da mãe (n = 1.476) | Nunca estudou ou fundamental | 714 | 48,4% |
| | Fundamental comp. ou | 273 | 18,5% |
| | Médio/técnico comp. ou superior | 367 | 24,9% |
| | Superior completo | 92 | 6,2% |
| | Pós-graduação | 30 | 2,0% |
| Escolaridade do pai (n = 1.525) | Nunca estudou ou fundamental | 602 | 39,5% |
| | Fundamental comp. ou | 277 | 18,1% |
| | Médio/técnico comp. ou superior | 422 | 27,7% |
| | Superior completo | 151 | 9,9% |
| | Pós-graduação | 73 | 4,8% |
| Conclusão do curso técnico (n = 1.570) | Diplomados | 982 | 62,5% |
| | Evadidos | 588 | 37,5% |
| Escola fundamental frequentada (n = 1.562) | Somente ou maior parte em | 199 | 12,7% |
| | Somente ou maior parte em pública | 1.363 | 87,3% |
| Vínculo de trabalho após o curso técnico (n = 1.565) | Não | 526 | 33,6% |
| | Sim | 1.039 | 66,4% |
| Atuação na área técnica (n = 1.567) | Não | 833 | 53,2% |
| | Sim | 734 | 46,8% |

Fonte: Dados da pesquisa

A idade média dos estudantes foi de 27 anos, com um desvio-padrão de 7 anos. Quanto ao gênero, 54% eram do sexo masculino e 46% do sexo feminino. Essa diferença de gênero indica maior presença de estudantes homens no ensino profissional, em consonância com outros estudos (ALMEIDA, M. S. P., 2005; SALES, 2010).

Em relação à raça, 52% se identificaram como pretos, pardos, amarelos ou indígenas e 48% como brancos, o que sugere maior acesso à formação técnica por grupos de cor ou raça socialmente menos privilegiados. No que se refere às variáveis sobre estado civil e filhos, a grande maioria era solteira (76%) e não possuía filhos (82%).

Sobre a situação financeira dos estudantes, a média da renda familiar per capita foi de R\$1.040,00, com um desvio-padrão de R\$950,00, refletindo grande disparidade entre

as rendas, cuja análise adicional evidencia que 37% dos estudantes possuíam renda familiar per capita de até um salário mínimo. Além disso, 48% das mães e 39,5% dos pais nunca estudaram ou não completaram o ensino fundamental e só 6% das mães e 10% dos pais tinham nível superior completo. A frequência elevada de estudantes de baixa renda e de pais com baixa escolaridade evidencia a participação expressiva de camadas socioeconômicas populares no ensino técnico federal. Isso também foi confirmado na pesquisa nacional de egressos de cursos técnicos de nível médio da Rede Federal (MEC, 2008), que apontou que 54% dos pais e 46% das mães dos egressos tinham no máximo ensino fundamental.

Outro dado sobre a origem socioeconômica dos estudantes refere-se ao tipo de escola fundamental frequentada: a grande maioria (87%) estudou apenas ou a maior parte do tempo em escolas públicas e só 13% em escolas privadas. De forma aproximada, o estudo do MEC (2008) estimou que 78% dos egressos cursaram o ensino fundamental em escolas públicas.

Quanto ao perfil acadêmico no curso técnico, os diplomados representaram 62,5% da amostra, sendo significativo o percentual de evadidos (37,5%). O problema da evasão também foi identificado pelo Tribunal de Contas da União, que reportou índices de 31% a 47% de conclusão dos cursos técnicos na Rede Federal. Estes índices destoam da meta de 90% de conclusão (período de 2011 a 2020) do Plano Nacional de Educação (TCU, 2012).

Sobre o vínculo de trabalho, 34% dos estudantes não conseguiram ou não buscaram trabalho após o curso técnico e 66% conseguiram ou já trabalhavam antes de sair do curso. Quanto à área de atuação, 47% trabalhavam ou já haviam trabalhado na área do curso técnico. Similarmente, o MEC indicou que 72% dos egressos estavam inseridos no mercado e, entre estes, 44% atuavam na área do curso técnico concluído e 21% em áreas afins (MEC, 2008). Isso contraria a ideia de que os egressos de cursos técnicos federais não atuariam como técnicos, pois seus interesses seriam apenas no ensino médio de qualidade, preparatório para o acesso à universidade.

A seguir, são apresentadas na Tabela 7 as variáveis relacionadas ao nível do curso técnico.

Tabela 7 - Descrição das variáveis do curso técnico

| Variável | | | |
|--|-------------------|-------|-------|
| Modalidade: curso médio concluído na própria instituição técnica (n = 1.553) | Não | 1.088 | 70,1% |
| | Sim | 465 | 29,9% |
| Turno (n = 1.569) | Diurno | 1.114 | 71,0% |
| | Noturno | 455 | 29,0% |
| Área do conhecimento do curso técnico (n = 1.565) | Exatas | 869 | 55,5% |
| | Agrárias | 369 | 23,6% |
| | Biológicas/Saúde | 172 | 10,9% |
| | Sociais Aplicadas | 139 | 8,9% |
| | Humanas | 16 | 1,1% |

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação à modalidade, 70% concluíram o ensino médio externamente à instituição federal do curso técnico, tendo cursado a formação profissional nas modalidades concomitante externa ou subsequente, ou tendo evadido do curso técnico e concluído o ensino médio em outra instituição. Quanto ao turno, foi significativo o percentual de estudantes em cursos noturnos (29%), comumente procurados por indivíduos que exercem outras atividades de estudo ou trabalho durante o dia.

Sobre a área dos cursos técnicos, a maioria dos estudantes (55,5%) optou pela área de Exatas, com maior predominância do curso de Informática, seguindo-se Mecânica, Edificações e Eletrônica. A segunda área mais frequentada foi a de Agrárias (24%), com prevalência do curso de Agropecuária, seguindo-se Meio ambiente, Zootecnia e Agricultura. A área Biológicas/Saúde foi a terceira mais procurada (11%), com predominância do curso de Enfermagem, seguindo-se Gerência em Saúde, Nutrição e Dietética e Análises Clínicas. A área de Humanas apresentou a menor concentração (1,1%), notadamente pela baixa oferta de cursos técnicos afins. As frequências brutas e relativas dos diferentes cursos técnicos da amostra estão disponíveis no Apêndice I.

Finalmente, as variáveis relacionadas ao nível da instituição de educação profissional e tecnológica são apresentadas na Tabela 8.

Tabela 8 - Descrição das variáveis da instituição de educação profissional

| Variável | | | |
|--|----------|------------------|-------|
| Tipo de instituição (n = 1.570) | IF | 1.046 | 66,6% |
| | CEFET | 408 | 26,0% |
| | ETU | 116 | 7,4% |
| Localização da instituição (n = 1.570) | Interior | 1.315 | 83,8% |
| | Capital | 255 | 16,2% |
| Tempo de existência da instituição (n = Média (desvio-padrão)) | | 57,1 (31,3) anos | |

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto ao tipo de instituição, 67% dos respondentes estudaram nos Institutos Federais, que totalizam 26 unidades pesquisadas no interior do estado de Minas Gerais. O CEFET representou 26% da amostra, reunindo estudantes do campus Belo Horizonte e de outros 6 *campi* do interior. As Escolas Técnicas vinculadas a Universidades constituíram 7% da amostra, com uma escola na Capital e 3 no interior. No conjunto, a amostra incluiu 16% de estudantes da Capital e 84% do interior.

Sobre o tempo de existência das instituições técnicas, a média foi de 57 anos, com um desvio-padrão de 31 anos. O CEFET-MG de Belo Horizonte é a instituição mais antiga, fundada em 1909. Três de suas unidades do interior foram criadas entre 1987 e 1994 e as outras três entre 2006 e 2007. Em relação às Escolas Técnicas Vinculadas a Universidades, três foram criadas entre 1969 e 1972 e uma em 1990. Quanto aos Institutos Federais, 12 de suas unidades foram criadas entre 2009 e 2010, a partir da Lei 11.892/2008, e as outras 13 unidades são instituições técnicas federais preexistentes a esta lei, tendo sido integradas ou transformadas em Institutos Federais. Desses 13 IFET, apenas 2 foram criados recentemente, entre 2006 e 2007, e 11 entre 1910 e 1962. A lista das instituições e de seus respectivos anos de criação consta do Apêndice B.

Da amostra total de estudantes, 969 (62%) ingressaram no ensino superior após o curso técnico e 601 (38%) não ingressaram. Esses dados são ratificados pela pesquisa nacional de egressos de cursos técnicos de nível médio da Rede Federal (MEC, 2008), que identificou que, entre 2003 e 2007, 57% dos egressos concluíram ou estavam cursando o ensino superior.

Em relação à amostra específica de ingressantes no ensino superior (n = 969), a Tabela 9 apresenta as características do curso e da instituição a que tiveram acesso.

Tabela 9 - Características do curso superior

| Variável | | Nº | % |
|--|---|-----|-------|
| Área do curso | Agrárias | 115 | 11,9 |
| | Biológicas e Saúde | 124 | 12,8 |
| | Exatas | 407 | 42,2 |
| | Humanas e Artes | 79 | 8,2 |
| | Sociais Aplicadas | 240 | 24,9 |
| | Total | 965 | 100,0 |
| Local da instituição de ensino superior | Minas Gerais (Capital) | 219 | 22,7 |
| | Minas Gerais (interior) | 727 | 75,4 |
| | Outro estado | 18 | 1,9 |
| | Total | 964 | 100,0 |
| Atualmente em relação ao curso superior: | Interrompeu definitivamente | 65 | 6,7 |
| | Interrompeu temporariamente | 48 | 5,0 |
| | Está cursando | 657 | 67,9 |
| | Já concluiu | 198 | 20,5 |
| | Total | 968 | 100,0 |
| Como pagava o curso superior ²³ | Gratuito | 588 | 61,4 |
| | Recursos próprios | 427 | 44,7 |
| | Recursos familiares | 61 | 6,4 |
| | FIES ou outro financiamento estudantil | 36 | 3,7 |
| | PROUNI | 80 | 8,4 |
| | Outra opção | 27 | 2,9 |
| Modalidade de graduação | Bacharelado | 687 | 70,9 |
| | Licenciatura | 167 | 17,2 |
| | Tecnologia | 115 | 11,9 |
| | Total | 969 | 100,0 |
| Tipo de ensino superior | A distância | 59 | 6,1 |
| | Presencial | 910 | 93,9 |
| | Total | 969 | 100,0 |
| Rede ensino | Estadual | 18 | 1,9 |
| | Federal | 526 | 54,3 |
| | Municipal | 5 | 0,5 |
| | Particular | 419 | 43,3 |
| | Total | 968 | 100,0 |
| Em relação ao primeiro curso superior: | Abandonou o 1º e não voltou mais aos estudos | 44 | 4,6 |
| | Abandonou o 1º e entrou em outro | 100 | 10,3 |
| | Concluiu ou está fazendo o 1º | 781 | 80,8 |
| | Concluiu ou está fazendo o 1º junto com outro | 7 | 0,7 |
| | Concluiu o 1º e em seguida iniciou outro | 35 | 3,6 |
| | Total | 967 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa

²³ Nessa questão, havia a possibilidade de marcar mais de uma resposta, caso houvesse mais de uma fonte de recursos para pagar o curso superior. Desse modo, entre os 969 respondentes, houve um total de 1.219 respostas assinaladas, sendo assim retirados da tabela o valor total e o percentual.

A maioria dos estudantes (71%) optou por cursos superiores de Bacharelado. Os cursos de Licenciatura e Tecnologia corresponderam, respectivamente, a 17% e 12% das opções.

O curso superior na modalidade presencial foi escolhido pela maioria (94%) e a modalidade a distância, por apenas 6%. Por meio do cruzamento de dados, identificou-se que entre aqueles que optaram por cursos a distância 97% residem em cidades do interior de Minas Gerais onde há menor oferta e opções de educação superior. Este dado condiz com a tendência de interiorização da educação superior por meio da educação a distância, tal como proposto pelo programa Universidade Aberta do Brasil (UAB) do governo federal brasileiro.²⁴

Quanto à área do curso superior, a maioria (42%) escolheu cursos vinculados a Ciências Exatas, a mesma preponderante nos cursos técnicos. Entre os cursos superiores de Exatas mais procurados, houve predominância dos de Computação, Engenharia Civil e Engenharia de Produção. A área de Ciências Sociais Aplicadas é a segunda maior (25%), com grande procura pelos cursos de Administração, Direito e Ciências Contábeis. A terceira área de maior demanda foi a de Ciências Biológicas e da Saúde, na qual predominam os cursos de Biologia, Enfermagem e Farmácia. O detalhamento das distribuições de frequência de cada curso superior consta do Apêndice J.

A maioria dos estudantes (57%) teve acesso a instituições públicas de ensino superior. Em relação ao custeio do curso superior, 61% afirmaram que ele era gratuito, 12% obtiveram bolsa do PROUNI ou financiamento estudantil e 51% utilizaram recursos próprios ou de familiares.

No que se refere à conclusão ou não da educação superior, 21% já concluíram, 12% interromperam definitivamente ou temporariamente o curso e a maioria (68%) ainda estava cursando. Entre os que interromperam, 44 afirmaram que abandonaram o curso superior e não retornaram mais aos estudos. Trata-se de quantitativo relativamente pequeno, representando apenas 4,6% da amostra. Contudo, como grande parte ainda estava frequentando a educação superior, possivelmente, o percentual de evasão poderá ser mais elevado após o período previsto para o término dos cursos. Nesse sentido, outras

²⁴ Programa instituído pelo Decreto 5.800/2006 (BRASIL, 2006).

pesquisas de acompanhamento de estudantes egressos, do tipo longitudinal, são de grande importância para avaliar resultados educacionais.

Considerando que as questões do questionário específico sobre educação superior se referiam ao primeiro curso a que o estudante teve acesso após a formação técnica, foi perguntado ao fim do questionário sobre o ingresso em mais de um curso superior. Nesta questão, a grande maioria (85%) disse não ter realizado um segundo curso superior. Entre os que escolheram outro curso, 14% o fizeram depois de abandonar ou concluir o primeiro curso superior e apenas 0,7% afirmou que concluiu ou estava frequentando dois cursos superiores ao mesmo tempo.

Em relação à comparação entre estudantes que continuaram ou não os estudos de nível superior após a formação técnica, a Tabela 10 apresenta análises descritivas exploratórias com a distribuição das variáveis ao nível do estudante, do curso técnico e da instituição de ensino técnico, de forma estratificada entre os ingressantes e os não ingressantes no curso superior.

Tabela 10 - Comparação entre estudantes que continuaram ou não os estudos

| Variável | Ingresso no curso superior | | | |
|--|----------------------------|-------|------|-------|
| | Não | | Sim | |
| Estudante | | | | |
| Idade - Média (desvio-padrão) | 29,1 | (6,5) | 25,4 | (5,2) |
| Sexo = Masculino | 324 | 38,0% | 528 | 62,0% |
| Sexo = Feminino | 276 | 38,5% | 441 | 61,5% |
| Raça = Não Branco | 320 | 40,4% | 472 | 59,6% |
| Raça = Branco | 268 | 37,1% | 455 | 62,9% |
| Estado Civil = Casado | 217 | 62,4% | 131 | 37,6% |
| Estado Civil = Solteiro | 367 | 30,8% | 825 | 69,2% |
| Estado Civil = Viúvo, separado e divorciado | 13 | 52,0% | 12 | 48,0% |
| Filhos = Sim | 181 | 63,5% | 104 | 36,5% |
| Filhos = Não | 418 | 32,6% | 864 | 67,4% |
| Escolaridade da mãe = Nunca estudou ou fundamental incompleto | 314 | 44,0% | 400 | 56,0% |
| Escolaridade da mãe = Fundamental compl. ou médio/técnico incom. | 111 | 40,7% | 162 | 59,3% |
| Escolaridade da mãe = Médio/técnico completo ou superior incom. | 95 | 25,9% | 272 | 74,1% |
| Escolaridade da mãe = Superior completo | 19 | 20,7% | 73 | 79,3% |
| Escolaridade da mãe = Pós-graduação | 3 | 10,0% | 27 | 90,0% |
| Escolaridade do pai = Nunca estudou ou fundamental incompleto | 287 | 47,7% | 315 | 52,3% |
| Escolaridade do pai = Fundamental completo ou médio/técnico incom. | 112 | 40,4% | 165 | 59,6% |

| Variável | Ingresso no curso superior | | | |
|---|----------------------------|---------|--------|----------|
| | Não | | Sim | |
| Escolaridade do pai = Médio/técnico completo ou superior incom. | 129 | 30,6% | 293 | 69,4% |
| Escolaridade do pai = Superior completo | 24 | 15,9% | 127 | 84,1% |
| Escolaridade do pai = Pós-graduação | 16 | 21,9% | 57 | 78,1% |
| Renda per capita - Média (desvio-padrão) | 770,1 | (645,1) | 1206,2 | (1062,5) |
| Conclusão do curso técnico = Sim | 303 | 30,9% | 679 | 69,1% |
| Conclusão do curso técnico = Não | 298 | 50,7% | 290 | 49,3% |
| Escola fundamental = Maior parte ou apenas em pública | 560 | 41,1% | 803 | 58,9% |
| Escola fundamental = Maior parte ou apenas em particular | 36 | 18,1% | 163 | 81,9% |
| Vínculo de trabalho após o curso técnico = Sim | 457 | 44,0% | 582 | 56,0% |
| Vínculo de trabalho após o curso técnico = Não | 140 | 26,6% | 386 | 73,4% |
| Atuação na área técnica = Não | 350 | 42,0% | 483 | 58,0% |
| Atuação na área técnica = Sim | 250 | 34,1% | 484 | 65,9% |
| Curso Técnico | | | | |
| Área do conhecimento = Ciências Biológicas e da Saúde | 91 | 52,9% | 81 | 47,1% |
| Área do conhecimento = Ciências Agrárias | 138 | 37,4% | 231 | 62,6% |
| Área do conhecimento = Ciências Exatas e da Terra | 295 | 33,9% | 574 | 66,1% |
| Área do conhecimento = Ciências Humanas e Artes | 3 | 18,8% | 13 | 81,2% |
| Área do conhecimento = Sociais Aplicadas | 70 | 50,4% | 69 | 49,6% |
| Curso médio concluído na instituição técnica = Não | 504 | 46,3% | 584 | 53,7% |
| Curso médio concluído na instituição técnica = Sim | 88 | 18,9% | 377 | 81,1% |
| Turno = Noturno | 194 | 42,6% | 261 | 57,4% |
| Turno = Diurno | 407 | 36,5% | 707 | 63,5% |
| Instituição Técnica | | | | |
| Tempo de existência - Média (desvio-padrão) | 50,0 | (30,0) | 61,5 | (31,2) |
| Tipo de instituição de ensino técnico = ETU | 44 | 37,9% | 72 | 62,1% |
| Tipo de instituição de ensino técnico = CEFET | 91 | 22,3% | 317 | 77,7% |
| Tipo de instituição de ensino técnico = IF | 466 | 44,6% | 580 | 55,4% |
| Localização da instituição de ensino técnico = Interior | 580 | 44,1% | 735 | 55,9% |
| Localização da instituição de ensino técnico = Capital | 21 | 8,2% | 234 | 91,8% |

Fonte: Dados da pesquisa

Entre o grupo de estudantes que afirmaram possuir filhos, somente 37% ingressaram no ensino superior. Já no grupo de estudantes sem filhos 67% ingressaram.

Em relação à escolaridade parental, o nível de educação tanto do pai quanto da mãe apresentou diferenças para o ingresso dos filhos no ensino superior. A educação parental indica o meio ambiente cognitivo familiar de que os filhos dispõem em seu aprendizado escolar (SILVA, N. V.; HASENBALG, 2002). Nesse sentido, a cada nível ascendido na escolaridade dos pais houve aumento no percentual de ingresso na educação superior. Mães e pais com nível superior completo representaram, respectivamente, 79% e 84% de ingresso dos filhos no curso superior, ao passo que mães

e pais de baixa escolaridade (nunca estudaram ou fizeram fundamental incompleto) representaram 56% e 52% dos ingressos, respectivamente.

Quanto ao tipo de escola fundamental frequentada, apesar de poucos indivíduos terem estudado em escolas particulares, eles apresentaram um percentual maior de ingresso no ensino superior (82%). Entre os egressos de escolas públicas, a frequência de ingresso foi um pouco menor (59%).

Em termos do perfil profissional dos estudantes, houve maior ingresso no ensino superior entre aqueles que trabalham ou trabalharam na área do curso técnico frequentado (66%) em comparação com os que nunca trabalharam na área (58%). Uma possível explicação para isso poderia ser que a carreira técnica estimulou ou viabilizou o custeamento dos estudos de nível superior. Estudantes desfavorecidos em termos socioeconômicos tendem a buscar primeiro uma formação técnica e um emprego estável, para ter a possibilidade de frequentar posteriormente uma universidade (ABBOTT-CHAPMAN, 2011).

No que concerne à área do curso técnico frequentado, a de Exatas foi a que representou maior ingresso no ensino superior (66%), sendo também a da educação superior que predominou na amostra.

O turno do curso técnico também indicou diferenças no acesso ao ensino superior, com maior vantagem para o turno diurno, com 63,5% do ingresso. Este resultado corrobora com o estudo de Soares *et al.* (2001), que demonstra que alunos de cursos médios diurnos têm vantagens adicionais no vestibular.

Também houve diferença de ingresso na educação superior em relação ao tipo de instituição técnica frequentada. O CEFET foi a instituição com mais estudantes que prosseguiram os estudos (78%), seguindo-se as Escolas Técnicas Vinculadas a Universidades (62%). Os institutos Federais apresentaram o percentual de ingresso de 55%, possivelmente, por abrangerem maior número de instituições recém-criadas, ainda em processo de consolidação, além de estarem situados em regiões do interior com menos oportunidades educacionais.

Não obstante a tendência de os Institutos Federais abrangerem maior número de instituições recém-criadas, dada a sua instituição em 2008, muitas de suas unidades são

bem antigas. Por exemplo, alguns centros federais tradicionais e algumas escolas técnicas ou agrotécnicas federais, existentes há décadas, foram recentemente integrados ou transformados em Institutos Federais (vide Quadro 13). Assim, não se pode generalizar que essas instituições são novas, sendo importante considerar seu tempo de existência como instituição educacional. Nesse sentido, estimou-se que estudantes que ingressaram no ensino superior frequentaram instituições técnicas com média de 61,5 anos (desvio-padrão = 31,2 anos), ao passo que os não ingressantes estudaram em instituições técnicas com média de 50 anos (desvio-padrão = 30 anos).

Dessa forma, pode-se destacar que as seguintes variáveis explicativas parecem aumentar a probabilidade de o aluno ingressar no curso superior: a) idade mais baixa; b) alunos da raça branca; c) alunos solteiros; d) alunos sem filhos; e) alunos com mães ou pais com maior escolaridade; f) maior renda familiar per capita; g) diplomados no curso técnico; h) ensino fundamental cursado a maior parte em escola particular; i) alunos que não apresentaram vínculo de trabalho após o curso técnico; j) alunos que atuaram na área de formação técnica; k) alunos que fizeram o curso técnico nas áreas de Ciências Agrárias, Exatas e Humanas e Artes; l) alunos que concluíram o ensino médio na instituição técnica; m) alunos que cursaram o curso técnico no período diurno; n) alunos que estudaram em unidades criadas há mais tempo; o) alunos que estudaram em unidades do tipo CEFET; e p) alunos que estudaram na Capital.

O teste das hipóteses de pesquisa possibilitará entender em bases estatísticas essas variáveis explicativas. Todavia, anteriormente à análise estatístico-inferencial, a próxima seção dedica-se à análise de estatísticas descritivas e de conteúdo das discussões realizadas com os participantes da pesquisa por meio de grupos focais. Essa análise, ainda exploratória, possibilita o aprofundamento das discussões sobre as relações da formação técnica com a transição para o ensino superior.

5.2 Discursos e trajetórias de alunos da rede federal de educação técnica que ingressaram no curso superior

Esta seção apresenta uma análise exploratória sobre o ingresso no ensino superior por estudantes da Rede Federal de Educação Profissional. São examinadas relações entre educação profissional e superior e o papel desempenhado pela formação técnica na transição para o ensino superior a partir de estatísticas descritivas e de dados discursivos dos grupos focais.

Na Tabela 11, evidenciam-se alguns dados referentes às relações do ensino técnico com a trajetória para o curso superior, dentre os quais se destacam:

- A maioria dos estudantes (53%) indicou a existência de relação da área do curso superior com o curso técnico frequentado, sendo que 39% afirmaram que as áreas são muito ou totalmente relacionadas e 14% afirmaram ser relativamente relacionadas.
- O mesmo percentual de estudantes (53%) também apontou que o curso técnico influenciou o ingresso no ensino superior, sendo que destes 45% afirmaram que influenciou muito ou totalmente e 9% indicaram que influenciou parcialmente.
- A maioria (72%) também demonstrou que o curso técnico influenciou positivamente ou muito positivamente no desempenho acadêmico no curso superior.

Tabela 11 - Relação do curso superior com a formação técnica

| Variável | Nº | % |
|--|-----------|----------|
| Relação entre a área do curso técnico e a do curso superior | | |
| Nenhuma ou pouca relação com área profissional do curso técnico | 456 | 47,5 |
| Razoavelmente relacionada | 133 | 13,9 |
| Muito ou totalmente relacionada | 371 | 38,6 |
| Total | 960 | 100,0 |
| Influência do técnico na continuidade dos estudos de nível superior | | |
| Não influenciou ou influenciou pouco | 428 | 44,6 |
| Influenciou razoavelmente | 83 | 8,6 |
| Influenciou totalmente | 449 | 46,8 |
| Total | 960 | 100,0 |
| Influência do técnico no desempenho acadêmico no curso superior | | |
| Muito negativa ou negativamente | 21 | 2,2 |
| Nem negativa, nem positivamente | 251 | 26,2 |
| Positiva ou muito positivamente | 686 | 71,6 |
| Total | 958 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 12, são exibidos alguns dados sobre a continuidade de estudos de nível superior na própria Rede Federal de Educação Profissional de Minas Gerais onde os estudantes frequentaram os cursos técnicos federais de nível médio. Destacam-se as seguintes informações:

- Entre os ingressantes no ensino superior, 283 (29%) continuaram os estudos na mesma instituição em que fizeram o curso técnico ou em outra instituição da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais, indicando uma possível preferência por instituições federais de educação tecnológica, certamente, por algum tipo de influência do curso e/ou instituição técnica frequentada anteriormente.
- Entre os que permaneceram na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, 15% entraram em cursos superiores de graduação ofertados pelo CEFET-MG (Capital e interior).
- A maioria (85%) optou pelo curso superior nos Institutos Federais do estado de Minas Gerais. Como estes têm *campi* espalhados pelas diferentes regiões (Centro, Leste, Norte, Oeste, Sul, Sudeste e Triângulo Mineiro), o grande percentual de

permanência nos IF sugere que a criação recente dessas instituições tem contribuído para ampliar o acesso à educação superior em diversas cidades do interior.

Tabela 12 - Curso superior na rede federal de EPT

| Variável | Nº | % |
|--|-----------|----------|
| Curso Superior na Rede Federal de EPT | | |
| Não | 679 | 70,6 |
| Sim | 283 | 29,4 |
| Total | 962 | 100,0 |
| Instituição Tecnológica do Curso Superior | | |
| CEFET-MG | 44 | 15,5 |
| IF Minas Gerais | 116 | 41,0 |
| IF Norte de Minas | 59 | 20,9 |
| IF Sudeste de Minas | 36 | 12,7 |
| IF Sul de Minas | 5 | 1,8 |
| IF Triângulo Mineiro | 23 | 8,1 |
| Total | 283 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação aos estudantes que cursaram o técnico nas Escolas Técnicas Vinculadas a Universidades Federais de Minas Gerais, 4% entraram em cursos superiores na mesma universidade em que frequentaram o curso técnico (UFV, UFTM, UFMG e UFU), com predominância (67%) dessa relação no COLTEC-UFMG (Tabela 13).

Tabela 13 - Curso superior na mesma universidade da ETU frequentada

| Instituição de Ensino Técnico | Universidade | Nº | % |
|--------------------------------------|---------------------|-----------|----------|
| CEDAF-UFV | UFV | 5 | 13,9 |
| CEFORES-UFTM | UFTM | 4 | 11,1 |
| COLTEC-UFMG | UFMG | 24 | 66,7 |
| ESTES-UFU | UFU | 3 | 8,3 |
| Total | | 36 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa

As análises a seguir (Tabela 14, Tabela 15 e Tabela 16) apresentam relações de continuidade ou não de estudos de nível superior na mesma área de conhecimento do curso técnico frequentado.²⁵ Os aspectos mais relevantes são os seguintes:

- Ao agrupar os cursos técnicos e superiores em cinco grandes áreas do conhecimento e realizar o cruzamento entre as áreas dos cursos técnicos e superiores, apurou-se que 50% continuaram a educação superior na mesma área do curso técnico, o que corrobora os dados apresentados de que 53% dos estudantes consideraram algum tipo de relação (parcial, muito ou total) entre as áreas.
- Entre os que continuaram na mesma área, a maioria (68%) fez ou faz cursos na área de Exatas, a mesma predominante nos cursos técnicos.

Tabela 14 - Cruzamento entre áreas dos cursos técnicos e superiores

| Área Técnica | Área Superior | | | | | Total |
|-------------------|---------------|------------------|--------|---------------|-------------------|-------|
| | Agrárias | Biológicas/Saúde | Exatas | Humanas/Artes | Sociais Aplicadas | |
| Agrárias | 88 | 36 | 49 | 17 | 40 | 230 |
| Biológicas/Saúde | 4 | 27 | 19 | 14 | 16 | 80 |
| Exatas | 20 | 47 | 327 | 36 | 143 | 573 |
| Humanas/Artes | 0 | 5 | 2 | 2 | 4 | 13 |
| Sociais Aplicadas | 3 | 9 | 10 | 10 | 37 | 69 |
| Total | 115 | 124 | 407 | 79 | 240 | 965 |

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 15 - Relações entre áreas de estudo

| Curso Superior na Área Técnica | Nº | % |
|--------------------------------|-----|-------|
| Não | 484 | 50,2 |
| Sim | 481 | 49,8 |
| Total | 965 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa

²⁵ As correspondências estabelecidas entre as áreas técnicas e superiores foram apresentadas no Quadro 12 (p. 113).

Tabela 16 - Áreas técnicas e superiores compatíveis

| Área | Nº | % |
|--------------------|-----|-------|
| Agrárias | 88 | 18,3 |
| Biológicas e Saúde | 27 | 5,6 |
| Exatas | 327 | 68,0 |
| Humanas e Artes | 2 | 0,4 |
| Sociais Aplicadas | 37 | 7,7 |
| Total | 481 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa

Na análise qualitativa dos dados dos grupos focais, também foram verificadas relações ou não da formação técnica com a opção de prosseguir os estudos de nível superior. Assim, como forma de identificar as diferentes vivências dos estudantes, um dos pontos levantados para a discussão nos grupos foi se o curso superior escolhido teria alguma conexão com as experiências e aprendizados obtidos no curso técnico.

Observou-se que a maioria dos participantes tendeu a se posicionar nos dois extremos, identificando ou uma total relação ou nenhuma relação entre os cursos. Aqueles que identificaram relações parciais foram minoria. Entre os que não identificaram relação, todos afirmaram ter escolhido áreas totalmente distintas do curso técnico. A falta de relação foi observada nos diferentes grupos (evadidos e diplomados, nas diferentes instituições da Capital e do interior e entre homens e mulheres). Abaixo estão alguns desses exemplos:

1. O meu são duas áreas completamente diferentes: Eletrônica é Exatas pura. Antropologia e Letras não têm nada de Exatas. (Evadido em Eletrônica, CEFET Belo Horizonte, superior em Antropologia e Letras).
2. No meu caso pra área de Gastronomia, montagem dos pratos, elaboração de uma nova cozinha, não tem nada a ver, completamente. (Diplomado em Eletromecânica, CEFET Leopoldina, superior em Gastronomia).
3. Já no meu curso não tem nada a ver, porque o meu é Enfermagem e o curso que eu fiz é Informática. (Diplomada em Informática, IF Triângulo Paracatu, superior em Enfermagem).
4. O meu curso técnico tinha uma base focada em Física, nas partes da Eletrônica e tal e eu não tenho absolutamente nada de Física no meu curso. (Diplomado em Automação Industrial, COLTEC Belo Horizonte, superior em Ciências Econômicas)

5. Não tem nada a ver Direito e Informática. Só usa o computador mesmo. (Evadida, técnico em Informática, CEFET Leopoldina, superior em Direito)

A terceira fala, referente a uma diplomada em Informática que escolheu o curso superior de Enfermagem, é completada pela afirmação de que a mudança de área foi influenciada por pessoas de sua família que são formadas e que atuam na área de Enfermagem. Ela também disse que ao entrar no técnico não tinha noção do que era Informática e aos poucos foi descobrindo a falta de afinidade com a área, tendo sentido muita dificuldade em algumas disciplinas para concluir o curso técnico. Mostrou muita satisfação com a qualidade do ensino médio cursado na instituição técnica.

A última fala refere-se a uma participante evadida do curso de informática, a qual também demonstrou satisfação com o ensino médio que recebeu na instituição técnica. Declarou que optou por estudar no CEFET porque as escolas estaduais a que ela teria acesso no ensino médio, em sua cidade, não eram boas. Portanto, optou por fazê-lo na rede federal não pelo curso técnico em si, mas pela escola.

Assim, a descontinuidade entre curso técnico e superior aponta a ausência de conhecimento prévio mais profundo sobre o curso técnico escolhido, a escassez de instituições de ensino médio públicas de qualidade e a falta de afinidade com o curso técnico. Além do desconhecimento ou falta de orientação sobre a área profissional, outro aspecto a se considerar é a escolha realizada em idade muito jovem, sem a certeza ainda sobre suas vocações.

Entre os estudantes que identificaram relação da área técnica com o curso superior escolhido, foram muitos os que mencionaram uma total relação entre as áreas, confirmando o dado quantitativo mostrado anteriormente de que metade dos estudantes escolheu cursos superiores na mesma área do curso técnico.

Os fatores que levaram a essa continuidade de estudos na mesma área são diversos nos discursos analisados. Dentre os principais motivos, citam-se a afinidade com o curso técnico e o desejo de continuar a aprofundar os conhecimentos na mesma área profissional. Inclusive, alguns mencionaram a intenção de fazer mestrado e doutorado na área, o que tem a ver com a ideia de verticalização da educação profissional. Abaixo, citam-se algumas falas que exemplificam isso:

1. Escolhi o curso [superior] por causa do técnico. Eu pensei: se o técnico deu tanto certo, eu gosto tanto da área, gosto tanto de trabalhar, aí eu pesquisei o que era [Engenharia] Ambiental e eu vi que era minha área. É o que eu gosto de fazer. E hoje em dia eu quero mais coisa na área de ambiental mesmo, mestrado, doutorado, tudo na área ambiental, porque no curso técnico, o que a gente vê a gente acha que não vai estudar mais, aí na Engenharia eu tô vendo uma coisa que a base estava toda aqui. Então acaba que vai só aprofundando. Parece que o meu curso superior nada mais é do que uma continuidade do meu curso técnico. (Diplomado em Meio Ambiente, CEFET Belo Horizonte, superior em Engenharia Ambiental).

2. Eu queria ser químico. Então a minha expectativa era realmente graduar e continuar, fazer mestrado, doutorado. (Diplomado em Química, CEFET Belo Horizonte, superior em Química).

Outra questão que mostra a identificação com a área técnica são as experiências práticas e de estágio que motivam prosseguir os estudos de nível superior em áreas afins às do curso técnico, tal como demonstra uma das falas:

1. Eu sempre tive interesse na área da saúde, aí eu fiz o curso técnico em Patologia, gostei muito do meu curso e o que eu mais apaixonei foi pelo meu estágio. Eu vi aquele movimento no hospital. Faço Enfermagem. Aí pensei... Eu quero fazer, eu quero cuidar... Servir alguém aqui. O que me ajudou muito: o estágio. Eu fico vendo em relação às meninas da minha sala, a maioria não tem noção de como que é um hospital, de como que é pegar numa agulha e o técnico me proporcionou isso. (Diplomada em Análises Clínicas, COLTEC Belo Horizonte, superior em Enfermagem).

Também foi identificada a oportunidade de fazer um curso superior no mesmo Instituto Federal. Na fala a seguir, o estudante afirma que não tinha certeza sobre qual carreira seguiria no ensino superior. Após surgir a opção de um curso no IF, buscou pesquisar sobre o curso e o mercado profissional. Então, optou por um curso relacionado à área técnica na mesma instituição em que cursou o técnico. Ele mesmo se identificou com a tendência de verticalização do ensino proposta pelos Institutos Federais. Também, demonstrou afinidade com a instituição e com os professores, que motivaram a sua permanência no Instituto. Este dado discursivo confirma a análise quantitativa anterior, que mostrou que 34% continuaram os estudos na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica ou nas universidades onde cursaram o técnico.

1. Eu faço Engenharia Florestal e eu fiz por oportunidade. Até então eu não sabia que rumo tomar na vida. Aí eu fui fazer cursinho, aí em 2010 apareceu a oportunidade de fazer Engenharia Florestal aqui no instituto. Por ser perto de casa, dei uma olhada no curso também. Vi o mercado, essas coisas... Aí como no técnico eu já tive muita base, graças a Deus, foi uma oportunidade que eu tive, eu fui e ingressei no curso de Engenharia Florestal e a escola está evoluindo e está aparecendo muitas oportunidades de estudo e acaba motivando muita a gente a continuar na escola mesmo, a tentar essa verticalização do ensino. [...] Como acontece aqui na escola, tem um professor que te dá aula [no curso técnico] e dá aula no superior também, aí acaba te motivando a ingressar no curso. Aqui na própria instituição, como você já conhece muita gente, já passou 3 anos aqui, aí você tem maior contato com o professor que tem a maior liberdade... Já começa a ser aquela coisa de família mesmo. (Diplomado em Agropecuária, IF Norte Salinas, curso superior em Engenharia Florestal).

Outro dado interessante foi a oportunidade de fazer um curso superior na mesma área técnica mediante a obtenção de bolsa integral do PROUNI, que está atrelada à baixa condição financeira para pagar uma formação superior.

1. Eu consegui uma bolsa no PROUNI em Telecomunicações, então, eu me interessei porque também estava no mesmo caminho do curso técnico. (Diplomada em Eletrônica, IF Triângulo Paracatu, superior em Engenharia de Telecomunicações).

Em relação à influência do emprego, as falas seguintes mostram que o fato de trabalhar como técnico motivou a entrada no ensino superior na mesma área, pela possibilidade de ascensão profissional e salarial.

1. Eu escolhi o curso superior, eu hoje faço engenharia elétrica, por ter feito o curso técnico. O curso técnico te ajuda nesse caso. Se a pessoa gostar da área, é muito provável que se ela for fazer um curso superior, a chance que ela vê na área é seguir aquele mesmo caminho. Eu acho que o principal fator foi esse e também por já estar inserido nesse mercado, de indústria, eu trabalho num setor de Engenharia, trabalhava no setor de Engenharia na empresa que eu estou hoje, então, isso tudo contribuiu. Trabalhava com engenheiros já formados. Então isso tudo deve ter contribuído no curso superior. (Evadido em Eletrotécnica, CEFET Belo Horizonte, superior em Engenharia Elétrica).

2. Eu trabalhei 5 anos na área técnica. Muitas vezes você é até melhor do que alguém que faz curso superior. Quando saí da minha empresa eu era a melhor da área, fui considerada a melhor pela diretoria, melhor funcionário. Mas eu era a que ganhava menos, porque eu não tinha um curso superior. Então eu acho que isso às vezes obriga o técnico a fazer um curso superior.

Porque você é muito bom, mas chega uma hora que seu salário é aquele, não vai mudar mais. E se você fizer o superior vai, a mesma coisa, você continua exercendo as mesmas funções que exerceu antes. (Diplomada em Informática, CEFET Belo Horizonte, superior em Engenharia Mecânica).

No caso do primeiro estudante, apesar de ser considerado evadido por não entregar o relatório do estágio, o fato de ter concluído todas as disciplinas do curso técnico e de ter um certificado de aprovação nas disciplinas permitiu-lhe ingressar no mercado, que não exigiu o diploma técnico. Na segunda fala, evidencia-se a desvalorização dos técnicos nas empresas em relação aos funcionários com nível superior. Ao mesmo tempo, observa-se esse fator como propulsor para o ingresso na universidade.

Por fim, a fala a seguir destaca que a continuidade de estudo na mesma área técnica pode ocorrer por meio da evasão do técnico em função da oportunidade de ingressar em um curso superior. Possivelmente, essa prioridade da formação de nível superior se deve ao fato de o profissional técnico ser menos valorizado no mercado, como mostraram outras falas anteriores.

1. Eu comecei a fazer o curso técnico em Florestas e aí eu me identifiquei muito com a área e percebi que era realmente o que eu gostava, aí eu pedi transferência para o curso de Engenharia Florestal, gosto muito do que estou fazendo. (Evadida em Florestas, IF Norte Salinas, curso superior em Engenharia Florestal)

Os dados analisados dos grupos focais confirmam muitos pontos indicados pela análise quantitativa sobre a relação da formação técnica com o percurso de transição para o ensino superior. Nos dados quantitativos, a maioria identificou relação entre a área do curso técnico e a do curso superior e percebeu influência do técnico na continuidade dos estudos de nível superior. O mesmo foi observado em vários discursos dos estudantes.

Na amostra da pesquisa de *survey*, entre os estudantes que seguiram carreiras distintas da área do curso técnico, o percentual estimado foi de 50%. Possivelmente, isso ocorreu pela não identificação com a área do curso técnico, tal como evidenciado nas análises qualitativas dos grupos focais.

A falta de identificação do estudante com a formação técnica também é apresentada em outras pesquisas, que indicam sua relação com diferentes fatores, tais

como: preferência pelo ensino médio regular, falta de vocação ou gosto pela área e falta de motivação e interesse pelo curso (ALMEIDA, A. C.; BARBOSA, 2010; MACHADO, M. R., 2009; NUNES *et al.*, 2007; SEE-MG, 2009; SILVA, M. R.; PELISSARI; STEIMBACH, 2013).

Em síntese, a descontinuidade entre o curso técnico e o superior aponta: ausência de informação prévia sobre o curso técnico escolhido, escassez de instituições de ensino médio públicas de qualidade e falta de afinidade com o curso técnico, pelo desconhecimento ou falta de orientação sobre a área profissional. Esses fatores podem levar ao abandono do curso técnico ou a sua conclusão e posterior entrada em um curso superior em área totalmente diferente da formação técnica frequentada.

Como grande parte dos alunos das escolas federais frequenta o curso técnico integrado ao ensino médio, a idade prevista para escolher o curso situa-se entre 14 e 15 anos de idade. Assim, muitas vezes, os alunos escolhem um campo de estudo prematuramente, sem informações suficientes sobre o curso e a profissão a eles relacionadas. Essa falta de informação mostra a necessidade de implementar serviços de orientação vocacional nas escolas públicas, as quais carecem desse tipo de suporte. Este é comumente oferecido em escolas particulares, mas ainda assim a oferta é insuficiente, sendo inexistente em várias cidades e regiões do País (MELO-SILVA, 2003; MELO-SILVA; LASSANCE; SOARES, 2004; RIBEIRO, 2003).

O TCU também aponta a falta de políticas de divulgação de informações sobre os cursos técnicos ou de orientação vocacional nas instituições federais de educação profissional, que devem trabalhar na divulgação do conteúdo dos cursos para que os interessados recebam informação suficiente sobre o tipo de investimento educacional que irão enfrentar, evitando a desistência por desconhecimento sobre os cursos (TCU, 2012).

É significativa a frequência de estudantes que desistem do curso técnico pela preferência pela educação de nível superior ou pela oportunidade de ingresso na universidade. Essa opção se relaciona à possibilidade de mudança de carreira, por meio de um curso superior, quando o estudante não se identifica com o curso técnico, o que está estreitamente relacionado à falta de orientadores vocacionais nas escolas. Também se deve a maior valorização do profissional com nível superior pelo mercado de trabalho,

o que pode levar os jovens a investir em um curso superior, como meio mais propício para alcançar um *status* profissional e econômico mais elevado (DORE; SALES; CASTRO, 2014).

Por meio da análise de regressão multinível, descrita a seguir, muitas das variáveis até aqui exploradas foram abordadas em termos de seu potencial para estimar as probabilidades estatísticas de ingresso ou não ingresso na educação superior.

5.3 Inferências quanto ao ingresso no ensino superior por alunos da rede federal de educação profissional de Minas Gerais

O modelo de regressão multinível foi utilizado para abordar a associação das variáveis explicativas referentes aos níveis do estudante, do curso técnico e da instituição de ensino profissional com a variável resposta *ingresso no ensino superior*.

A Tabela 17 expõe resultados das regressões logísticas, que testaram se as variáveis do modelo analítico da pesquisa se associam com o ingresso no ensino superior, considerando o nível de 25% de significância (margem de erro). As variáveis que atingiram esse critério foram incluídas na etapa seguinte de análise multivariada (modelo multinível), cuja margem de erro de 5%, mais rigorosa, foi aplicada na análise das variáveis selecionadas para compor o modelo inferencial da pesquisa. Quase todas as variáveis foram incluídas no modelo, com exceção de duas: *Atuação na área técnica* e *Turno do curso técnico*.

Tabela 17 - Análises univariadas

| Variável | Valor-p | OR | IC - 95% |
|---|---------|-------|----------------|
| Estudante | | | |
| Idade | 0,000 | 0,921 | [0,903; 0,939] |
| Sexo = Masculino | - | 1 | - |
| Sexo = Feminino | 0,098 | 1,232 | [0,963; 1,577] |
| Raça = Não branco | - | 1 | - |
| Raça = Branco | 0,027 | 1,314 | [1,031; 1,674] |
| Estado civil = Casado | - | 1 | - |
| Estado civil = Solteiro | 0,000 | 3,614 | [2,718; 4,804] |
| Estado civil = Viúvo, separado e divorciado | 0,108 | 2,074 | [0,852; 5,050] |
| Filhos = Sim | - | 1 | - |
| Filhos = Não | 0,000 | 2,974 | [2,201; 4,019] |
| Escolaridade da mãe = Nunca estudou ou fundamental incompleto | - | 1 | - |
| Escolaridade da mãe = Fundamental completo ou médio/técnico | 0,155 | 1,258 | [0,917; 1,725] |
| Escolaridade da mãe = Médio/técnico completo ou superior incompleto | 0,000 | 1,967 | [1,440; 2,687] |
| Escolaridade da mãe = Superior completo | 0,050 | 1,798 | [1,000; 3,233] |
| Escolaridade da mãe = Pós-graduação | 0,006 | 5,960 | [1,662; 21,36] |
| Escolaridade do pai = Nunca estudou ou fundamental incompleto | - | 1 | - |
| Escolaridade do pai = Fundamental completo ou médio/técnico | 0,122 | 1,290 | [0,934; 1,781] |
| Escolaridade do pai = Médio/técnico completo ou superior incompleto | 0,000 | 1,789 | [1,333; 2,400] |
| Escolaridade do pai = Superior completo | 0,000 | 3,607 | [2,156; 6,033] |
| Escolaridade do pai = Pós-graduação | 0,002 | 2,795 | [1,481; 5,276] |
| Renda per capita (R\$ 100,00) | 0,000 | 1,052 | [1,034; 1,071] |
| Conclusão do curso técnico = Não | - | 1 | - |
| Conclusão do curso técnico = Sim | 0,000 | 2,205 | [1,721; 2,825] |
| Escola fundamental frequentada = Maior parte em escola pública | - | 1 | - |
| Escola fundamental frequentada = Maior parte em escola particular | 0,000 | 2,288 | [1,502; 3,483] |
| Vínculo de trabalho após o curso técnico = Sim | - | 1 | - |
| Vínculo de trabalho após o curso técnico = Não | 0,000 | 2,314 | [1,779; 3,01] |
| Atuação na área técnica = Não | - | 1 | - |
| Atuação na área técnica = Sim | 0,530* | 1,083 | [0,845; 1,387] |
| Curso Técnico | | | |
| Área do conhecimento = Ciências Biológicas e da Saúde | - | 1 | - |
| Área do conhecimento = Ciências Agrárias | 0,076 | 2,008 | [0,930; 4,336] |
| Área do conhecimento = Ciências Exatas e da Terra | 0,661* | 1,179 | [0,565; 2,462] |
| Área do conhecimento = Ciências Humanas e Artes | 0,530* | 1,846 | [0,273; 12,48] |
| Área do conhecimento = Sociais Aplicadas | 0,573* | 1,263 | [0,561; 2,846] |
| Curso médio concluído na instituição técnica = Não | - | 1 | - |
| Curso médio concluído na instituição técnica = Sim | 0,000 | 2,894 | [2,143; 3,908] |
| Turno = Noturno | - | 1 | - |
| Turno = Diurno | 0,297* | 1,161 | [0,877; 1,538] |
| Instituição de Ensino Técnico | | | |
| Tempo de criação | 0,009 | 1,015 | [1,004; 1,027] |
| Tipo de instituição de ensino técnico = IF | - | 1 | - |
| Tipo de instituição de ensino técnico = CEFET | 0,101 | 2,207 | [0,856; 5,689] |
| Tipo de instituição de ensino técnico = ETU | 0,280* | 1,921 | [0,588; 6,274] |
| Localização da instituição de ensino técnico = Interior | - | 1 | - |
| Localização da instituição de ensino técnico = Capital | 0,000 | 17,97 | [4,507; 71,63] |

* Valor não significante estatisticamente

Fonte: Dados da pesquisa

A análise multinível da transição para o ensino superior considerou 1.456 alunos, tendo sido eliminados 114 respondentes (7% da amostra total), que tiveram um ou mais valores faltantes (*missing values*) no conjunto de variáveis constituintes do modelo.

A partir dos componentes das variâncias σ (curso) = 0,409 e σ (unidade escolar) = 0,443, foi estimado o coeficiente intraclasse (ICC) para os cursos e as unidades. O ICC para os cursos mediu a semelhança dos alunos que frequentaram o mesmo curso técnico, enquanto o ICC para a unidade escolar mediu a semelhança dos alunos que cursaram o ensino técnico na mesma unidade. O coeficiente intraclasse para os cursos foi de 0,045 e o das unidades foi de 0,054. Alunos dentro de cursos de uma mesma unidade apresentam um ICC de aproximadamente 0,10. O ICC é uma medida que varia de 0 a 1, sendo que valores entre 0,05 e 0,20 são comuns em resultados de pesquisas educacionais (SNIJDERS; BOSKER, 1999).

Com base no R^2 marginal, verificou-se que todos os efeitos fixos explicam 33,1% do ingresso no curso superior, sendo que se considerados os efeitos fixos mais os aleatórios (heterogeneidade entre os cursos e instituições), o modelo explica 38,3% (R^2 condicional) do ingresso. Os valores de referência de R^2 variam significativamente conforme cada ciência. Para dados típicos das ciências sociais, valores acima de 25% são considerados de relevância explicativa (ANDERSON; SWEENEY; WILLIAMS, 2003).

A regressão multinível utilizada para constatar as variáveis do estudante e do contexto escolar associadas ao ingresso no ensino superior é apresentada na Tabela 18. O modelo estimou a significância das variáveis (valor-p), as probabilidades de ocorrência (*Odds Ratio* - OR) do ingresso na educação superior e os intervalos de confiança (IC) de 95%. Dentre as 18 variáveis inicialmente consideradas no modelo da pesquisa, somente oito permaneceram na regressão final, pois apresentaram nível de significância inferior ou igual a 0,05.

Tabela 18 - Modelo multinível de ingresso no ensino superior

| Variável resposta: Ingresso no ensino superior (n = 1.456) | | | |
|---|----------------|-------------|-------------------|
| Variável explicativa | Valor-p | O.R. | I.C. - 95% |
| Estudante | | | |
| Idade | 0,000 | 0,950 | [0,927; 0,973] |
| Estado civil = Casado (referência) | - | 1 | - |
| Estado civil = Solteiro | 0,000 | 2,557 | [1,815; 3,604] |
| Estado civil = Viúvo, separado e divorciado | 0,013 | 3,392 | [1,287; 8,936] |
| Escolaridade do pai = Menor ou igual a superior incompleto (referência) | - | 1 | - |
| Escolaridade do pai = Superior completo/Pós-graduação | 0,002 | 2,030 | [1,305; 3,158] |
| Renda per capita | 0,000 | 1,051 | [1,031; 1,071] |
| Evasão do curso técnico = Sim (referência) | - | 1 | - |
| Evasão do curso técnico = Não | 0,000 | 2,513 | [1,861; 3,394] |
| Vínculo de trabalho após o curso técnico = Sim (referência) | - | 1 | - |
| Vínculo de trabalho após o curso técnico = Não | 0,000 | 1,969 | [1,468; 2,642] |
| Curso técnico | | | |
| Curso médio concluído na instituição técnica = Não (referência) | - | 1 | - |
| Curso médio concluído na instituição técnica = Sim | 0,011 | 1,575 | [1,110; 2,236] |
| Instituição de ensino técnico | | | |
| Localização da instituição de ensino técnico = Interior (referência) | - | 1 | - |
| Localização da instituição de ensino técnico = Capital | 0,000 | 6,570 | [2,45; 17,62] |

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação a cada variável vinculada ao *nível do estudante*, considerando os alunos de um mesmo curso e instituição e mantendo constantes as demais variáveis, houve um efeito significativo no ingresso na educação superior quanto a:

- Idade (valor-p = 0,000): para cada ano que se aumenta na idade do aluno a chance de ingresso no curso superior diminui em 0,950 vezes.
- Estado civil (valor-p = 0,000): alunos solteiros apresentaram 2,557 vezes mais chance de ingresso no curso superior do que os alunos casados. Também houve diferença significativa entre os estados civis viúvo, separado e divorciado (valor-p = 0,013), sendo que estes apresentaram 3,392 vezes mais chance de ingresso no curso superior do que os alunos casados.

- Escolaridade do pai (valor-p = 0,002): alunos com pais com nível superior completo ou pós-graduação apresentaram 2,030 vezes mais chance de ingresso no curso superior do que aqueles com pais que nunca estudaram ou com ensino fundamental incompleto.
- Renda per capita (valor-p = 0,000): a cada 100 reais aumentados na renda per capita do aluno a chance de ingresso no curso superior aumenta 1,051 vez.
- Conclusão ou evasão do curso técnico (valor-p = 0,000): os alunos que se diplomaram apresentaram uma chance de 2,513 vezes maior de ingresso no curso superior do que os evadidos.
- Vínculo de trabalho após o curso técnico (valor-p = 0,000): os alunos que não tinham vínculo de trabalho após o curso técnico apresentaram 1,969 vez mais chance de ingresso no curso superior do que os alunos que tinham vínculo.

Considerando características sociodemográficas, os indivíduos que apresentam mais chances de acesso à educação superior incluem os mais jovens, solteiros, com maior renda familiar e com pais com ensino superior completo. Esses resultados estão alinhados com outras pesquisas educacionais de acordo com as quais as características dos estudantes e a situação socioeconômica das famílias estão associadas às chances de maior escolarização (RUMBERGER, 2011; SILVA, N. V.; HASENBALG, 2002). Quanto ao perfil acadêmico, os diplomados no curso técnico tendem a ingressar mais no ensino superior em relação aos evadidos. Os concluintes, sugestivamente, possuem melhor preparo acadêmico e profissional, pois finalizaram as diferentes etapas do curso, requeridas para obter o diploma de técnico: formação média e técnica, estágio profissional e elaboração de relatório de estágio. Já os estudantes evadidos podem se desengajar da vida escolar por circunstâncias individuais, institucionais ou sociais, que podem levar a uma saída temporária ou definitiva do sistema de ensino (DORE, ROSEMARY; LÜSCHER, 2011). Em termos de atividade profissional, aqueles que não trabalham apresentaram mais vantagens na continuidade dos estudos em comparação com aqueles que trabalham. O exercício de atividade remunerada pode ser tomado como indicação de tempo indisponível para estudo (SOARES; ALVES; OLIVEIRA, 2001).

Quanto às variáveis do contexto escolar (níveis do *curso técnico* e da *instituição de ensino técnico*), considerando os alunos que frequentaram cursos similares em uma mesma instituição, houve efeito significativo no ingresso no curso superior com relação à:

- Modalidade de oferta do curso (valor-p = 0,011): os alunos que concluíram o curso médio na instituição técnica apresentaram 1,575 vez mais chance de ingresso no curso superior do que alunos que concluíram o ensino médio em outras instituições escolares.
- Localização da instituição de ensino técnico (valor-p = 0,000): os alunos que cursaram o ensino técnico na Capital apresentaram 6,570 vezes mais chance de ingresso no curso superior do que os alunos que o fizeram no interior.

No que diz respeito à modalidade de oferta do curso técnico, a formação média concluída na instituição técnica federal constitui um diferencial em relação ao ensino médio concluído externamente. Entre os concluintes do ensino médio externo, 956 (88%) cursaram este nível de ensino em escolas públicas e apenas 129 (12%) em escolas particulares.

Quanto à localização das instituições, o ingresso no ensino superior ocorre com maior probabilidade em instituições técnicas situadas em Belo Horizonte, Capital de Minas Gerais. Esse resultado pode estar associado ao fato de que as instituições técnicas da Capital estão entre as mais antigas e consolidadas do estado, com elevada demanda e concorrência nos vestibulares para acesso aos cursos técnicos e consequente seletividade de seus estudantes. Além disso, é na Capital que se concentra o maior número de instituições de ensino superior. A localização geográfica das escolas expressa diferenças socioeconômicas entre regiões, que podem contribuir para a diversidade dos resultados educacionais dos alunos (FINI, 2007).

As informações obtidas por meio da investigação e analisadas à luz do modelo formulado sugerem que a transição para o ensino superior, após a saída do curso técnico (conclusão/evasão), está associada a um complexo de fatores inter-relacionados, concernentes ao estudante e ao contexto educacional, os quais foram examinados nesta seção. Dentre as variáveis consideradas inicialmente pela pesquisa (Quadro 2), as

seguintes variáveis não permaneceram no modelo multinível final: nível do estudante (sexo, raça, filhos, escolaridade da mãe, escola fundamental frequentada e atuação na área técnica); nível do curso técnico (turno e área de conhecimento); nível da instituição de ensino (tempo de criação e tipo). Embora não tenham apresentado significância estatística nesta pesquisa, tais variáveis são discutidas extensamente pela literatura e sua relevância não deve ser ignorada por estudos futuros.

Os fatores motivadores para o ingresso ou não no ensino superior, declarados pelos sujeitos pesquisados também são exploradas a seguir (seções 5.4 e 5.5) por meio de análises fatoriais. Estas foram realizadas a partir das respostas dos estudantes ao questionário da pesquisa relativas a graus de influência de diversos fatores na sua escolha de prosseguimento ou não dos estudos. Expressam, assim, tanto elementos facilitadores quanto barreiras para a continuidade de seus itinerários formativos.

5.4 Fatores favoráveis à transição para o ensino superior

Do total de 1.570 participantes dos *surveys*, 969 (62%) ingressaram no ensino superior após o curso técnico. Este grupo respondeu a questões sobre os motivos para a realização do curso superior cuja análise considerou dados de 966 indivíduos, dada a exclusão de 3 respondentes da amostra pela ausência superior a 15% de respostas.

A análise fatorial exploratória foi utilizada inicialmente para verificar os itens mais importantes referentes aos motivos de ingresso no curso superior, que foram agrupados em cinco construtos: a) Trabalho; b) Demandas de formação e afinidade; c) Fatores pessoais/familiares; d) Informação/preparação prévia para o curso; e e) Características da instituição/curso. A referida análise visou verificar os itens de cada construto que não contribuíam para a consistência dos construtos. Os itens são representados por siglas nas tabelas dos resultados, conforme o Quadro 10.

Quadro 10 - Siglas dos motivos do ingresso no ensino superior

| Construto | Item | Sigla |
|---|---|-------|
| Trabalho | Possibilidade de melhorar no trabalho ou na profissão escolhida | T1 |
| | Mudança de emprego/carreira | T2 |
| | Valorização da profissão no mercado de trabalho | T3 |
| | Possibilidade de ter um bom salário | T4 |
| | Exigência da empresa em que trabalha(va) | T5 |
| | Apoio financeiro para estudo concedido pela empresa que trabalha(va) | T6 |
| | Facilidade dos alunos formados nesse curso para conseguirem emprego | T7 |
| Demandas de formação e afinidade | Aperfeiçoamento profissional ou aquisição de novos conhecimentos | DFA1 |
| | Necessidades de obtenção de diploma de nível superior | DFA2 |
| | Afinidade ou gosto pela área/profissão | DFA3 |
| Fatores pessoais/familiares | Facilidade de passar no vestibular | FPF1 |
| | Facilidade de concluir o curso | FPF2 |
| | Realização pessoal | FPF3 |
| | Sugestão de outra pessoa | FPF4 |
| | Imposição da família | FPF5 |
| Informação/preparação prévia para o curso | Informações previamente obtidas sobre o curso | IPPC1 |
| | Conhecimento prévio da estrutura física e do funcionamento da instituição | IPPC2 |
| | Sugestão recebida em programa de orientação vocacional | IPPC3 |
| | Obtenção de bolsa de estudos em cursinho pré-vestibular | IPPC4 |
| Características da instituição/curso | Recursos e atendimento adaptado ao deficiente | CEC1 |
| | Gratuidade do curso | CEC2 |
| | Custo acessível da mensalidade do curso | CEC3 |
| | Localização da instituição de ensino superior | CEC4 |
| | Qualidade e credibilidade do curso | CEC5 |

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 19 apresenta a solução fatorial para cada construto, incluindo o modelo completo com todos os itens e o modelo com a eliminação dos itens com Cargas Fatoriais (CF) inferiores a 0,50. Os itens eliminados foram: mudança de emprego/carreira (T2), exigência da empresa em que trabalha(va) (T5), apoio financeiro para estudo concedido pela empresa que trabalha(va) (T6), realização pessoal (FPF3), imposição da família (FPF5), obtenção de bolsa de estudos em cursinho pré-vestibular (IPPC4), recursos e atendimento adaptado ao deficiente (CEC1) e custo acessível da mensalidade do curso (CEC3).

Tabela 19 - Análise fatorial exploratória dos motivos do ingresso no ensino superior

| Construto | Item | Modelo Completo | | | Modelo Final | | |
|---|-------|-----------------|----------|-------|--------------|----------|------|
| | | CF | Comunal. | Peso | CF | Comunal. | Peso |
| Trabalho | T3 | 0,83 | 0,69 | 0,33 | 0,88 | 0,78 | 0,39 |
| | T4 | 0,79 | 0,63 | 0,31 | 0,85 | 0,72 | 0,38 |
| | T7 | 0,60 | 0,36 | 0,24 | 0,63 | 0,40 | 0,28 |
| | T1 | 0,59 | 0,35 | 0,24 | 0,60 | 0,36 | 0,27 |
| | T2 | 0,45 | 0,21 | 0,18 | - | - | - |
| | T5 | 0,43 | 0,19 | 0,17 | - | - | - |
| | T6 | 0,32 | 0,10 | 0,13 | - | - | - |
| Demandas de formação e afinidade | DFA1 | 0,84 | 0,71 | 0,53 | 0,84 | 0,71 | 0,53 |
| | DFA3 | 0,76 | 0,58 | 0,48 | 0,76 | 0,58 | 0,48 |
| | DFA2 | 0,55 | 0,30 | 0,35 | 0,55 | 0,30 | 0,35 |
| Fatores pessoais/familiares | FPF2 | 0,81 | 0,66 | 0,44 | 0,87 | 0,75 | 0,50 |
| | FPF1 | 0,81 | 0,65 | 0,43 | 0,86 | 0,73 | 0,49 |
| | FPF4 | 0,56 | 0,32 | 0,30 | 0,51 | 0,26 | 0,29 |
| | FPF5 | 0,48 | 0,23 | 0,26 | - | - | - |
| | FPF3 | 0,04 | 0,00 | 0,02 | - | - | - |
| Informação/preparação prévia para o curso | IPPC1 | 0,75 | 0,57 | 0,44 | 0,81 | 0,66 | 0,50 |
| | IPPC2 | 0,72 | 0,52 | 0,42 | 0,79 | 0,62 | 0,49 |
| | IPPC3 | 0,65 | 0,42 | 0,38 | 0,58 | 0,34 | 0,36 |
| | IPPC4 | 0,44 | 0,20 | 0,26 | - | - | - |
| Características da Instituição/Curso | CEC5 | 0,70 | 0,49 | 0,48 | 0,69 | 0,48 | 0,49 |
| | CEC4 | 0,67 | 0,44 | 0,46 | 0,67 | 0,45 | 0,48 |
| | CEC2 | 0,64 | 0,40 | 0,44 | 0,69 | 0,48 | 0,49 |
| | CEC1 | 0,33 | 0,11 | 0,23 | - | - | - |
| | CEC3 | -0,05 | 0,00 | -0,03 | - | - | - |

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 20 mostra a validade e a qualidade dos construtos que preencheram os critérios para a criação de indicadores, tendo em vista que todos eles: a) foram unidimensionais; b) indicaram validação convergente ($AVE > 0,40$); c) mostraram Alfa de Cronbach (AC) ou coeficiente de Dillon-Goldstein (DG) acima de 0,60, níveis necessários para a confiabilidade; e d) apresentaram ajuste adequado da análise fatorial, pois todos os valores de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foram superiores ou iguais a 0,50.

Tabela 20 - Validade dos construtos dos motivos do ingresso no ensino superior

| Construto | Item | AVE | AC | DG | KMO | Dim. |
|---|------|------|------|------|------|------|
| Trabalho | 4 | 0,56 | 0,72 | 0,77 | 0,69 | 1 |
| Demandas de formação e afinidade | 3 | 0,53 | 0,51 | 0,69 | 0,54 | 1 |
| Fatores pessoais/familiares | 3 | 0,58 | 0,61 | 0,73 | 0,55 | 1 |
| Informação/preparação prévia para o curso | 3 | 0,54 | 0,57 | 0,70 | 0,58 | 1 |
| Características da instituição/curso | 3 | 0,47 | 0,43 | 0,64 | 0,59 | 1 |

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 21 exhibe os itens de cada construto e suas respectivas médias, Desvios-Padrão (DP) e intervalo de 95% de confiança. Em cada construto os seguintes itens foram os mais influentes no ingresso no ensino superior: a) Trabalho – possibilidade de ter um bom salário (T4); b) Demandas de Formação e Afinidade – afinidade ou gosto pela área/profissão (DFA3); c) Fatores pessoais/familiares – sugestão de outra pessoa (FPF4); d) Informação/preparação prévia para o curso – conhecimento prévio da estrutura física e do funcionamento da instituição; e e) Características da instituição/curso – qualidade e credibilidade do curso (CEC5).

Tabela 21 - Construtos dos motivos do ingresso no ensino superior

| Construto | Item | Média | DP | IC - 95% |
|--|-------------|--------------|-----------|-----------------|
| Trabalho | T1 | 69,57 | 37,06 | [67,24; 71,90] |
| | T3 | 68,50 | 33,78 | [66,20; 70,55] |
| | T4 | 73,58 | 31,91 | [71,45; 75,73] |
| | T7 | 45,06 | 37,31 | [42,70; 47,46] |
| Demandas de formação e afinidade | DFA1 | 78,86 | 27,29 | [77,15; 80,62] |
| | DFA2 | 67,96 | 35,51 | [65,66; 70,14] |
| | DFA3 | 82,58 | 25,02 | [81,08; 84,16] |
| Fatores pessoais/familiares | FPF1 | 23,45 | 30,90 | [21,58; 25,34] |
| | FPF2 | 20,47 | 29,65 | [18,71; 22,28] |
| | FPF4 | 27,33 | 33,10 | [25,21; 29,50] |
| Informação/preparação prévia para o curso | IPPC1 | 42,73 | 33,04 | [40,71; 45,01] |
| | IPPC2 | 48,68 | 33,80 | [46,64; 50,85] |
| | IPPC3 | 12,63 | 25,29 | [11,05; 14,13] |
| Características da instituição/curso | CEC2 | 53,24 | 44,52 | [50,39; 55,95] |
| | CEC4 | 51,53 | 38,71 | [49,07; 54,01] |
| | CEC5 | 69,93 | 31,97 | [67,91; 72,00] |

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 22, cada construto foi representado pela média dos seus itens, junto com o respectivo desvio-padrão e intervalo de 95% de confiança. O construto Demandas de formação e afinidade foi o que se apresentou como mais influente no ingresso no ensino superior. Fatores pessoais/familiares foi o com menor influência.

Tabela 22 - Médias dos construtos dos motivos do ingresso no ensino superior

| Construto | Média | DP | IC - 95% |
|---|--------------|-----------|-----------------|
| Trabalho | 65,16 | 26,03 | [63,48; 66,84] |
| Demandas de formação e afinidade | 75,96 | 21,63 | [74,55; 77,29] |
| Fatores pessoais/familiares | 23,18 | 23,96 | [21,75; 24,68] |
| Informação/preparação prévia para o curso | 36,86 | 23,62 | [35,43; 38,35] |
| Características da instituição/curso | 58,11 | 26,49 | [56,44; 59,66] |

Fonte: Dados da pesquisa

Em síntese, os resultados da análise fatorial referente aos motivos influentes na transição para o ensino superior condensam os seguintes construtos, que seguem uma ordem decendente de importância:

- a) Demandas de formação e afinidade – tem relação com o interesse ou gosto pela profissão e pela área de estudo do curso superior escolhido, a busca de aperfeiçoamento e aquisição de novos conhecimentos e habilidades e a necessidades de obtenção de diploma de nível superior.
- b) Trabalho – é representado pela possibilidade de ter um bom salário e de melhorar no trabalho ou na profissão escolhida, pela valorização da profissão no mercado de trabalho e pela facilidade dos alunos formados no curso escolhido para conseguirem emprego.
- c) Características da instituição/curso – abrange a qualidade e credibilidade do curso, a gratuidade do curso e a localização da instituição de ensino superior.
- d) Informação/preparação prévia para o curso – inclui conhecimento prévio da estrutura física e do funcionamento da instituição, informações previamente obtidas sobre o curso e sugestão recebida em programa de orientação vocacional.
- e) Fatores pessoais/familiares – compreende a sugestão recebida de outra pessoa, a facilidade de passar no vestibular e a facilidade de concluir o curso superior escolhido.

Aspectos relacionados às informações e à preparação para o curso superior e aqueles vinculados aos campos pessoal e familiar foram os menos importantes para a opção de ingressar no ensino superior.

Entre os principais motivos identificados pelos estudantes para seguir os estudos citam-se: interesse, gosto ou identificação com a área de estudo e profissão. A necessidade de continuar se aperfeiçoando profissionalmente por meio de uma ascensão no nível de escolaridade também foi um aspecto importante. Outros motivos relevantes estão relacionados ao mundo do trabalho, sendo de caráter mais instrumental e representado pela busca de ascensão socioeconômica e profissional.

Além disso, as características das instituições e dos cursos superiores (qualidade percebida, gratuidade e localização conveniente) foram influentes na continuidade dos estudos, sugerindo que os aspectos contextuais referentes à instituição de ensino e ao curso superior podem favorecer ou não a continuidade dos estudos. Ou seja, as oportunidades acadêmicas não se limitam aos aspectos econômicos, sociais e culturais dos indivíduos. O processo de acesso e permanência no sistema educacional também guarda relação com fatores contextuais da instituição de ensino, tais como: qualidade do ensino ofertado, recursos e características estruturais e localização geográfica (DORE, R.; LÜSCHER, 2011; FINI, 2007; RUMBERGER, 2011; SILVA, N. V.; HASENBALG, 2002).

5.5 Fatores desfavoráveis à transição para o ensino superior

Do total de 1.570 respondentes dos questionários da pesquisa, 601 (38%) não entraram no ensino superior após o curso técnico. Este grupo respondeu a questões sobre os motivos para o não ingresso no ensino superior, cujas respostas foram objeto de análises fatoriais exploratórias. Foram excluídos da análise 2 indivíduos da amostra por ausência de respostas, apurando-se o total de 599 indivíduos.

Os construtos considerados na análise foram: a) Fatores financeiros, trabalho e mobilidade; b) Fatores pessoais/familiares; e c) Interesse e dificuldade. Os itens de cada um destes construtos foram avaliados de modo a identificar aqueles que não colaboravam com a validade e qualidade dos construtos. Ou seja, itens com cargas fatoriais inferiores a 0,50 foram excluídos. Os itens foram apresentados por siglas nas tabelas dos resultados, de acordo com o Quadro 11.

Quadro 11 - Siglas dos motivos do não ingresso no ensino superior

| Construto | Item | Sigla |
|--|---|-------|
| Fatores financeiros, trabalho e mobilidade | Falta de condições financeiras | FFTM1 |
| | Dificuldade de conciliar trabalho e estudo | FFTM2 |
| | Falta de instituição de ensino superior próxima do trabalho ou da residência | FFTM3 |
| Fatores pessoais/familiares | Imprevisto | FPF1 |
| | Discordância entre o curso que escolhi e o desejo familiar | FPF2 |
| | Cuidados com os filhos e/ou com a casa | FPF3 |
| | Gravidez própria ou da namorada, companheira ou esposa | FPF4 |
| Interesse e dificuldade | Falta de interesse | ID1 |
| | Grau de dificuldade do vestibular | ID2 |
| | Falta de preparação para o vestibular | ID3 |
| | A escola de nível média não deu base | ID4 |
| | A instituição de ensino superior a qual tenho acesso não oferece o curso desejado | ID5 |
| | O curso técnico é suficiente para a minha formação | ID6 |
| | Desejo fazer o curso superior em outro momento de minha vida | ID7 |

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 23, a solução fatorial para cada construto é apresentada, incluindo o modelo com todos os itens e o modelo com a exclusão daqueles com cargas fatoriais baixas (inferior a 0,50). Foram eliminados os itens Imprevisto (FPF1) e Discordância entre o curso que escolhi e o desejo familiar (FPF2) do construto Fatores pessoais/familiares, além dos itens: O curso técnico é suficiente para a minha formação (ID6), A instituição de ensino superior a que tenho acesso não oferece o curso de interesse (ID5) e Desejo fazer o curso superior em outro momento (ID7), todos do construto Interesse e dificuldade.

Tabela 23 - Análise fatorial exploratória dos motivos do não ingresso no ensino superior

| Construto | Item | Modelo Completo | | | Modelo Final | | |
|--|-------|-----------------|----------|------|--------------|----------|------|
| | | CF | Comunal. | Peso | CF | Comunal. | Peso |
| Fatores financeiros, trabalho e mobilidade | FFTM3 | 0,71 | 0,51 | 0,51 | 0,71 | 0,51 | 0,51 |
| | FFTM2 | 0,68 | 0,47 | 0,49 | 0,68 | 0,47 | 0,49 |
| | FFTM1 | 0,66 | 0,43 | 0,47 | 0,66 | 0,43 | 0,47 |
| Fatores pessoais/familiares | FPF3 | 0,86 | 0,75 | 0,56 | 0,88 | 0,77 | 0,57 |
| | FPF4 | 0,86 | 0,75 | 0,56 | 0,88 | 0,77 | 0,57 |
| | FPF1 | 0,18 | 0,03 | 0,12 | - | - | - |
| | FPF2 | 0,14 | 0,02 | 0,09 | - | - | - |
| Interesse e dificuldade | ID3 | 0,86 | 0,74 | 0,37 | 0,89 | 0,79 | 0,40 |
| | ID2 | 0,80 | 0,65 | 0,34 | 0,83 | 0,69 | 0,37 |
| | ID4 | 0,71 | 0,50 | 0,30 | 0,73 | 0,53 | 0,32 |
| | ID1 | 0,52 | 0,27 | 0,22 | 0,50 | 0,25 | 0,22 |
| | ID6 | 0,31 | 0,09 | 0,13 | - | - | - |
| | ID5 | 0,24 | 0,06 | 0,10 | - | - | - |
| | ID7 | 0,19 | 0,04 | 0,08 | - | - | - |

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 24, a validade e a qualidade dos construtos foram confirmadas, pois eles corresponderam aos parâmetros adequados para a criação de indicadores, a saber: unidimensionalidade, validação convergente (AVE > 0,40), Alfa de Cronbach (AC) ou coeficiente de Dillon-Goldstein (DG) acima de 0,60 e Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) maiores ou iguais a 0,50.

Tabela 24 - Validade dos construtos dos motivos do não ingresso no ensino superior

| Construto | Item | AVE | AC | DG | KMO | Dim. |
|--|------|------|------|------|------|------|
| Fatores financeiros, trabalho e mobilidade | 3 | 0,47 | 0,43 | 0,64 | 0,59 | 1 |
| Fatores pessoais/familiares | 2 | 0,88 | 0,64 | 0,93 | 0,50 | 1 |
| Interesse e dificuldade | 4 | 0,56 | 0,74 | 0,77 | 0,68 | 1 |

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 25 contempla os itens de cada construto, com suas respectivas médias, desvio-padrão e intervalo de 95% de confiança, ressaltando os seguintes construtos e itens mais influentes no não ingresso na educação superior: a) Fatores financeiros, trabalho e mobilidade – item Dificuldade de conciliar trabalho e estudo (FFTM2); b) Fatores pessoais/familiares – item Cuidados com os filhos e/ou com a casa (FPF3); e c) Interesse e dificuldade – item Falta de preparação para o vestibular (ID3).

Tabela 25 - Construtos dos motivos do não ingresso no ensino superior

| Construto | Item | Média | DP | IC - 95% |
|--|-------|--------|-------|----------------|
| Fatores financeiros, trabalho e mobilidade | FFTM1 | 45,91 | 40,30 | [42,70; 49,25] |
| | FFTM2 | 46,62 | 40,87 | [43,49; 49,79] |
| | FFTM3 | 22,04 | 34,95 | [19,37; 25,04] |
| Fatores pessoais/familiares | PPF3 | 11,77 | 28,65 | [9,47; 14,02] |
| | PPF4 | 3,88 | 16,82 | [2,59; 5,34] |
| Interesse e dificuldade | ID1 | 10,43 | 22,94 | [8,68; 12,40] |
| | ID2 | 25,25 | 34,18 | [22,41; 28,38] |
| | ID3 | 33,06 | 36,42 | [30,17; 35,85] |
| | ID4 | 23,456 | 33,39 | [20,83; 26,21] |

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 26, os construtos foram retratados pela média de seus itens e suas respectivas médias, desvio-padrão e intervalo de 95% de confiança. O construto Fatores financeiros, trabalho e mobilidade foi o que mais influenciou o não ingresso no ensino superior. O que menos influenciou foi Fatores pessoais/familiares.

Tabela 26 - Médias dos construtos dos motivos do não ingresso no ensino superior

| Construto | Média | DP | IC - 95% |
|--|-------|-------|----------------|
| Fatores financeiros, trabalho e mobilidade | 38,50 | 26,58 | [36,39; 40,65] |
| Fatores pessoais/familiares | 7,83 | 20,11 | [6,28; 9,52] |
| Interesse e dificuldade | 22,39 | 23,64 | [20,48; 24,20] |

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados da análise fatorial sobre os motivos que influenciaram os estudantes a não fazerem a transição para o ensino superior indicaram os construtos destacados abaixo, dispostos por ordem decrescente de relevância.

a) Fatores financeiros, trabalho e mobilidade – está ligado, principalmente, à escassez de tempo para o curso superior, ocasionada pela dificuldade de conciliar as atividades profissionais com as de estudo. Além disso, a situação socioeconômica é outro importante fator que impede a realização do curso superior. Ainda, envolve a falta de instituição de ensino superior perto do trabalho ou da moradia do respondente. O *status* socioeconômico e a disponibilidade de tempo são elementos-chave que podem levar os estudantes a optar pelo trabalho em detrimento dos estudos. É um forte indicador do desempenho escolar e do comportamento de abandono ou persistência nos estudos (RUMBERGER, 2011). Tal problema sugere a necessidade de ampliação e aprimoramento

das políticas de acesso ao ensino superior por trabalhadores e pessoas de baixa renda e maior divulgação dessas políticas. Também, aponta a necessidade de mais investimentos públicos na ampliação da oferta de cursos superiores presenciais e na instalação de novas instituições, em especial, em cidades de interior.

b) Interesse e dificuldade – abrange a falta de interesse pela formação de nível superior, o nível de dificuldade do vestibular, além do despreparo para o vestibular e da falta de qualidade do ensino médio, que impedem o acesso à educação superior. Estes problemas sugerem deficiências educacionais provenientes de níveis preliminares de ensino, que provocam dificuldade de aprendizado dos conteúdos do curso e pode levar à evasão nos cursos técnicos ou à não continuidade de estudos de nível superior. É importante observar os indicadores de atraso ou retenção nos cursos, tomando como premissa que alunos com atrasos mais severos são mais propensos a não prosseguir os estudos (TCU, 2012).

c) Fatores pessoais/familiares – é representado pela necessidade de cuidar dos filhos ou da casa e pela gravidez da própria respondente ou da companheira do respondente. Estes itens foram os menos importantes para a não entrada na educação superior.

Este conjunto de fatores apoia a ideia de que o não ingresso na educação superior é influenciado por fatores dos estudantes, que incluem: indisponibilidade de tempo e de recursos financeiros, desinteresse e falta de preparo para o vestibular. Esse despreparo também pode estar relacionado ao contexto escolar (falta de qualidade do ensino fundamental e médio). Outros fatores contextuais ou institucionais compreendem a falta de acesso a instituições de ensino superior. Esses resultados sugerem indicadores para ajudar a aperfeiçoar as políticas públicas para a educação superior e a ampliação do seu acesso.

6 CONCLUSÃO

O estudo sobre as trajetórias estudantis do curso técnico para o ensino superior teve o propósito de investigar os fatores do estudante e do contexto escolar associados à continuidade de estudos, além do papel desempenhado pela formação técnica na transição para a educação superior.

Na análise descritiva da amostra da pesquisa quantitativa ($n = 1.570$), constatou-se uma frequência elevada de estudantes que ingressaram na educação superior, representada por um grupo de 969 estudantes (62%), em detrimento de 601 (38%) que não fizeram a transição para o ensino superior. Essas estatísticas se referem a estudantes que saíram do curso técnico (evasão ou conclusão) entre 2006 e 2010, optando ou não por prosseguir os estudos.

Na amostra, houve uma pequena diferença de gênero (54% são do sexo masculino) e certa diversidade racial (48% são brancos e os outros 52% são pretos, pardos, amarelos ou indígenas). Isso sugere leve supremacia de homens e de grupos raciais menos prestigiados socialmente nas carreiras técnicas.

Em relação aos ingressantes no ensino superior, 57% fizeram cursos superiores na rede pública e 61% afirmaram que seus cursos superiores eram gratuitos. Aqueles que obtiveram bolsa PROUNI ou FIES (financiamento estudantil) representaram 12%. O fato de que 57% tiveram acesso a universidades públicas poderia sugerir que a qualidade do ensino médio das escolas técnicas contribuiu para o preparo para o vestibular. Contudo, 70% concluíram o curso médio externamente à escola técnica federal, sendo que entre estes a grande maioria (88%) o fez em escolas de ensino médio públicas. Esses dados podem estar associados à situação socioeconômica dos estudantes, já que foi elevado o número daqueles provenientes de famílias de baixa renda e com pais de pouca escolaridade, tal como demonstrado pelas análises apresentadas na seção sobre a caracterização da amostra.

Os resultados da regressão multinível sugerem que os fatores associados à transição para o ensino superior são múltiplos, envolvendo aspectos do estudante (pessoais, socioeconômicos, profissionais e acadêmicos) e contextuais dos cursos e das

instituições técnicas (curso médio concluído na instituição técnica e localização da instituição de ensino técnico).

No nível do estudante, destaca-se a importância das seguintes variáveis: idade, estado civil, escolaridade do pai, renda familiar per capita, conclusão ou evasão do curso técnico e vínculo de trabalho após o curso técnico. Os indivíduos que obtiveram mais vantagens no acesso ao ensino superior foram os mais jovens, solteiros, com maior renda familiar e aqueles cujos pais completaram o ensino superior. Aqueles que não trabalham e os diplomados no curso técnico também tenderam mais a prosseguir os estudos.

Ainda no que concerne às características dos estudantes, ao contrário do que se esperava, o ingresso no ensino superior não foi diferenciado por gênero e raça no modelo estatístico inferencial. Ainda assim, por se tratar de variáveis importantes nos estudos de avaliação educacional, recomenda-se o desenvolvimento de estudos específicos sobre os efeitos de raça e gênero no acesso aos cursos superiores.

No nível contextual dos cursos técnicos, uma variável relevante foi *tipo de oferta do curso técnico frequentado*: o ensino médio concluído na instituição técnica federal favoreceu mais o ingresso no ensino superior, em comparação ao ensino médio externo. Isso indica a qualidade e importância do ensino médio integrado à educação profissional. Não obstante, a área de conhecimento e o turno do curso técnico não demonstraram diferenças no ingresso no ensino superior.

No nível contextual das instituições técnicas, as instituições da Capital apresentaram mais estudantes que ingressaram no ensino superior do que as do interior, possivelmente pela menor disponibilidade ou, mesmo, inexistência de instituições e cursos superiores nas cidades do interior de Minas Gerais. Além disso, as desigualdades socioeconômicas entre as regiões geográficas podem ter contribuído para a diferenciação no acesso à educação superior. Outro ponto a se considerar é que as instituições técnicas da Capital estão entre as mais consolidadas e tradicionais do estado, com grande seletividade dos estudantes, por meio de vestibulares de elevada concorrência. Assim, estudantes advindos de tais instituições podem ter mais vantagens no ingresso na universidade. As variáveis *tipo de instituição técnica* e *ano de sua criação* não mostraram associação com o acesso à educação superior.

Quanto às motivações para o ingresso no ensino superior identificadas na análise fatorial, os principais fatores incluíram: demandas de formação (aperfeiçoamento profissional e obtenção de diploma) e afinidade pela área profissional, perspectivas profissionais e salariais, informação e preparação prévia para o curso superior, fatores pessoais (sugestão recebida de alguém, facilidade de passar no vestibular ou de concluir o curso) e características da instituição e do curso superior (alta qualidade percebida da educação, localização conveniente e gratuidade do curso). Esses resultados evidenciam não apenas a busca por desenvolvimento pessoal, profissional e ascensão salarial, mas também a demanda por educação superior gratuita, de qualidade e em locais acessíveis aos estudantes.

Na análise fatorial referente ao grupo de não ingressantes, os motivos mais influentes para o não ingresso incluíram: fatores financeiros e de trabalho (falta de dinheiro e dificuldade de conciliar trabalho e estudo), fatores pessoais (cuidados com os filhos, com a casa e gravidez) e falta de interesse e dificuldades (falta de base de formação no nível médio, dificuldade do vestibular e de acesso a instituições). Esses resultados sugerem a necessidade de políticas de ampliação das oportunidades de acesso ao ensino superior para indivíduos de baixa renda e trabalhadores, além de alternativas para quem reside em locais com escasso acesso à educação superior.

No que se refere ao papel desempenhado pela formação técnica na transição para a educação superior, identificado nas análises descritivas, o cruzamento das variáveis *atuação ou não na área técnica e ingresso no ensino superior* mostrou que os estudantes que trabalham ou já trabalharam na mesma área do curso técnico apresentaram percentuais de ingresso no ensino superior um pouco mais elevados do que os que nunca trabalharam na área, podendo chegar até 17% de diferença. Isso sugere que a carreira técnica pode ter estimulado a continuidade de estudos e/ou ter viabilizado o custeamento dos estudos de nível superior. O mesmo foi observado nas análises dos discursos dos participantes dos grupos focais.

Outro dado importante sobre o papel que a educação técnica desempenhou na transição para a formação de nível superior refere-se à afirmação dos estudantes (72%) de que os cursos técnicos frequentados influenciaram positivamente ou muito

positivamente seus desempenhos acadêmicos no ensino superior. Este resultado demonstra que a formação técnica não só estimula a continuidade de estudos como também melhora o desempenho educativo dos estudantes.

Sobre as relações entre as áreas de formação, 50% foram para cursos superiores na mesma área do curso técnico. No grupo que escolheu a mesma área de estudo, houve predominância de continuidade na área de Exatas, a mesma com maior oferta de cursos pelas instituições de ensino técnico.

Em relação à continuidade de estudos superiores na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais, 29% optaram por cursos superiores no CEFET-MG ou nos diferentes Institutos Federais pesquisados. Entre os egressos de Escolas Técnicas Vinculadas a universidades (ETU), 4% estudaram na mesma universidade em que fizeram o técnico. Isso ocorreu nas quatro ETU do estado (CEDAF, CEFORES, COLTEC e ESTES), mas sobretudo no COLTEC-UFMG. Ao reunir este grupo com aquele que continuou na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, o percentual de permanência na mesma instituição é significativo (33%).

Ressalta-se, ainda, que os Institutos Federais têm sido uma opção de acesso à educação superior para muitos estudantes do interior que residem em cidades onde há pouca ou nenhuma opção de educação superior. Nas visitas de campo realizadas pela pesquisadora ao IF Norte de Minas (Salinas) e ao IF Triângulo Mineiro (Paracatu), foi observada essa tendência, já que muitos estudantes saem de cidades muito pequenas da região onde não há oferta de cursos técnicos e superiores e se mudam para cidades próximas onde existem Institutos Federais. Por meio dessas novas instituições, instituídas em 2008, a oferta de educação para pessoas e regiões menos favorecidas em termos socioeconômicos foi ampliada, possibilitando a progressão educativa, social, profissional e econômica de estudantes de diversas regiões do estado de Minas Gerais e do Brasil.

A tendência de expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica no País, que oferece não apenas cursos técnicos de nível médio, como também cursos de graduação e pós-graduação, pode ser uma maneira de democratizar o acesso à educação técnica e superior. É sugestivo que essa crescente expansão tem potenciais no médio ou no longo prazo de promover impactos na superação do quadro socioeconômico

desfavorável de que muitos jovens e regiões brasileiras fazem parte. Para tanto, é fundamental um investimento contínuo do Governo Federal para manter a qualidade do ensino profissional e para prosseguir a expansão de instituições federais, principalmente em regiões carentes de educação técnica ou superior pública.

Tais investimentos na formação profissional técnica e tecnológica, no âmbito nacional, são essenciais para a promoção de uma formação técnico-científica ampla e consistente. As instituições de ensino técnico federais também se constituem como uma importante estrutura de verticalização da educação profissional. Isso significa que as pessoas interessadas em uma carreira técnica têm a possibilidade de continuar os estudos na mesma instituição, desde o ensino técnico de nível médio até a pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado).

Nessa direção, o ensino técnico não tem de ser necessariamente uma formação terminal, mas deve possibilitar a continuidade dos estudos àqueles que almejam o prosseguimento de seu itinerário formativo. A transição para a educação superior, ao invés de ser um desperdício de recursos financeiros, pode significar avanço educacional e ocupacional para o estudante, já que a área do curso superior, muitas vezes, conecta-se diretamente com sua formação técnica anterior ou com seu trabalho. A continuidade de estudos também pode ser uma oportunidade para uma mudança de carreira quando os estudantes não se identificam com o curso técnico, principalmente por esta opção ter ocorrido em tenra idade. A característica propedêutica da formação profissional de nível médio fortalece, assim, a relevância do ensino técnico federal no Brasil enquanto propulsor da continuidade do avanço educacional e ocupacional do egresso e do desenvolvimento social e produtivo do País.

REFERÊNCIAS

ABBOTT-CHAPMAN, J. Making the most of the mosaic: Facilitating post-school transitions to higher education of disadvantaged students. *The Australian Educational Researcher*, v. 38, n. 1, p. 57-71, abr. 2011.

ABRANTES, P. As transições entre ciclos de ensino: entre problema social e objecto sociológico. *Interações*, Santarém, n. 1, p. 25-53, 2005.

ALMEIDA, A. C.; BARBOSA, C. L. A. Análise de fatores intraescolares no processo de evasão escolar: a prática docente e o abandono no curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio da escola agrotécnica federal de Barbacena – MG. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, 2, 2010, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: CEFET, 2010.

ALMEIDA, M. S. P. *O sistema de aprendizagem e a transição dos jovens da escola ao mundo do trabalho*. A relação com o saber: formas e temporalidades identitárias. 2005. 496 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2005.

ANDERSON, D. R.; SWEENEY, D. J.; WILLIAMS, T. A. *Estatística aplicada à Administração e Economia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

ANDRADE, M. O. R. C. A transição escola-trabalho em Cabo Verde: os sentidos da formação profissional para os jovens. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 9, 2009, São Carlos. *Anais...* São Carlos: UFSCar, 2009.

ANDRÉ, M. E. D. A. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Liber Livro, 2005.

AYNSLEY, S.; CROSSOQUARD, B. Imagined futures: why are vocational learners choosing not to progress to HE? *Journal of Education and Work*, v. 23, n. 2, p. 129-143, 2010.

AZEVEDO, A. S.; FARIA, L. Motivação, sucesso e transição para o ensino superior. *Psicologia*, Lisboa, v. 20, n. 2, p. 69-93, 2006.

AZEVEDO, C. P. *Jovens, ensino superior e vestibular: egressos do curso técnico em Química do CEFET-MT no curso de Química da UFMT*. 2007. 263 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2007.

AZEVEDO, J.; FONSECA, A. *Imprevisíveis itinerários de transição escola-trabalho: a expressão de uma outra sociedade*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2007.

BABBIE, E. *Métodos de pesquisa de survey*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

BARBOSA, G. A. *A reforma do ensino técnico: avanço anunciado, retrocesso imposto: um estudo sobre os alunos egressos de 1997 e 1998 do curso de Edificações do CEFET-Pelotas/RS*. 2001. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2001.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELTRÃO, K. I.; TEIXEIRA, M. P. O caminho de menor resistência: escolhas no ensino superior brasileiro por cor/raça e gênero. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 17, n. 34, p. 315-331, ago. 2008.

BONFIM, A. A. *A trajetória profissional dos egressos do curso técnico em agropecuária da EAF de São Cristóvão-SE*. 2008. 59 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) – Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2008.

BRAGA, M. M.; PEIXOTO, M. C. L.; BOGUTCHI, T. F. Tendências da demanda pelo ensino superior: estudo de caso da UFMG. *Cadernos de Pesquisa*, n. 113, p. 129-52, jul. 2001.

BRASIL. Decreto nº 8.268, de 18 de junho de 2014. Altera o Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004, que regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 2014 a. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/decreto/d8268.htm>. Acesso em: 2 dez. 2016.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, 2014 b. Disponível em: <<http://fne.mec.gov.br/images/doc/pne-2014-20241.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2014.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 9 fev. 2011.

BRASIL. Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006. Dispõe sobre o sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5800.htm>. Acesso em: 3 mar. 2014.

BRASIL. Educação. *Brasil: 2003 a 2010*. Brasília: Presidência da República, 2010. p. 131-145.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 24 fev. 2009.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, 2008.

BRASIL. Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1997. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d2208.htm>. Acesso em: 18 mar. 2014.

BRASIL. Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm>. Acesso em: 12 dez. 2014.

BUSSERI, M. A. *et al.* A longitudinal study of breadth and intensity of activity involvement and the transition to university. *Journal of Research on Adolescence*, v. 21, n. 2, p. 512-518, 2011.

CARDOSO, A. Transições da escola para o trabalho no Brasil: persistência da desigualdade e frustração de expectativas. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 3, p. 569-616, 2008.

CARRANO, P. Jovens universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. In: SPOSITO, M. P. (Org.). *Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 179-228.

CASTRO, A. K. S. S.; TEIXEIRA, M. A. P. A evasão em um curso de psicologia: uma análise qualitativa. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 199-209, jun. 2013.

CASTRO, C. M. O ensino médio: órfão de idéias, herdeiro de equívocos. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 113-124, mar. 2008.

CASTRO, C. M. *O secundário: esquecido em um desvão do ensino?* Brasília: MEC, 1997.

CATANI, A. M.; HEY, A. P.; GILIOLI, R. S. P. PROUNI: democratização do acesso às Instituições de Ensino Superior? *Educar*, Curitiba, n. 28, p. 125-140, 2006.

CHIN, W. W. The partial least squares approach to structural equation modeling. In: MARCOULIDES, G. A. (Org.). *Modern methods for business research*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 295-336.

CNPQ. *Tabela de áreas do conhecimento*. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

COELHO, C. A. G. *Preparando para o trabalho ou preparando para a vida? O caso da formação de técnicos em Eletrônica no CEFET-RJ*. 1998. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

- CONVERSE, J. M.; PRESSER, S. *Survey questions: handcrafting the standardized questionnaire*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1986.
- CRESWELL, J. W. *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. 2. ed. London: Sage, 2002.
- CRONBACH, L. J. Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, v. 16, n. 3, p. 297-334, set. 1951.
- CUNHA, L. A. Ensino médio e ensino técnico na América Latina: Brasil, Argentina e Chile. *Cadernos de Pesquisa*, n. 111, dez. 2000a.
- CUNHA, L. A. *O ensino profissional na irradiação do industrialismo*. São Paulo: UNESP, 2000b.
- DARE, D. The role of career and technical education in facilitating student transitions to postsecondary education. *New Directions for Community Colleges*, n. 135, p. 73-80, 2006.
- DORE, R.; LÜSCHER, A. Z. Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 144, p. 772-789, set. 2011.
- DORE, R.; SALES, P. E. N.; CASTRO, T. L. Evasão nos cursos técnicos de nível médio da rede federal de educação profissional de Minas Gerais. In: DORE, R. (Org.). *Evasão na educação: estudos, políticas e propostas de enfrentamento*. Brasília: IFB, 2014. p. 379-413.
- DORE SOARES, R. Ensino técnico no Brasil: 90 anos das escolas técnicas federais. *Revista Universidade e Sociedade*, n. 18, p. 108-115, mar. 1999a.
- DORE SOARES, R. Questões da escola média brasileira: dualidade escolar, politecnia, polivalência e escola unitária. *Teoria e Prática da Educação*, v. 1, n. 2, p. 67-89, mar. 1999b.
- DURU-BELLAT, M.; KIEFFER, A.; REIMER, D. Patterns of social inequalities in access to higher education in France and Germany. *International Journal of Comparative Sociology*, v. 49, n. 4-5, p. 347-368, 2008.
- EFRON, B.; TIBSHIRANI, R. J. *An introduction to the bootstrap*. Softcover reprint of the original 1st ed. 1993 edition ed. New York: Chapman and Hall, 1993.
- EFROYMSON, M. A. Multiple regression analysis. In: RALSTON, A.; WILF, H. S. (Org.). *Mathematical methods for digital computers*. New York: Wiley, 1960. v. 1. p. 191-203.
- FERRETTI, C. A reforma do ensino técnico da década de 1990: entre a proposta e a prática. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 90, n. 224, p. 11-31, abr. 2009.

FINI, R. School achievement in Italy an empirical view. In: TEESE, R.; LAMB, S.; DURU-BELLAT, M. (Org.). *International studies in educational inequality, theory and policy*. Dordrecht: Springer, 2007. v. 2. p. 157-175.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FORNELL, C.; LARCKER, D. F. Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, v. 18, n. 1, p. 39-50, fev. 1981.

FOWLER, F. J. *Improving survey questions: Design and evaluation*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1995.

FOWLER, F. J. *Survey research methods*. Beverly Hills: Sage, 1986.

FRANCO, M. L. P. B. *Análise do conteúdo*. Brasília: Líber Livro, 2007.

FRESNEDA, B. Transição da escola para o trabalho e estratificação social. *Segurança Urbana e Juventude*, Araraquara, v. 2, n. 1/2, p. 1-18, 2009.

GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDSTEIN, H. *Multilevel statistical models*. London: Arnold Publishers, 1999.

GOMEZ, V. M. La transición del nivel medio (secundaria superior) al trabajo y la formación postsecundaria en Colombia. In: SEMINARIO INTERNACIONAL SOBRE EDUCACIÓN Y TRABAJO, 2009, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: IPE/UNESCO, 2009. p. 1-20.

HAIR JUNIOR, J. F. *et al. Análise multivariada de dados*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HARRIS, R.; RAINEY, L.; SUMNER, R. *Crazy paving or stepping stones? Learning pathways within and between vocational education and training and higher education*. Adelaide: National Centre for Vocational Education Research, 2006.

HENSELER, J.; RINGLE, C. M.; SINKOVICS, R. R. The use of partial least squares path modeling in international marketing. *Advances in International Marketing*, v. 20, p. 277-319, 2009.

HERINGER, R. Expansão do ensino superior no Brasil: acesso, diferenciação interna e políticas de inclusão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 15, 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba: SBS, 2011.

- HOELSCHER, M. *et al.* The transition from vocational education and training to higher education: a successful pathway? *Research Papers in Education*, v. 23, n. 2, p. 139-151, 2008.
- HOSMER, D. W.; LEMESHOW, S.; STURDIVANT, R. X. *Applied logistic regression*. 3. ed. New York: Wiley, 2013.
- HUFF, A. S. Qualitative, quantitative, and mixed methods. In: HUFF, A. S. *Designing research for publication*. Thousand Oaks: Sage, 2009. p. 179-200.
- HURTADO, S.; CARTER, D. F.; SPULER, A. Latino student transition to college: assessing difficulties and factors in successful college adjustment. *Research in Higher Education*, v. 37, n. 2, p. 135-157, 1996.
- IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2009*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- INEP. *Censo da educação superior 2010: resumo técnico*. Brasília: MEC, 2012.
- INEP. *Censo da educação superior 2012: resumo técnico*. Brasília: MEC, 2014a.
- INEP. *Censo escolar da educação básica 2013: resumo técnico*. Brasília: MEC, 2014b.
- INEP. *InepData: consulta de informações educacionais*. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/inepdata>>. Acesso em: 2 jun. 2014c.
- JACKSON, L. M. *et al.* Great expectations: The relation between expectancies and adjustment during the transition to university. *Journal of Applied Social Psychology*, v. 30, n. 10, p. 2100-2125, 2000.
- JUPP, V. (Org.). *The Sage dictionary of social research methods*. London: Sage, 2006.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1991.
- LAMB, S.; MCKENZIE, P. *Patterns of success and failure in the transition from school to work in Australia*. Camberwell: Australian Council for Educational Research, 2001.
- LAUDARES, J. B.; FIÚZA, J. R.; ROCHA, S. Educação tecnológica: os impactos nos projetos pedagógicos dos cursos técnicos dos CEFETS Minas Gerais e Paraná pelos decretos 2.208/97 e 5.154/04. In: ARANHA, A. V. S.; CUNHA, D. M.; LAUDARES, J. B. (Org.). *Diálogos sobre o trabalho: perspectivas multidisciplinares*. Campinas: Papyrus, 2005. p. 57-90.
- LEE, V. Utilização de modelos hierárquicos lineares para estudar contextos sociais: o caso dos efeitos escola. *Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 273-296.
- MACHADO, G. R. *Um estudo do perfil demandado pelo mercado de trabalho para os alunos egressos da Escola Técnica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. 2002.

117 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MACHADO, M. R. *A evasão nos cursos de agropecuária e informática/nível técnico da escola agrotécnica federal de Inconfidentes, MG (2002 a 2006)*. 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

MAGALHÃES, I. C. *A formação técnico-profissional dos egressos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Bambuí e a demanda do mundo do trabalho*. 2005. 53 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) – Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2005.

MEC. *Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica*. Disponível em: <<http://redefederal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

MEC. *Instituições de educação superior e cursos cadastrados*. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

MEC. *Pesquisa nacional de egressos dos cursos técnicos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (2003-2007)*. Brasília: MEC, 2008.

MEC. *Políticas e resultados 1995-2002: a reforma da educação profissional*. Brasília: MEC, 2002.

MELLO, J. L.; CAMARANO. Transições para a vida adulta: os jovens da região metropolitana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15, 2006, Campinas. *Anais...* Campinas: ABEP, 2006.

MELO-SILVA, L. L. Formação do psicólogo: a contribuição da orientação profissional. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 42-53, jun. 2003.

MELO-SILVA, L. L.; LASSANCE, M. C. P.; SOARES, D. H. P. A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 5, n. 2, p. 31-52, 2004.

MONTGOMERY, D. C.; PECK, E. A. *Introduction to linear regression analysis*. 2. ed. New York: Wiley, 1992.

MORGAN, D. L.; KRUEGER, R. A. When to use focus groups and why. In: MORGAN, D. L. (Org.). *Successful focus groups: Advancing the state of the art*. Newbury Park: Sage, 1993. p. 3-19.

NAKAGAWA, S.; SCHIELZETH, H. A general and simple method for obtaining R^2 from generalized linear mixed-effects models. *Methods in Ecology and Evolution*, v. 4, n. 2, p. 133-142, 2013.

NUNES, E. F. P. A. *et al.* Análise da evasão de alunos dos cursos de profissionalização da área de enfermagem no Paraná. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 6, n. 4, p. 433-440, out. 2007.

NUNNALLY, J. C.; BERNSTEIN, I. H. *Psychometric Theory*. 3. ed. New York: McGraw-Hill, 1994.

OECD. *Education at a glance 2010: OECD indicators*. Paris: OECD Publishing, 2010. Disponível em: <www.oecd.org/edu/eag2010>. Acesso em: 7 fev. 2012.

OECD. *Education at a glance 2014: Brazil*. Paris: OECD Publishing, 2014.

OLIVEIRA, M. A. M. *Políticas públicas para o ensino profissional: o processo de desmantelamento dos CEFETS*. Campinas: Papyrus, 2003.

OLIVEIRA, N. H. *O ensino técnico na Rede Federal de Educação Tecnológica, segundo egressos*. 2004. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

PEIXOTO, E. M.; MENDONÇA, E. F. A educação profissional técnica de nível médio: objetivos, empregabilidade e o prosseguimento de estudos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 23, 2007, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 1-19.

PINHEIRO, M. R. M. O desenvolvimento da transição para o ensino superior: o princípio depois de um fim. *Aprender*, Portalegre, n. 29, p. 9-20, dez. 2004.

PIRES, A. P. *As possibilidades e limites da modalidade de concomitância externa da educação profissional na perspectiva da inclusão de jovens trabalhadores*. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

POCHMANN, M. Trabalho e formação. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 491-508, ago. 2012.

RAÏCHE, G.; RIOPEL, M.; BLAIS, J.-G. Non graphical solutions for the Cattell's scree test. In: INTERNATIONAL MEETING OF THE PSYCHOMETRIC SOCIETY, 2006, Montreal. *Anais...* Montreal: Psychometric Society, 2006. p. 1-12.

RAUNER, F. Vocational education and training: a European perspective. In: BROWN, A.; KIRPAL, S.; RAUNER, F. (Org.). *Identities at work*. London: Springer, 2007. v. 5. p. 115-144.

RAUNER, F.; SMITH, E. *Rediscovering apprenticeship: research findings of the international network on innovative apprenticeship*. New York: Springer, 2010.

REAY, D. Class, authenticity and the transition to higher education for mature students. *The Sociological Review*, v. 50, n. 3, p. 398-418, 2002.

RIBEIRO, M. A. Demandas em orientação profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 141-151, dez. 2003.

RUMBERGER, R. *Dropping out: Why students drop out of high school and what can be done about it*. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

SALES, P. E. N. *Políticas para a capacitação profissional de jovens: estudo sobre as relações entre as atividades teóricas e práticas em um Programa de Aprendizagem*. 2010. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SAMPAIO, R. L. *Ensino técnico e inserção profissional: a visão dos egressos do CEFET-BA e de seus empregadores*. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SECO, G. *et al.* Para uma abordagem psicológica da transição do ensino secundário para o ensino superior: pontes e alçapões. *Psicologia e Educação*, v. 4, n. 1, p. 7-21, dez. 2005.

SEE-MG. *Programa de Educação Profissional*. Belo Horizonte: SEE, 2009.

SELLTIZ, C. *et al.* *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: Herder, 1971.

SESU. *A democratização e expansão da educação superior no país: 2003 - 2014*. Brasília: MEC, 2014.

SETEC. *Catálogo nacional dos cursos técnicos*. Brasília: MEC, 2012.

SEVERINO, A. J. O ensino superior brasileiro: novas configurações e velhos desafios. *Educar*, Curitiba, n. 31, p. 73-89, 2008.

SILVA, M. R.; PELISSARI, L. B.; STEIMBACH, A. A. Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 403-417, abr. 2013.

SILVA, N. V.; HASENBALG, C. Recursos familiares e transições educacionais. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 67-76, 2002.

SILVESTRE, A. L. *A influência da educação profissional na trajetória pessoal e profissional dos egressos do curso técnico em Agropecuária: um estudo de caso do IFSul de Minas-Campus Machado*. 2010. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SIMÕES, S.; PEREIRA, M. A. M. A arte e a ciência de fazer perguntas: aspectos cognitivos da metodologia de survey e a construção do questionário. In: AGUIAR, N. (Org.). *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 241-261.

SNIJDERS, T. A. B.; BOSKER, R. *Multilevel analysis: an introduction to basic and advanced multilevel modeling*. London: Sage Publications, 1999.

SOARES, J. F.; ALVES, M. T. G.; OLIVEIRA, R. M. O efeito de 248 escolas de nível médio no vestibular da UFMG nos anos de 1998, 1999 e 2000. *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, n. 24, p. 69-117, dez. 2001.

STEFFEN, E. M.; FISCHER, M. C. B. Qualificação profissional do técnico industrial em plásticos. *Cadernos de Educação*, Pelotas, n. 31, p. 227-248, dez. 2008.

STEVENSON, D. L.; BAKER, D. P. Shadow education and allocation in formal schooling: Transition to university in Japan. *American Journal of Sociology*, v. 97, n. 6, p. 1639-1657, 1992.

TARTUCE, G. L. B. P. *Tensões e intenções na transição escola-trabalho: um estudo das vivências e percepções de jovens sobre os processos de qualificação profissional e (re)inserção no mercado de trabalho na cidade de São Paulo*. 2007. 441 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

TCU. *Relatório de auditoria operacional em ações da rede federal de educação profissional, científica e tecnológica*. Brasília: TCU/Seprog, 2012.

TEIXEIRA, A. M. F. Percorrendo caminhos que conduzem ao curso técnico: entre incertezas e possibilidades. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 15, n. 28, p. 37-59, 2010.

VIEIRA, M. S. O. C.; GOMES, D. C.; SILVA, J. M. T. O papel do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN) para a qualificação e empregabilidade: um estudo dos egressos do curso de Informática do IFRN em Currais Novos/RN. *Holos*, Natal, v. 1, p. 168-181, 2011.

WINTRE, M. G. *et al.* The transition to university: The student-university match (sum) questionnaire. *Journal of Adolescent Research*, v. 23, n. 6, p. 745-769, nov. 2008.

WOLBERS, M. H. J. Learning and working: Double statuses in youth transitions. In: MÜLLER, W.; GANGL, M. (Org.). *Transitions from education to work in Europe: The integration of youth into EU labour markets*. New York: Oxford University Press, 2003. p. 131-155.

WOLFF, B.; KNODEL, J.; SITTITRAI, W. Focus groups and surveys as complementary research methods. In: MORGAN, D. L. (Org.). *Successful focus groups: Advancing the state of the art*. Newbury Park: Sage, 1993. p. 118-136.

ZIBAS, D. M. L. *Uma visão geral do ensino técnico no Brasil: a legislação, as críticas, os impasses e os avanços*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2007.

ANEXO A - Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP


Projeto: CAAE – 0416.0.203.000-11

Interessado(a): Profa. Rosemary Dore Heijmans
Departamento de Ciências Aplicadas à Educação
Faculdade de Educação - UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 18 de outubro de 2011, após atendidas as solicitações de diligência, o projeto de pesquisa intitulado **"Educação Técnica de Nível Médio na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais: organização dos IFETS, políticas para o trabalho docente, permanência/evasão dos estudantes e transição para o ensino superior e para o trabalho"** bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.



Prof. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG

APÊNDICE A - Correspondências entre cursos técnicos e superiores

Quadro 12 - Correspondências entre cursos técnicos e superiores

| Área do Conhecimento | Curso Técnico | Curso Superior |
|---------------------------|---|--|
| Agrárias | Açúcar e Alcool Agricultura Agroecologia Agronegócio Agroindústria Agropecuária Alimentos Meio Ambiente Zootecnia | Agroecologia Agronegócios Agronomia Alimentos Engenharia Agrônômica Engenharia Ambiental Engenharia de Alimentos Engenharia Florestal Gestão Ambiental Irrigação e Drenagem Laticínios Medicina Veterinária Produção de Cachaça Silvicultura Zootecnia |
| Biológicas e Saúde | Análises Clínicas Enfermagem Equipamentos Biomédicos Farmácia Gerência em Saúde Nutrição e Dietética Prótese Dentária Radiologia Saúde Bucal | Biomedicina Bioquímica Ciências Biológicas Educação Física Enfermagem Estética Farmácia Fisioterapia Fonoaudiologia Medicina Nutrição Odontologia |
| Exatas | Agrimensura Automação Industrial Edificações Eletroeletrônica Eletromecânica Eletrônica Eletrotécnica Estradas Informática Manutenção Automotiva Mecânica Mecatrônica Metalurgia Mineração Química Segurança do Trabalho Trânsito | Ciências Atuariais Computação Construção de Edifícios Engenharia Civil Engenharia de Agrimensura Engenharia de Automação Industrial Engenharia de Computação Engenharia de Materiais Engenharia de Minas Engenharia de Produção Engenharia de Segurança do Trabalho Engenharia de Sistemas Engenharia de Telecomunicações Engenharia Elétrica Engenharia Eletrônica Engenharia Geológica Engenharia Mecânica |

| Área do Conhecimento | Curso Técnico | Curso Superior |
|-----------------------------|---|---|
| | Transporte Rodoviário | Engenharia Mecatrônica Engenharia Metalúrgica Engenharia Química Física Geologia Matemática Química |
| Humanas e Artes | Vestuário | Ciências Sociais Design Filosofia Geografia História Letras Pedagogia Psicologia |
| Sociais Aplicadas | Administração Comércio Contabilidade Eventos Guia de Turismo Hospedagem Lazer Secretariado Vendas | Administração Arquitetura e Urbanismo Biblioteconomia Ciências Contábeis Ciências Econômicas Comunicação Social Conservação e Restauro Desenvolvimento Social Direito Gastronomia Gestão Comercial Gestão Cultural Gestão da Qualidade Gestão Financeira Logística Marketing Museologia Processos Gerenciais Recursos Humanos Secretariado Executivo Serviço Social Serviços Públicos Turismo |

Nota: os nomes dos cursos técnicos foram padronizados tendo como base o Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos (SETEC, 2012) e os nomes dos cursos superiores, a partir do sistema de busca e-MEC (MEC, 2013)

Fonte: Dados da pesquisa

APÊNDICE B - Relação das instituições pesquisadas e seus respectivos anos de criação

Quadro 13 - Instituições pesquisadas e seus respectivos anos de criação

| Tipo de | Instituição | Unidade | Ano de |
|----------------|--------------------|----------------------|---------------|
| CEFET | CEFET-MG | Araxá | 1992 |
| | | Belo Horizonte | 1909 |
| | | Divinópolis | 1994 |
| | | Leopoldina | 1987 |
| | | Nepomuceno | 2007 |
| | | Timóteo | 2006 |
| | | Varginha | 2006 |
| ETU | CEDAF-UFV | Florestal | 1969 |
| | CEFORES- | Uberaba | 1990 |
| | COLTEC-UFMG | Belo Horizonte | 1969 |
| | ESTES-UFU | Uberlândia | 1972 |
| | IF Minas | BambuÍ | 1961 |
| | | Congonhas | 2006 |
| | | Formiga | 2007 |
| | | Governador | 2009 |
| | | Ouro Preto | 1944 |
| | | São João Evangelista | 1951 |
| | IF Norte | Almenara | 2010 |
| | | AraçuaÍ | 2010 |
| | | Arinos | 2009 |
| | | Januária | 1960 |
| | | Montes Claros | 2010 |
| | | Pirapora | 2010 |
| | | Salinas | 1953 |
| | IF Sudeste | Barbacena | 1910 |
| | | Juiz de Fora | 1957 |
| | | Muriaé | 2009 |
| | | Rio Pomba | 1962 |
| | | Santos Dumont | 2010 |
| | | São João Del-Rei | 2010 |
| | IF Sul | Inconfidentes | 1918 |
| | | Muzambinho | 1952 |
| | IF Triângulo | Ituiutaba | 2010 |
| | | Paracatu | 2010 |
| Patrocínio | | 2010 | |
| Uberaba | | 1953 | |
| Uberlândia | | 1957 | |

Fonte: Dados da pesquisa

APÊNDICE C - Manual de questão por questão

O manual foi inserido considerando sua formatação original, de modo que as páginas deste apêndice ficaram duplamente numeradas, tanto pela ordem da tese (numeração regular), quanto pela numeração do manual (p. 1 a p. 42).



MANUAL DE QUESTÃO POR QUESTÃO
DA PESQUISA “EDUCAÇÃO TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO DA REDE FEDERAL DE
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS”

Pesquisa “Educação Técnica de Nível Médio da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais”

COORDENAÇÃO GERAL

Rosemary Dore Heijmans (UFMG)

COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL

Daisy Moreira Cunha (UFMG)

João Bosco Laudares (CEFET-MG)

Maria Auxiliadora Monteiro Oliveira (PUC Minas)

GESTÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Paula Elizabeth Nogueira Sales

Tatiana Lage de Castro

MANUAL DE QUESTÃO POR QUESTÃO

Concepção/Produção

Paula Elizabeth Nogueira Sales

Colaboração

Arlana Campos Faria Martins

Edmilson Leite Paixão

Giuliano Viana de Alkmim

Jalmira Regina Fiuza de Sousa

Mônica Maria Teixeira Amorim

Priscila Rezende Moreira

Romário Geraldo

Tatiana Lage de Castro

Wander Augusto Silva

APOIO



Sumário

| | | |
|---|---|----|
| 1 | Introdução | 4 |
| 2 | Questionário Principal | 5 |
| 3 | Questionário Complementar | 13 |
| 4 | Orientações Referentes às Questões do Questionário Principal | 17 |
| 5 | Orientações Referentes às Questões do Questionário Complementar | 34 |
| 6 | Referências | 42 |

1 Introdução

Este Manual de Questão por Questão (MQQ) contém orientações referentes a cada questão contemplada nos questionários da pesquisa “Educação Técnica de Nível Médio da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais” (FaE/UFMG), vinculada ao Programa Observatório da Educação (CAPES/INEP). No MQQ são estabelecidos esclarecimentos e definição de conceitos, com o objetivo de garantir a padronização da aplicação dos questionários e a comparabilidade dos dados (SIMÕES; PEREIRA, 2007).

Nessa direção, o presente manual busca traçar os objetivos de cada questão, as instruções de como respondê-las, assim como a definição dos conceitos de alguns termos contidos no questionário. Este foi construído a partir de um dos princípios da elaboração de instrumentos de *survey*, apresentado por Fowler: na medida do possível, as palavras nas questões devem ser escolhidas de modo que todos os respondentes compreendam seus significados e todos os respondentes tenham a mesma percepção do que é o significado (FOWLER, 1995). Ainda assim, sabe-se que durante a aplicação dos questionários pode haver a não compreensão de alguns termos, que deverão ser esclarecidos pelos aplicadores, tendo como referência os conceitos abordados neste manual.

A seguir são apresentados os dois questionários a serem respondidos por alunos concluintes de cursos técnicos de nível médio da Rede Federal de Educação Profissional de Minas Gerais. O primeiro é o questionário principal, que deverá ser respondido por alunos do ensino regular que concluíram todas as etapas do curso técnico. O segundo é o questionário complementar, que deverá ser respondido por alunos que entraram no curso superior após a conclusão do curso técnico. Na sequência, são abordadas as orientações referentes às questões do questionário principal, seguidas das orientações relativas às questões do questionário complementar.

2 Questionário Principal

Questionário para Alunos que Concluíram o Curso Técnico Regular de Nível Médio

Questionário Nº: _____ Data de aplicação: _____ / _____ / _____

Nome do aplicador e de sua respectiva instituição: _____

INSTRUÇÕES:

- Leia atentamente as questões.
- Marque apenas uma resposta por questão, a não ser que no título da questão seja orientado a marcar mais de uma resposta.
- Preencha o questionário à caneta e não deixe nenhuma questão sem resposta.
- Caso tenha alguma dúvida ou necessite de informações, comunique-se com o aplicador.
- Neste questionário, considera-se aluno que **concluiu** o curso técnico aquele que cumpriu todas as etapas obrigatórias do curso (matérias, estágio, relatório de estágio etc.) e está apto a receber ou já recebeu o diploma.
- Caso tenha entrado em algum curso de Nível Superior após ter concluído o curso técnico, solicita-se que responda a um questionário complementar.

I – CARACTERÍSTICAS DO RESPONDENTE

1. Data de Nascimento: _____ / _____ / _____

2. Sexo: 1 () Masculino 2 () Feminino

3. Em relação à sua cor/raça, como você se considera?

0 () Sem declaração

1 () Branco(a)

2 () Preto(a)

3 () Pardo(a)

4 () Amarelo(a) -Ex.: japonês, coreano, chinês etc.

5 () Indígena

4. Estado civil atual:

1 () Solteiro(a)

2 () Casado(a)

3 () Mora com um(a) companheiro(a)

4 () Viúvo(a)

5 () Separado(a), divorciado(a), desquitado(a)

6 () Outro. Qual? _____

5. Você tem filhos? 1 () Sim. Quantos? _____ 2 () Não

II – SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA

6. Qual era a escolaridade de seus pais NA ÉPOCA em que você concluiu o curso técnico? **Marque um X em cada coluna.**

| Nível de Ensino | Pai | Mãe |
|---|-----|-----|
| 1 Nunca estudou | | |
| 2 Ensino Fundamental incompleto (1ª a 8ª série) | | |
| 3 Ensino Fundamental completo (1ª a 8ª série) | | |
| 4 Ensino Médio incompleto | | |
| 5 Ensino Médio completo | | |
| 6 Ensino Técnico incompleto | | |
| 7 Ensino Técnico completo | | |
| 8 Ensino Superior incompleto | | |
| 9 Ensino Superior completo | | |
| 10 Pós-Graduação | | |
| 11 Não se aplica: pai(s) falecido(s) | | |
| 12 Não sei | | |

7. Renda familiar NA ÉPOCA em que concluiu o curso técnico (somatório da renda de todos que trabalhavam em sua casa, **incluindo você**). Considerar renda formal e informal: R\$ _____.

8. Renda familiar NA ATUALIDADE (somatório da renda de todos que trabalham em sua casa, incluindo você). Considerar renda formal e informal: R\$_____.

9. Nº de pessoas de sua família (inclusive você) que moravam em sua casa NA ÉPOCA em que concluiu o curso: _____ pessoas.

10. Nº de pessoas de sua família (inclusive você) que moram ATUALMENTE em sua casa: _____ pessoas.

11. Qual é a sua renda pessoal NA ATUALIDADE? Considerar renda formal e informal: R\$_____.

12. Nos itens abaixo, relacione os bens e as características de sua moradia NA ATUALIDADE. Marque um X para cada item.

12.1. Na casa em que você mora tem quantos banheiros?

1 () Um 2 () Dois 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

12.2. Na casa em que você mora tem quantas salas?

1 () Uma 2 () Duas 3 () Três ou mais 4 () Não tem

12.3. Na casa em que você mora tem quantos quartos?

1 () Um 2 () Dois 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

12.4. Na casa em que você mora tem quantas televisões?

1 () Uma 2 () Duas ou mais 3 () Não tem

12.5. Na casa em que você mora tem quantos aparelhos de DVD?

1 () Um 2 () Dois ou mais 3 () Não tem

12.6. Na casa em que você mora tem máquina de lavar roupa?

1 () Sim 2 () Não

12.7. Na casa em que você mora tem quantos aparelhos de som?

1 () Um 2 () Dois 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

12.8. Na casa em que você mora tem quantas geladeiras?

1 () Uma 2 () Duas ou mais 3 () Não tem

12.9. Na casa em que você mora tem freezer?

1 () Sim 2 () Não

12.10. Na casa em que você mora tem telefone fixo?

1 () Sim 2 () Não

12.11. Na casa em que você mora tem quantos telefones celulares?

1 () Um 2 () Dois 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

12.12. Na casa em que você mora tem quantos computadores?

1 () Um 2 () Dois 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

12.13. Na casa em que você mora tem quantos carros?

1 () Um 2 () Dois 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

12.14. Na casa em que você mora tem quantas motos?

1 () Uma 2 () Duas 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

| |
|---|
| III – CONCLUSÃO DO CURSO TÉCNICO |
|---|

INSTRUÇÃO: Se você concluiu mais de um curso técnico em uma Instituição Federal de Ensino, **considere o último curso concluído.**

13. Nome da Instituição Federal de Ensino que frequentou: _____

13.1. Cidade onde está localizada essa instituição de ensino: _____

14. Nome do curso técnico que concluiu: _____

15. Ano de início do curso técnico: _____

16. Ano da conclusão do curso técnico: _____

17. Modalidade do curso técnico que concluiu:

1 () Integrado¹ 2 () Concomitante Interno² 3 () Concomitante Externo³ 4 () Subsequente⁴

18. Em qual turno você fez o curso técnico? Se estudou em mais de um turno, **marque mais de uma opção.**

1 () Manhã 2 () Tarde 3 () Noite

19. Identifique a alternativa que mais se aproxima de sua situação.

Concluí o curso técnico e...

0 () Não voltei mais aos estudos

1 () Fui para outro curso técnico

2 () Fui fazer um cursinho pré-vestibular

3 () Fui fazer um curso superior

4 () Outra. Qual? _____

20. Você já solicitou o diploma de técnico?

1 () Sim 2 () Não

21. Você concluiu o ensino médio na mesma instituição em que concluiu o curso técnico?

1 () Sim 2 () Não

| |
|--|
| IV – RAZÕES PARA A CONCLUSÃO DO CURSO TÉCNICO |
|--|

Dentre os **fatores que levaram você a concluir o curso técnico**, indique com um X o quanto cada um influenciou sua escolha. Se o fator **não fizer parte de sua trajetória**, marque a opção **não se aplica**.

| | Trabalho | Grau de influência sobre minha decisão de concluir o curso técnico | | | | | |
|------|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 22.1 | Possibilidade de melhorar na profissão escolhida | | | | | | |
| 22.2 | Mudança de emprego | | | | | | |
| 22.3 | Valorização da profissão no mercado de trabalho | | | | | | |
| 22.4 | Possibilidade de ter um bom salário | | | | | | |
| 22.5 | Exigência da empresa que trabalha(va) | | | | | | |
| 22.6 | Facilidade dos concluintes desse curso para conseguir emprego | | | | | | |
| 22.7 | Outro. Qual? | | | | | | |

¹ Integrado: ensino técnico e ensino médio são cursados no mesmo curso e na mesma escola, com matrícula única.

² Concomitante interno: ensino técnico e médio são cursados ao mesmo tempo, na mesma escola, mas com matrículas diferentes.

³ Concomitante externo: ensino técnico e médio são cursados ao mesmo tempo, em escolas diferentes, com matrículas diferentes.

⁴ Subsequente: ensino técnico é cursado depois da conclusão do ensino médio.

| Características da Escola/Curso | | Grau de influência sobre minha decisão de concluir o curso técnico | | | | | |
|---------------------------------|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 23.1 | Qualidade da escola pública federal | | | | | | |
| 23.2 | Maiores chances de ser aprovado(a) no vestibular para o ensino superior | | | | | | |
| 23.3 | Existência de parceria da escola com empresas para estágio | | | | | | |
| 23.4 | Gratuidade do curso | | | | | | |
| 23.5 | Localização da escola | | | | | | |
| 23.6 | Qualidade e credibilidade do curso | | | | | | |
| 23.7 | Outro. Qual? | | | | | | |

| Curso e Conteúdo | | Grau de influência sobre minha decisão de concluir o curso técnico | | | | | |
|------------------|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 24.1 | Tinha interesse e afinidade com a área/profissão | | | | | | |
| 24.2 | Considerava o curso atrativo | | | | | | |
| 24.3 | Sentia satisfação/motivação com o curso | | | | | | |
| 24.4 | Considerava importante os conteúdos do curso | | | | | | |
| 24.5 | Fiquei motivado com o estágio | | | | | | |
| 24.6 | Queria me aperfeiçoar profissionalmente (novos conhecimentos/habilidades) | | | | | | |
| 24.7 | Tinha necessidade de obter o diploma de curso técnico | | | | | | |
| 24.8 | Tinha necessidade de obter o certificado de nível médio | | | | | | |
| 24.9 | Outro. Qual? | | | | | | |

| Clima Escolar | | Grau de influência sobre minha decisão de concluir o curso técnico | | | | | |
|---------------|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 25.1 | Percebia o interesse dos professores por minha formação | | | | | | |
| 25.2 | Tinha bom relacionamento com professores | | | | | | |
| 25.3 | Tinha bom relacionamento com colegas | | | | | | |
| 25.4 | Outro. Qual? | | | | | | |

| Fatores Individuais e Familiares | | Grau de influência sobre minha decisão de concluir o curso técnico | | | | | |
|----------------------------------|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 26.1 | Realização pessoal | | | | | | |
| 26.2 | Condição financeira para fazer o curso (transporte, alimentação, material etc.) | | | | | | |
| 26.3 | Minha família me incentivava a estudar | | | | | | |
| 26.4 | Minha família me obrigava a estudar | | | | | | |
| 26.5 | Outro. Qual? | | | | | | |

Considerando a existência de recursos/suportes em sua instituição de educação profissional, indique com um X o quanto cada um influenciou sua decisão de concluir o curso técnico. Se o recurso/suporte não existia em sua escola, marque a opção não se aplica.

| Estrutura e Programas de Apoio ao Aluno | | Grau de influência sobre minha decisão de concluir o curso técnico | | | | | |
|---|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 27.1 | Estrutura física adequada (sala de aula, biblioteca, laboratório etc.) | | | | | | |
| 27.2 | A escola oferecia um ensino de qualidade com professores que sabiam transmitir conhecimento | | | | | | |
| 27.3 | Apoio financeiro ao aluno (vale transporte, refeição etc.) | | | | | | |
| 27.4 | Apoio pedagógico (monitoria, aulas extras etc.) | | | | | | |
| 27.5 | Disponibilidade de psicólogo para apoio ao aluno | | | | | | |
| 27.6 | Possibilidade de participação em atividades culturais, esportivas ou no grêmio estudantil. | | | | | | |
| 27.7 | Outro. Qual? | | | | | | |

V – TRABALHO E PERCURSO EDUCACIONAL

28. Depois que você concluiu o curso técnico, como estava sua situação de trabalho? Responda apenas uma das opções.

- 1 () Já trabalhava antes de concluir o curso. Há quanto tempo trabalhava antes de concluí-lo? _____ mês(es)
 2 () Consegui meu primeiro emprego. Quanto tempo levou para consegui-lo? _____ mês(es)
 3 () Procurei emprego e não encontrei. Durante quanto tempo? _____ mês(es)
 4 () Não procurei emprego

29. Há quanto tempo você trabalha ou trabalhou na área do curso técnico que concluiu?

- 1 () Há menos de um ano
 2 () de 1 a 2 anos
 3 () de 2 a 5 anos
 4 () mais de 5 anos
 5 () Nunca trabalhei na área do curso técnico

30. ATUALMENTE, você está:

- 1 () Apenas trabalhando
- 2 () Trabalhando e estudando
- 3 () Apenas estudando (IR PARA A QUESTÃO 37)
- 4 () Nem trabalhando, nem estudando (IR PARA A QUESTÃO 37)

31. Qual é o seu VÍNCULO EMPREGATÍCIO na ATUALIDADE?

- 1 () Empregado com carteira assinada
- 2 () Empregado sem carteira assinada
- 3 () Outro. Qual? _____

32. ATUALMENTE você é:

- 1 () Funcionário público concursado
- 2 () Autônomo/prestador de serviços
- 3 () Contratado temporariamente
- 4 () Estagiário
- 5 () Proprietário de empresa/negócio
- 6 () Outro. Qual? _____

33. Qual é a sua ATUAL CARGA HORÁRIA semanal de trabalho? _____ horas.**34. Em qual setor econômico você exerce sua atividade profissional ATUAL?**

- 1 () Setor Primário (agricultura, pecuária, mineração extrativismo vegetal e caça)
- 2 () Setor Secundário (indústria)
- 3 () Setor Terciário (serviços em geral: comércio, educação, informática etc.)

35. Qual a relação entre a área profissional do curso técnico que você concluiu e o seu trabalho ATUAL?

- 0 () Não tem relação com a área profissional do curso técnico
- 1 () Pouco relacionada
- 2 () Razoavelmente relacionada
- 3 () Muito relacionada
- 4 () Totalmente relacionada

36. Qual a sua satisfação em relação à sua ATIVIDADE PROFISSIONAL ATUAL?

- 1 () Muito insatisfeito
- 2 () Insatisfeito
- 3 () Nem insatisfeito, nem satisfeito
- 4 () Satisfeito
- 5 () Muito satisfeito

37. Qual é a sua escolaridade atual? Marque APENAS UMA OPÇÃO correspondente ao nível mais elevado de sua escolarização.

- 1 () Ensino Médio Técnico
- 2 () Ensino Superior incompleto (IR PARA QUESTÃO 41)
- 3 () Ensino Superior completo (IR PARA QUESTÃO 41)
- 4 () Pós-Graduação (IR PARA A QUESTÃO 41)

Dentre os fatores que levaram você a não entrar no ensino superior, indique com um X o quanto cada um influenciou sua decisão. Se o fator não fizer parte de sua trajetória, marque a opção não se aplica.

| Fatores Financeiros, Trabalho e Mobilidade | | Grau de influência sobre minha decisão de não cursar o ensino superior | | | | | |
|--|---|--|------------------------|--------------------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 38.1 | Falta de condições financeiras | | | | | | |
| 38.2 | Dificuldade de conciliar trabalho e estudo | | | | | | |
| 38.3 | Falta de instituição de ensino superior próxima do trabalho ou de onde moro | | | | | | |
| 38.4 | Outro. Qual? | | | | | | |

| Fatores Pessoais/Familiares | | Grau de influência sobre minha decisão de não cursar o ensino superior | | | | | |
|-----------------------------|--|--|------------------------|--------------------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 39.1 | Imprevistos (doença séria própria ou de familiar, viagem etc.) | | | | | | |
| 39.2 | Discordância entre o curso que escolhi e o desejo familiar | | | | | | |
| 39.3 | Cuidados com os filhos e/ou com a casa | | | | | | |
| 39.4 | Gravidez própria | | | | | | |
| 39.5 | Gravidez da namorada, companheira ou esposa | | | | | | |
| 39.6 | Outro. Qual? | | | | | | |

| Interesse e Dificuldade | | Grau de influência sobre minha decisão de não cursar o ensino superior | | | | | |
|-------------------------|---|--|------------------------|--------------------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 40.1 | Falta de interesse | | | | | | |
| 40.2 | Grau de dificuldade do vestibular | | | | | | |
| 40.3 | Falta de preparação para o vestibular | | | | | | |
| 40.4 | A escola de nível médio não deu base | | | | | | |
| 40.5 | A instituição de ensino superior a qual tenho acesso não oferece o curso desejado | | | | | | |
| 40.6 | O curso técnico é suficiente para a minha formação | | | | | | |
| 40.7 | Desejo fazer o curso superior em outro momento de minha vida | | | | | | |
| 40.8 | Outro. Qual? | | | | | | |

41. Indique em que tipo de escola você estudou no ensino fundamental e no ensino médio. Marque um X em cada coluna.

| Tipo de Escola | | Ensino Fundamental (1ª a 8ª série) | Ensino Médio (2º grau) |
|----------------|----------------------------------|------------------------------------|------------------------|
| 1 | Somente em escola pública | | |
| 2 | Somente em escola particular | | |
| 3 | Maior parte em escola pública | | |
| 4 | Maior parte em escola particular | | |

42. Você considera importante ter realizado o curso técnico?

1 () Sim 2 () Não

Justifique sua resposta: _____

43. Considerando TODAS as questões apresentadas anteriormente, ou mesmo outras situações não abordadas, você tem alguma observação? Se você tem alguma observação, será de grande importância que registre-a abaixo.

44. Você tem interesse em conhecer os resultados desta pesquisa?

1 () Sim 2 () Não

45. Você gostaria de participar das entrevistas que serão realizadas na segunda etapa da pesquisa? Elas serão realizadas em local de sua preferência e em data e horário previamente combinados.

1 () Sim 2 () Não

Agradecemos imensamente a sua colaboração!

3 Questionário Complementar

Questionário aos Alunos que Entraram no Curso Superior após Concluir o Curso Técnico Regular

Questionário Nº: _____ (Aplicador: preencha este campo com o **mesmo nº do questionário** respondido antes por este respondente)

Data de aplicação: _____ / _____ / _____

Nome do aplicador e de sua respectiva instituição: _____

INSTRUÇÕES:

- Leia atentamente as questões.
- Marque apenas uma resposta por questão, a não ser que no título da questão seja orientado a marcar mais de uma resposta.
- Preencha o questionário à caneta e não deixe nenhuma questão sem resposta.
- Caso tenha alguma dúvida ou necessite de informações, comunique-se com o pesquisador.

VIII – DADO DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo: _____

IX – ENSINO SUPERIOR

INSTRUÇÃO: Considere para as respostas seguintes o **primeiro** curso superior realizado após a conclusão do curso técnico. Por exemplo, se você começou o curso de Engenharia Elétrica, mas mudou para o curso de Direito, considere o primeiro curso (Engenharia Elétrica). Se você fez ou faz dois cursos superiores **ao mesmo tempo**, considere para suas respostas aquele que é o mais importante para você.

46. Nome do curso superior que você entrou após a conclusão do curso técnico: _____

47. Nome da Instituição de Ensino Superior que ingressou: _____

48. Nome da cidade onde se localiza a Instituição de Ensino Superior: _____

49. Mês/ano de entrada no curso superior (exemplo -> 03/2010): _____ / _____

50. Atualmente, você:

1 () está cursando o ensino superior. Qual período está cursando? _____

2 () já concluiu o curso superior. Em que mês/ano? _____ / _____

3 () interrompeu temporariamente o curso superior. Em que mês/ano? _____ / _____. Por quê? _____

4 () interrompeu definitivamente o curso superior. Em que mês/ano? _____ / _____. Por quê? _____

51. Qual a modalidade de graduação do seu curso superior?

1 () Tecnologia (ex.: Cursos de tecnólogo – Logística, Gestão de Pessoas, Marketing etc.)

2 () Licenciatura (ex.: Formação de professores – Letras, Física, Matemática etc.)

3 () Bacharelado (ex.: Cursos de Engenharia, Direito, Medicina, Administração etc.)

52. Qual o tipo de ensino do seu curso superior?

1 () Presencial 2 () A distância

53. Em que rede de ensino você fez ou está fazendo o curso superior?

1 () Municipal 2 () Estadual 3 () Federal 4 () Particular

54. Como você pagava ou paga seu curso superior? Se necessário, marque mais de uma opção.

- 1 () O curso era ou é gratuito
 2 () Recursos próprios
 3 () Recursos familiares
 4 () FIES: Fundo de Financiamento do Ensino Superior
 5 () Outro tipo de financiamento estudantil
 6 () Bolsa do PROUNI - Programa Universidade para Todos
 7 () Outra opção. Qual? _____

55. Qual a relação entre a área profissional do seu curso superior e a do curso técnico que concluiu?

- 0 () Não tem nenhuma relação com área profissional do curso técnico
 1 () Pouco relacionada
 2 () Razoavelmente relacionada
 3 () Muito relacionada
 4 () Totalmente relacionada

56. O fato de você ter frequentado o curso técnico influenciou a sua entrada no curso superior?

- 0 () Não influenciou
 1 () Influenciou pouco
 2 () Influenciou razoavelmente
 3 () Influenciou muito
 4 () Influenciou totalmente

57. De que modo o ensino técnico influenciou ou influencia o seu desempenho acadêmico no curso superior?

- 1 () Muito negativamente
 2 () Negativamente
 3 () Nem negativa, nem positivamente
 4 () Positivamente
 5 () Muito positivamente

Dentre os fatores que levaram você a fazer o curso superior, indique com um X o quanto cada um influenciou sua decisão. Se o fator apresentado não fizer parte de sua trajetória, marque a opção Não se Aplica.

| Trabalho | Grau de influência sobre minha decisão de fazer o curso superior | | | | | |
|----------|---|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 58.1 | Possibilidade de melhorar no trabalho ou na profissão escolhida | | | | | |
| 58.2 | Mudança de emprego/carreira | | | | | |
| 58.3 | Valorização da profissão no mercado de trabalho | | | | | |
| 58.4 | Possibilidade de ter um bom salário | | | | | |
| 58.5 | Exigência da empresa em que trabalha(va) | | | | | |
| 58.6 | Apoio financeiro para estudo concedido pela empresa em que trabalha(va) | | | | | |
| 58.7 | Facilidade dos alunos formados nesse curso para conseguirem emprego | | | | | |
| 58.8 | Outro. Qual? | | | | | |

| Demandas de Formação e Afinidade | | Grau de influência sobre minha decisão de fazer o curso superior | | | | | |
|----------------------------------|--|--|------------------------|--------------------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 59.1 | Aperfeiçoamento profissional ou aquisição de novos conhecimentos e habilidades | | | | | | |
| 59.2 | Necessidade de obtenção de diploma de nível superior | | | | | | |
| 59.3 | Afinidade ou gosto pela área/profissão | | | | | | |
| 59.4 | Outro. Qual? | | | | | | |

| Fatores Pessoais/Familiares | | Grau de influência sobre minha decisão de fazer o curso superior | | | | | |
|-----------------------------|---|--|------------------------|--------------------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 60.1 | Facilidade de passar no vestibular | | | | | | |
| 60.2 | Facilidade de concluir o curso | | | | | | |
| 60.3 | Realização pessoal | | | | | | |
| 60.4 | Sugestão de outra pessoa (professor, família ou colega) | | | | | | |
| 60.5 | Imposição da família | | | | | | |
| 60.6 | Outro. Qual? | | | | | | |

| Informação/Preparação Prévia para o Curso | | Grau de influência sobre minha decisão de fazer o curso superior | | | | | |
|---|--|--|------------------------|--------------------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 61.1 | Informações previamente obtidas sobre o curso: eventos de divulgação de profissões, notícias ou propaganda | | | | | | |
| 61.2 | Conhecimento prévio da estrutura física e do funcionamento da instituição/curso | | | | | | |
| 61.3 | Sugestão recebida em programa de orientação vocacional | | | | | | |
| 61.4 | Obtenção de bolsa de estudos em cursinho pré-vestibular | | | | | | |
| 61.5 | Outro. Qual? | | | | | | |

| Características da Escola/Curso | | Grau de influência sobre minha decisão de fazer o curso superior | | | | | |
|---------------------------------|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 62.1 | Recursos e atendimento adaptado ao deficiente (físico, auditivo, visual etc.) | | | | | | |
| 62.2 | Gratuidade do curso | | | | | | |
| 62.3 | Custo acessível da mensalidade do curso | | | | | | |
| 62.4 | Localização da instituição de Ensino Superior | | | | | | |
| 62.5 | Qualidade e credibilidade do curso | | | | | | |
| 62.6 | Outro. Qual? | | | | | | |

63. Em relação ao seu 1º CURSO SUPERIOR, você:

1 () concluiu ou está fazendo apenas esse 1º curso superior.

2 () concluiu ou está fazendo o 1º curso superior junto com outro curso superior. Qual o nome do outro curso? _____

3 () concluiu o 1º curso superior e em seguida iniciou outro curso superior. Qual o nome do outro curso? _____

4 () abandonou o 1º curso superior e entrou em outro curso superior. Qual o nome do outro curso? _____

5 () abandonou o 1º curso superior e não voltou mais aos estudos.

64. Considerando TODAS as questões apresentadas anteriormente, ou mesmo outras situações não abordadas, você tem alguma observação? Salientamos que suas observações são de grande importância para esta pesquisa.

4 Orientações Referentes às Questões do Questionário Principal

QUESTÃO 1

Data de Nascimento: _____ / _____ / _____

- ❖ **O que se procura:** verificar a idade do respondente.
- ❖ **A resposta:** indicar o dia, mês e ano em que nasceu (exemplo -> 16/03/1990).

QUESTÃO 2

Sexo: 1 () Masculino 2 () Feminino

- ❖ **O que se procura:** identificar o gênero do respondente.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 3

Em relação à sua cor/raça, como você se considera?

- | | |
|---|---|
| 0 (<input type="checkbox"/>) Sem declaração | 3 (<input type="checkbox"/>) Pardo(a) |
| 1 (<input type="checkbox"/>) Branco(a) | 4 (<input type="checkbox"/>) Amarelo(a) -Ex.: japonês, coreano, chinês etc. |
| 2 (<input type="checkbox"/>) Preto(a) | 5 (<input type="checkbox"/>) Indígena |

- ❖ **Conceito:**
 - 1) **Raça:** grupo de indivíduos que se diferencia por sua especificidade sociocultural, refletida principalmente na língua, religião e costumes; grupo étnico (HOUAISS, 2001).
 - 2) **Pardo:** pessoa que descende de brancos e negros ou que apresenta traços das raças negra e branca (HOUAISS, 2001).
 - 3) **Amarelo:** pessoa de origem asiática (japoneses, coreanos, chineses etc.).
- ❖ **O que se procura:** identificar em que grupo racial o respondente se classifica.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções. Se o respondente não quiser declarar a sua cor/raça, deverá marcar a opção “sem declaração”.

QUESTÃO 4

Estado civil atual:

- | | |
|--|--|
| 1 (<input type="checkbox"/>) Solteiro(a) | 4 (<input type="checkbox"/>) Viúvo(a) |
| 2 (<input type="checkbox"/>) Casado(a) | 5 (<input type="checkbox"/>) Separado(a), divorciado(a), desquitado(a) |
| 3 (<input type="checkbox"/>) Mora com um(a) companheiro(a) | 6 (<input type="checkbox"/>) Outro. Qual? _____ |

- ❖ **O que se procura:** identificar o estado civil atual do respondente.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções. Caso marque a opção “outro”, o respondente deverá especificar o estado civil.

QUESTÃO 5

Você tem filhos? 1 () Sim. Quantos? _____ 2 () Não

- ❖ **O que se procura:** verificar se o respondente possui filhos e qual a quantidade.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções. Caso marque a opção “sim”, o respondente deverá especificar a quantidade de filhos.

QUESTÃO 6

Qual era a escolaridade de seus pais NA ÉPOCA em que você concluiu o curso técnico? Marque um X em cada coluna.

| Nível de Ensino | | Pai | Mãe |
|-----------------|---|-----|-----|
| 1 | Nunca estudou | | |
| 2 | Ensino Fundamental incompleto (1ª a 8ª série) | | |
| 3 | Ensino Fundamental completo (1ª a 8ª série) | | |
| 4 | Ensino Médio incompleto | | |
| 5 | Ensino Médio completo | | |
| 6 | Ensino Técnico incompleto | | |
| 7 | Ensino Técnico completo | | |
| 8 | Ensino Superior incompleto | | |
| 9 | Ensino Superior completo | | |
| 10 | Pós-Graduação | | |
| 11 | Não se aplica: pai(s) falecido(s) | | |
| 12 | Não sei | | |

- ❖ **O que se procura:** conhecer a escolaridade dos pais do respondente na época em que ele concluiu o curso técnico.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em cada coluna. Se o pai ou a mãe do respondente for falecido, ele deverá marcar a opção “não se aplica”. Caso não saiba a escolaridade dos pais, o respondente deverá marcar a opção “não sei”.

QUESTÃO 7

Renda familiar NA ÉPOCA em que concluiu o curso técnico (somatório da renda de todos que trabalhavam em sua casa, incluindo você). Considerar renda formal e informal: R\$ _____.

- ❖ **Conceito:**
 - 1) **Renda Formal:** remuneração do trabalho realizado por empregados assalariados com carteira assinada (domésticos ou não), funcionários públicos e militares, empregadores e profissionais liberais⁵ (MACHADO, OLIVEIRA, ANTIGO, 2008).
 - 2) **Renda Informal:** remuneração do trabalho realizado por pequenas empresas familiares, trabalhadores autônomos (excluindo profissionais liberais) e trabalhadores domésticos remunerados em moeda ou espécie (MACHADO, OLIVEIRA, ANTIGO, 2008).
- ❖ **O que se procura:** conhecer a renda familiar do respondente na época em que concluiu o curso técnico e estabelecer relação com a permanência escolar.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

⁵ Profissão liberal é aquela que requer instrução de nível superior que habilite o indivíduo a trabalhar por conta própria, como medicina, odontologia, advocacia etc. (HOUAISS, 2001).

QUESTÃO 8

Renda familiar NA ATUALIDADE (somatório da renda de todos que trabalham em sua casa, incluindo você).
 Considerar renda formal e informal: R\$_____.

- ❖ **O que se procura:** conhecer a renda familiar do respondente no momento atual.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 9

Nº de pessoas de sua família (inclusive você) que moravam em sua casa NA ÉPOCA em que concluiu o curso:
 _____ pessoas.

- ❖ **O que se procura:** conhecer o número de pessoas que moravam com o respondente na época da conclusão do curso técnico.
- ❖ **A resposta:** indicar o número de pessoas da família, incluindo o respondente.

QUESTÃO 10

Nº de pessoas de sua família (inclusive você) que moram ATUALMENTE em sua casa: _____ pessoas.

- ❖ **O que se procura:** conhecer o número de pessoas que moram atualmente com o respondente.
- ❖ **A resposta:** indicar o número de pessoas da família, incluindo o respondente.

QUESTÃO 11

Qual é a sua renda pessoal NA ATUALIDADE? Considerar renda formal e informal: R\$_____.

- ❖ **O que se procura:** conhecer a renda pessoal do respondente na atualidade.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 12

Nos itens abaixo, relacione os bens e as características de sua moradia NA ATUALIDADE. Marque um X para cada item.

12.1. Na casa em que você mora tem quantos banheiros?

1 () Um 2 () Dois 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

12.2. Na casa em que você mora tem quantas salas?

1 () Uma 2 () Duas 3 () Três ou mais 4 () Não tem

12.3. Na casa em que você mora tem quantos quartos?

1 () Um 2 () Dois 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

12.4. Na casa em que você mora tem quantas televisões?

1 () Uma 2 () Duas ou mais 3 () Não tem

12.5. Na casa em que você mora tem quantos aparelhos de DVD?

1 () Um 2 () Dois ou mais 3 () Não tem

12.6. Na casa em que você mora tem máquina de lavar roupa?

1 () Sim 2 () Não

12.7. Na casa em que você mora tem quantos aparelhos de som?

1 () Um 2 () Dois 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

12.8. Na casa em que você mora tem quantas geladeiras?

1 () Uma 2 () Duas ou mais 3 () Não tem

12.9. Na casa em que você mora tem freezer?

1 () Sim 2 () Não

12.10. Na casa em que você mora tem telefone fixo?

1 () Sim 2 () Não

12.11. Na casa em que você mora tem quantos telefones celulares?

1 () Um 2 () Dois 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

12.12. Na casa em que você mora tem quantos computadores?

1 () Um 2 () Dois 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

12.13. Na casa em que você mora tem quantos carros?

1 () Um 2 () Dois 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

12.14. Na casa em que você mora tem quantas motos?

1 () Uma 2 () Duas 3 () Três 4 () Quatro ou mais 5 () Não tem

❖ **O que se procura:** conhecer indicativos da condição socioeconômica atual do respondente, considerando a infraestrutura de sua residência e a posse de determinados bens (aparelhagem doméstica e veículos).

❖ **A resposta:** para cada um dos itens apresentados, marcar um X em apenas uma opção.

QUESTÃO 13

Nome da Instituição Federal de Ensino que frequentou: _____

Cidade onde está localizada essa instituição de ensino: _____

❖ **O que se procura:** identificar a instituição de ensino frequentada e a sua localização.

❖ **A resposta:** escrever o nome da instituição e da cidade, tal como nos exemplos abaixo:

- 1) CEDAF / Florestal
- 2) CEFET-MG / (nome da cidade)
- 3) CEFORES / Uberaba
- 4) COLTEC / Belo Horizonte
- 5) Escola Agrotécnica Federal de (nome da cidade)
- 6) Escola Técnica Federal de (nome da cidade)
- 7) Escola Técnica de Saúde / Uberlândia

- 8) IFMG / (nome da cidade)
- 9) IF Sul de MG / (nome da cidade)
- 10) IF Norte de MG / (nome da cidade)
- 11) IF Sudeste de MG / (nome da cidade)
- 12) IF Triângulo Mineiro / (nome da cidade)

QUESTÃO 14

Nome do curso técnico que concluiu: _____

- ❖ **Conceito:** concluinte do curso técnico - “aluno que efetivamente concluiu os estudos regulares, estágios e outras atividades previstas no plano de curso e está apto a receber ou já recebeu o diploma.” (MEC, 2008, p. 10).
- ❖ **O que se procura:** identificar o curso técnico concluído.
- ❖ **A resposta:** escrever por extenso o nome completo do curso.

QUESTÃO 15

Ano de início do curso técnico: _____

- ❖ **O que se procura:** identificar o ano de entrada no curso.
- ❖ **A resposta:** indicar o ano do início do curso. Caso o respondente não se lembre do período exato, deverá indicar o ano aproximado.

QUESTÃO 16

Ano da conclusão do curso técnico: _____

- ❖ **O que se procura:** identificar o ano de saída do curso e estabelecer relação com o ano de entrada.
- ❖ **A resposta:** indicar o ano da conclusão do curso. Caso o respondente não se lembre do período exato, deverá indicar o ano aproximado.

QUESTÃO 17

Modalidade do curso técnico que concluiu:

1 () Integrado 2 () Concomitante Interno 3 () Concomitante Externo 4 () Subsequente

- ❖ **Conceito:**
 - 1) **Curso integrado:** ensino técnico e ensino médio são cursados no mesmo curso e na mesma escola, com matrícula única.
 - 2) **Curso concomitante interno:** ensino técnico modular e ensino médio são cursados ao mesmo tempo, na mesma escola, mas com matrículas distintas.

3) **Curso concomitante externo:** ensino técnico modular e ensino médio são cursados ao mesmo tempo, mas em escolas diferentes, com matrículas distintas.

4) **Curso subsequente:** ensino técnico é cursado depois da conclusão do ensino médio.

❖ **O que se procura:** identificar a modalidade do curso técnico e estabelecer relação com a sua conclusão.

❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 18

Em qual turno você fez o curso técnico? Se estudou em mais de um turno, marque mais de uma opção.

1 () Manhã 2 () Tarde 3 () Noite

❖ **O que se procura:** identificar o turno do curso técnico e estabelecer relação com a sua conclusão.

❖ **A resposta:** marcar um X em uma ou mais opções.

QUESTÃO 19

Identifique a alternativa que mais se aproxima de sua situação.

Concluí o curso técnico e...

0 () Não voltei mais aos estudos

1 () Fui para outro curso técnico

2 () Fui fazer um cursinho pré-vestibular

3 () Fui fazer um curso superior

4 () Outra. Qual? _____

❖ **O que se procura:** identificar a variedade de situações ou percursos educacionais vivenciados após o curso técnico.

❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções. Caso marque a opção “outra”, o respondente deverá especificar a situação.

QUESTÃO 20

Você já solicitou o diploma de técnico?

1 () Sim 2 () Não

❖ **O que se procura:** identificar se o respondente requereu seu diploma.

❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 21

Você concluiu o ensino médio na mesma instituição em que concluiu o curso técnico?

1 () Sim 2 () Não

❖ **O que se procura:** verificar se o respondente permaneceu e concluiu o ensino médio na instituição em que concluiu o técnico.

❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÕES 22 A 26

Dentre os **fatores que levaram você a concluir o curso técnico**, indique com um X o quanto cada um influenciou sua escolha. Se o fator **não fizer parte de sua trajetória**, marque a opção **não se aplica**.

| Trabalho | | Grau de influência sobre minha decisão de concluir o curso técnico | | | | | |
|----------|---|--|------------------------|--------------------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 22.1 | Possibilidade de melhorar na profissão escolhida | | | | | | |
| 22.2 | Mudança de emprego | | | | | | |
| 22.3 | Valorização da profissão no mercado de trabalho | | | | | | |
| 22.4 | Possibilidade de ter um bom salário | | | | | | |
| 22.5 | Exigência da empresa que trabalha(va) | | | | | | |
| 22.6 | Facilidade dos concluintes desse curso para conseguir emprego | | | | | | |
| 22.7 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores relacionados a trabalho na decisão do aluno de concluir o curso técnico.
- ❖ **A resposta:** para cada um dos fatores apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de concluir o curso. Se o fator apresentado não esteve presente durante a realização do curso técnico, o respondente deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se o respondente não precisou trabalhar durante o curso, ele deverá marcar na questão 22.5 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado a trabalho, o respondente poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

| Características da Escola/Curso | | Grau de influência sobre minha decisão de concluir o curso técnico | | | | | |
|---------------------------------|---|--|------------------------|--------------------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 23.1 | Qualidade da escola pública federal | | | | | | |
| 23.2 | Maiores chances de ser aprovado(a) no vestibular para o ensino superior | | | | | | |
| 23.3 | Existência de parceria da escola com empresas para estágio | | | | | | |
| 23.4 | Gratuidade do curso | | | | | | |
| 23.5 | Localização da escola | | | | | | |
| 23.6 | Qualidade e credibilidade do curso | | | | | | |
| 23.7 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **Conceito:** **credibilidade (do curso)** - confiabilidade (HOUAISS, 2001).

- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores relacionados às características da escola/curso na decisão do aluno de concluir o curso técnico.
- ❖ **A resposta:** para cada um dos fatores apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de concluir o curso. Se o fator apresentado não fez parte da trajetória do respondente, ele deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se o respondente não considerou a localização da escola como um fator para a sua decisão de concluir o curso, ele deverá marcar na questão 23.5 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado às características da escola/curso, o respondente poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

| Curso e Conteúdo | | Grau de influência sobre minha decisão de concluir o curso técnico | | | | | |
|------------------|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 24.1 | Tinha interesse e afinidade com a área/profissão | | | | | | |
| 24.2 | Considerava o curso atrativo | | | | | | |
| 24.3 | Sentia satisfação/motivação com o curso | | | | | | |
| 24.4 | Considerava importante os conteúdos do curso | | | | | | |
| 24.5 | Fiquei motivado com o estágio | | | | | | |
| 24.6 | Queria me aperfeiçoar profissionalmente (novos conhecimentos/habilidades) | | | | | | |
| 24.7 | Tinha necessidade de obter o diploma de curso técnico | | | | | | |
| 24.8 | Tinha necessidade de obter o certificado de nível médio | | | | | | |
| 24.9 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores relacionados a curso e conteúdo na decisão do aluno de concluir o curso técnico.
- ❖ **A resposta:** para cada um dos fatores apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de concluir o curso. Se o fator apresentado não esteve presente durante a realização do curso técnico, o respondente deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se o respondente não se sentiu motivado com o estágio, ele deverá marcar na questão 24.5 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado a curso e conteúdo, o respondente poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

| Clima Escolar | | Grau de influência sobre minha decisão de concluir o curso técnico | | | | | |
|---------------|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 25.1 | Percebia o interesse dos professores por minha formação | | | | | | |
| 25.2 | Tinha bom relacionamento com professores | | | | | | |
| 25.3 | Tinha bom relacionamento com colegas | | | | | | |
| 25.4 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores relacionados ao clima escolar na decisão do aluno de concluir o curso técnico.
- ❖ **A resposta:** para cada um dos fatores apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de concluir o curso. Se o fator apresentado não esteve presente durante a realização do curso técnico, o respondente deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se o respondente teve dificuldade de relacionamento com colegas durante o curso, ele deverá marcar na questão 25.3 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado a clima escolar, o respondente poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

| Fatores Individuais e Familiares | | Grau de influência sobre minha decisão de concluir o curso técnico | | | | | |
|----------------------------------|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 26.1 | Realização pessoal | | | | | | |
| 26.2 | Condição financeira para fazer o curso (transporte, alimentação, material etc.) | | | | | | |
| 26.3 | Minha família me incentivava a estudar | | | | | | |
| 26.4 | Minha família me obrigava a estudar | | | | | | |
| 26.5 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores individuais e familiares na decisão do aluno de concluir o curso técnico.
- ❖ **A resposta:** para cada um dos fatores apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de concluir o curso. Se o fator apresentado não esteve presente durante a realização do curso técnico, o respondente deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se o respondente não foi obrigado a estudar pela família, ele deverá marcar na questão 26.4 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado a fatores individuais e familiares, o respondente poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

QUESTÃO 27

Considerando a existência de recursos/suportes em sua instituição de educação profissional, indique com um X o quanto cada um influenciou sua decisão de concluir o curso técnico. Se o recurso/suporte não existia em sua escola, marque a opção não se aplica.

| Estrutura e Programas de Apoio ao Aluno | | Grau de influência sobre minha decisão de concluir o curso técnico | | | | | |
|---|---|--|------------------------|--------------------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 27.1 | Estrutura física adequada (sala de aula, biblioteca, laboratório etc.) | | | | | | |
| 27.2 | A escola oferecia um ensino de qualidade com professores que sabiam transmitir conhecimento | | | | | | |
| 27.3 | Apoio financeiro ao aluno (vale transporte, refeição etc.) | | | | | | |
| 27.4 | Apoio pedagógico (monitoria, aulas extras etc.) | | | | | | |
| 27.5 | Disponibilidade de psicólogo para apoio ao aluno | | | | | | |
| 27.6 | Possibilidade de participação em atividades culturais, esportivas ou no grêmio estudantil. | | | | | | |
| 27.7 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores relacionados à estrutura e a programas de apoio ao aluno na sua decisão de concluir o curso técnico.
- ❖ **A resposta:** para cada um dos recursos/suportes apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de concluir o curso. Se o fator apresentado não esteve presente durante a realização do curso técnico, o respondente deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se a escola não oferecia aos alunos apoio psicológico por parte de um profissional, o respondente deverá marcar na questão 27.5 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado à estrutura e a programas de apoio ao aluno, ele poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

QUESTÃO 28

Depois que você concluiu o curso técnico, como estava sua situação de trabalho? Responda apenas uma das opções.

- 1 () Já trabalhava antes de concluir o curso. Há quanto tempo trabalhava antes de concluí-lo? _____ mês(es)
- 2 () Consegui meu primeiro emprego. Quanto tempo levou para consegui-lo? _____ mês(es)
- 3 () Procurei emprego e não encontrei. Durante quanto tempo? _____ mês(es)
- 4 () Não procurei emprego

- ❖ **O que se procura:** identificar a situação de trabalho do respondente após a conclusão de seu curso técnico, bem como o tipo de relação que ele manteve com o mundo do trabalho: a) interesse ou não em buscar emprego; b) tempo de permanência no trabalho anterior à conclusão; c) intervalo de tempo para conseguir emprego; d) intervalo de tempo gasto na procura por emprego.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções. Caso marque as opções 1, 2 ou 3, o respondente deverá escrever o número de meses ou mês correspondente à opção escolhida.

QUESTÃO 29

Há quanto tempo você trabalha ou trabalhou na área do curso técnico que concluiu?

- 1 () Há menos de um ano
- 2 () de 1 a 2 anos
- 3 () de 2 a 5 anos
- 4 () mais de 5 anos
- 5 () Nunca trabalhei na área do curso técnico

- ❖ **O que se procura:** identificar a quantidade de anos de atividade profissional efetiva na área do curso técnico concluído.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 30

ATUALMENTE, você está:

- 1 () Apenas trabalhando
- 2 () Trabalhando e estudando
- 3 () Apenas estudando (**IR PARA A QUESTÃO 37**)
- 4 () Nem trabalhando, nem estudando (**IR PARA A QUESTÃO 37**)

- ❖ **O que se procura:** identificar a situação atual do respondente tanto em relação a sua atividade de estudo quanto de trabalho.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções. Caso o respondente marque as opções 3 ou 4, ele deverá ir direto para a questão 37, pulando as questões 31 a 36.

QUESTÃO 31

Qual é o seu VÍNCULO EMPREGATÍCIO na ATUALIDADE?

- 1 () Empregado com carteira assinada
- 2 () Empregado sem carteira assinada
- 3 () Outro. Qual? _____

- ❖ **O que se procura:** identificar o tipo de vínculo empregatício do respondente na atualidade.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções. Caso marque a opção “outro”, o respondente deverá especificar o vínculo empregatício.

QUESTÃO 32**ATUALMENTE você é:**

- 1 () Funcionário público concursado
- 2 () Autônomo/prestador de serviços
- 3 () Contratado temporariamente
- 4 () Estagiário
- 5 () Proprietário de empresa/negócio
- 6 () Outro. Qual? _____

❖ Conceito:

- 1) **Contrato Temporário:** contrato de trabalho celebrado entre uma empresa e um trabalhador, pelo qual este se obriga, mediante retribuição daquela, a disponibilizar sua força de trabalho temporariamente à empresa contratante pública, privada ou mista. Características do Contrato de Trabalho por Prazo Determinado: a) Tem datas de início e de término pré-fixadas; b) Prazo máximo de duração é de dois anos, podendo ser prorrogado por mais dois anos com o mesmo trabalhador, com intervalo de 6 meses entre as contratações sucessivas e a exigência de não se configurar na mesma categoria do contrato por prazo indeterminado; c) Ao final do contrato, não são devidos o aviso prévio nem a indenização de 40% do FGTS; d) Abrange qualquer atividade desenvolvida pela empresa ou estabelecimento em qualquer segmento da economia. (BRASIL, 1998).
- 2) **Estágio:** ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. Características do Termo de Compromisso de Estágio: a) Não pode exceder a dois anos na mesma organização concedente; b) Faz parte do projeto pedagógico do curso; c) Poderá ser obrigatório ou não-obrigatório; d) A jornada de atividade em estágio não pode ultrapassar quatro horas diárias e vinte horas semanais, no caso de estudantes de educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional de educação de jovens e adultos; e, seis horas diárias e trinta horas semanais, no caso de estudantes do ensino superior, da educação profissional de nível médio e do ensino médio regular; e) Abrange qualquer atividade desenvolvida pela empresa ou estabelecimento em qualquer segmento da economia, desde que resguardadas a segurança e saúde do educando (BRASIL, 2008).

❖ **O que se procura:** identificar a relação de trabalho do respondente na atualidade.

❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções. Caso marque a opção “outro”, o respondente deverá especificar o tipo de trabalho.

QUESTÃO 33

Qual é a sua **ATUAL CARGA HORÁRIA** semanal de trabalho? _____ horas.

❖ **O que se procura:** identificar a carga horária de trabalho atual do respondente.

❖ **A resposta:** indicar o número de horas trabalhadas semanalmente. Caso haja variação na carga horária semanal, o respondente deverá estimar uma média de horas trabalhadas por semana.

QUESTÃO 34

Em qual setor econômico você exerce sua atividade profissional ATUAL?

- 1 () Setor Primário (agricultura, pecuária, mineração extrativismo vegetal e caça)
2 () Setor Secundário (indústria)
3 () Setor Terciário (serviços em geral: comércio, educação, informática etc.)

❖ **Conceito:**

- 1) **Setor Econômico:** é aquele que agrupa diferentes organizações (empresas, fundações, cooperativas) de atividades diversas: extração, produção/fabricação, comércio/serviço. (INSEE, 2011)
- 2) **Setor Primário:** é aquele que agrupa as organizações que direta ou indiretamente se dedicam primordialmente à exploração dos recursos naturais do planeta, de dado continente, país, estado ou cidade. (INSEE, 2011)
- 3) **Setor Secundário:** é aquele que coloca em um conjunto todas as organizações que se dedicam a produzir transformações maiores ou menores nas matérias primas advindas do setor primário, num processo de industrialização, manufatura ou construção de outros materiais, os quais passam a apresentar maior valor agregado e, por conseguinte maior preço de compra e venda no mercado local, regional ou internacional (INSEE, 2011).
- 4) **Setor Terciário:** é o ramo de organizações que se distribuem na mais vasta e variada gama de atividades: comércio; administração; transportes; atividades financeiras; serviços de todo tipo, tanto a pessoas físicas quanto jurídicas, tais como educação, saúde e ação social (INSEE, 2011).

❖ **O que se procura:** identificar o setor econômico no qual o respondente exerce sua atividade profissional atual.

❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 35

Qual a relação entre a área profissional do curso técnico que você concluiu e o seu trabalho ATUAL?

- 0 () Não tem relação com a área profissional do curso técnico
1 () Pouco relacionada
2 () Razoavelmente relacionada
3 () Muito relacionada
4 () Totalmente relacionada

❖ **O que se procura:** identificar o grau de relação entre a área do curso técnico concluído e a atual área de trabalho.

❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 36

Qual a sua satisfação em relação à sua ATIVIDADE PROFISSIONAL ATUAL?

- 1 () Muito insatisfeito
2 () Insatisfeito
3 () Nem insatisfeito, nem satisfeito
4 () Satisfeito
5 () Muito satisfeito

- ❖ **O que se procura:** identificar o grau de satisfação do respondente com sua atividade profissional atual.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 37

Qual é a sua escolaridade atual? Marque APENAS UMA OPÇÃO correspondente ao nível mais elevado de sua escolarização.

- 1 () Ensino Médio Técnico
 2 () Ensino Superior incompleto **(IR PARA QUESTÃO 41)**
 3 () Ensino Superior completo **(IR PARA QUESTÃO 41)**
 4 () Pós-Graduação **(IR PARA A QUESTÃO 41)**

- ❖ **O que se procura:** conhecer a escolaridade atual do respondente, bem como identificar aqueles que entraram no ensino superior.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções correspondente ao nível mais elevado de escolarização. Caso o respondente marque as opções 2, 3 ou 4, ele deverá ir direto para a questão 41, pulando as questões 38 a 40.

QUESTÕES 38 A 40

Dentre os fatores que levaram você a não entrar no ensino superior, indique com um X o quanto cada um influenciou sua decisão. Se o fator não fizer parte de sua trajetória, marque a opção não se aplica.

| Fatores Financeiros, Trabalho e Mobilidade | | Grau de influência sobre minha decisão de não cursar o ensino superior | | | | | 77 Não se aplica |
|--|---|--|------------------------|--------------------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | |
| 38.1 | Falta de condições financeiras | | | | | | |
| 38.2 | Dificuldade de conciliar trabalho e estudo | | | | | | |
| 38.3 | Falta de instituição de ensino superior próxima do trabalho ou de onde moro | | | | | | |
| 38.4 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores financeiros, de trabalho e de mobilidade na decisão do respondente de não cursar o ensino superior.
- ❖ **A resposta:** para cada um dos fatores apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de não cursar o ensino superior. Se o fator apresentado não fez parte da trajetória do respondente, ele deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se o respondente tem boas condições financeiras, ele deverá marcar na questão 38.1 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado a fatores financeiros, de trabalho e de mobilidade, o respondente poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

| Fatores Pessoais/Familiares | | Grau de influência sobre minha decisão de não cursar o ensino superior | | | | | |
|-----------------------------|--|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 39.1 | Imprevistos (doença séria própria ou de familiar, viagem etc.) | | | | | | |
| 39.2 | Discordância entre o curso que escolhi e o desejo familiar | | | | | | |
| 39.3 | Cuidados com os filhos e/ou com a casa | | | | | | |
| 39.4 | Gravidez própria | | | | | | |
| 39.5 | Gravidez da namorada, companheira ou esposa | | | | | | |
| 39.6 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores pessoais e familiares na decisão do respondente de não cursar o ensino superior.
- ❖ **A resposta:** para cada um dos fatores apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de não cursar o ensino superior. Se o fator apresentado não fez parte da trajetória do respondente, ele deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se a estudante não engravidou, ela deverá marcar na questão 39.4 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado a fatores pessoais e familiares, o respondente poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

| Interesse e Dificuldade | | Grau de influência sobre minha decisão de não cursar o ensino superior | | | | | |
|-------------------------|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 40.1 | Falta de interesse | | | | | | |
| 40.2 | Grau de dificuldade do vestibular | | | | | | |
| 40.3 | Falta de preparação para o vestibular | | | | | | |
| 40.4 | A escola de nível médio não deu base | | | | | | |
| 40.5 | A instituição de ensino superior a qual tenho acesso não oferece o curso desejado | | | | | | |
| 40.6 | O curso técnico é suficiente para a minha formação | | | | | | |
| 40.7 | Desejo fazer o curso superior em outro momento de minha vida | | | | | | |
| 40.8 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores relacionados à falta de interesse e dificuldade na decisão do respondente de não cursar o ensino superior.

- ❖ **A resposta:** para cada um dos fatores apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de não cursar o ensino superior. Se o fator apresentado não fez parte da trajetória do respondente, ele deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se o respondente não deseja fazer o curso superior em outro momento de sua vida, ele deverá marcar na questão 40.7 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado à falta de interesse e dificuldade, o respondente poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

QUESTÃO 41

Indique em que tipo de escola você estudou no ensino fundamental e no ensino médio. Marque um X em cada coluna.

| Tipo de Escola | | Ensino Fundamental (1ª a 8ª série) | Ensino Médio (2º grau) |
|----------------|----------------------------------|------------------------------------|------------------------|
| 1 | Somente em escola pública | | |
| 2 | Somente em escola particular | | |
| 3 | Maior parte em escola pública | | |
| 4 | Maior parte em escola particular | | |

- ❖ **O que se procura:** identificar o tipo de escola (pública e/ou particular) que o respondente frequentou no ensino fundamental e médio.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em cada coluna.

QUESTÃO 42

Você considera importante ter realizado o curso técnico?

1 () Sim 2 () Não

Justifique sua resposta: _____

- ❖ **O que se procura:** identificar a importância atribuída ao curso técnico pelo respondente.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções e, em seguida, escrever por extenso a justificativa da resposta.

QUESTÃO 43

Considerando TODAS as questões apresentadas anteriormente, ou mesmo outras situações não abordadas, você tem alguma observação? Se você tem alguma observação, será de grande importância que registre-a abaixo.

- ❖ **O que se procura:** identificar questões relacionadas à conclusão do curso técnico que não tenham sido contempladas no questionário.
- ❖ **A resposta:** escrever por extenso as observações que considerar importantes.

QUESTÃO 44

Você tem interesse em conhecer os resultados desta pesquisa?

1 () Sim 2 () Não

- ❖ **Conceito: resultados da pesquisa** - a pesquisa tem a duração de quatro anos e possui várias fases, sendo esta a primeira delas. Ela é realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em parceria com o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Os resultados serão divulgados ao término dos estudos e serão disponibilizados nas três instituições.
- ❖ **O que se procura:** identificar os participantes que têm interesse em conhecer os resultados da pesquisa para divulgação posterior dos resultados.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 45

Você gostaria de participar das entrevistas que serão realizadas na segunda etapa da pesquisa? Elas serão realizadas em local de sua preferência e em data e horário previamente combinados.

1 () Sim 2 () Não

- ❖ **O que se procura:** identificar pessoas interessadas em participar das entrevistas na segunda etapa da pesquisa.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

5 Orientações Referentes às Questões do Questionário Complementar

QUESTÃO 46

Nome do curso superior que você entrou após a conclusão do curso técnico: _____

- ❖ **O que se procura:** identificar o curso superior que o respondente ingressou e sua relação com a formação técnica anterior à formação superior.
- ❖ **A resposta:** escrever por extenso o nome completo do curso.

QUESTÃO 47

Nome da Instituição de Ensino Superior que ingressou: _____

- ❖ **O que se procura:** conhecer a instituição de ensino superior frequentada, bem como identificar aqueles que entraram no ensino superior na mesma instituição do curso técnico ou em outra instituição de educação profissional e tecnológica.
- ❖ **A resposta:** escrever por extenso o nome completo da Instituição de Ensino Superior.

QUESTÃO 48

Nome da cidade onde se localiza a Instituição de Ensino Superior: _____

- ❖ **O que se procura:** conhecer o nome da cidade na qual se situa a Instituição de Ensino Superior.
- ❖ **A resposta:** escrever por extenso o nome completo da cidade.

QUESTÃO 49

Mês/ano de entrada no curso superior (exemplo -> 03/2010): _____ / _____

- ❖ **O que se procura:** identificar o período de ingresso no ensino superior.
- ❖ **A resposta:** indicar o mês e o ano do início do curso. Caso o respondente não se lembre do período exato, deverá responder o período (mês/ano) aproximado.

QUESTÃO 50

Atualmente, você:

- 1 () está cursando o ensino superior. Qual período está cursando? _____
- 2 () já concluiu o curso superior. Em que mês/ano? _____ / _____
- 3 () interrompeu temporariamente o curso superior. Em que mês/ano? _____ / _____. Por quê? _____
- 4 () interrompeu definitivamente o curso superior. Em que mês/ano? _____ / _____. Por quê? _____

- ❖ **O que se procura:** verificar se o respondente concluiu ou ainda está cursando o ensino superior, assim como investigar possíveis abandonos do curso superior e suas razões.

- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções e, em seguida, escrever o número do período ou do mês/ano correspondente à opção escolhida. Caso o respondente marque as opções 3 ou 4, deverá também escrever a razão para a interrupção do curso superior.

QUESTÃO 51

Qual a modalidade de graduação do seu curso superior?

- 1 () Tecnologia (ex.: Cursos de tecnólogo – Logística, Gestão de Pessoas, Marketing etc.)
2 () Licenciatura (ex.: Formação de professores – Letras, Física, Matemática etc.)
3 () Bacharelado (ex.: Cursos de Engenharia, Direito, Medicina, Administração etc.)

- ❖ **Conceito:**

- 1) **Tecnologia:** os cursos superiores de tecnologia são cursos de graduação, com características especiais, que conduzem à obtenção de diploma de tecnólogo (BRASIL, 2002).
- 2) **Licenciatura:** grau universitário que dá o direito de exercer o magistério do segundo segmento do ensino fundamental e do ensino médio (HOUAISS, 2001). Conforme o Decreto n. 3.276/1999, a formação de professores para a atuação em campos específicos do conhecimento far-se-á em cursos de licenciatura, podendo os habilitados atuar, no ensino da sua especialidade, em qualquer etapa da educação básica (BRASIL, 1999).
- 3) **Bacharelado:** modalidade de oferta de curso de graduação que conduz ao grau de bacharel. Esse grau confere, ao diplomado, habilidades e competências em um determinado campo do saber para o exercício da atividade profissional (INEP, 2009).

- ❖ **O que se procura:** identificar a modalidade do curso superior, bem como examinar se o respondente optou por uma modalidade compatível com o curso técnico.

- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 52

Qual o tipo de ensino do seu curso superior?

- 1 () Presencial 2 () A distância

- ❖ **Conceito:**

- 1) **Curso presencial:** modalidade de curso que exige do aluno, de acordo com a legislação em vigor e normas das instituições, um percentual mínimo de 75% de frequência às atividades didáticas (sala de aula, experimentos, estágios etc.) e presença obrigatória nas avaliações. Segundo o do artigo 47, § 3º, da LDB, a frequência de alunos e professores na educação superior é obrigatória, salvo nos programas de educação a distância (INEP, 2009).
- 2) **Curso a distância:** modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005).

- ❖ **O que se procura:** identificar qual o tipo de curso superior frequentado (presencial ou a distância).

- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 53

Em que rede de ensino você fez ou está fazendo o curso superior?

- 1 () Municipal 2 () Estadual 3 () Federal 4 () Particular

- ❖ **O que se procura:** identificar a categoria administrativa do curso superior (pública ou privada).

- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 54

Como você pagava ou paga seu curso superior? Se necessário, marque mais de uma opção.

- 1 () O curso era ou é gratuito
 2 () Recursos próprios
 3 () Recursos familiares
 4 () FIES: Fundo de Financiamento do Ensino Superior
 5 () Outro tipo de financiamento estudantil
 6 () Bolsa do PROUNI - Programa Universidade para Todos
 7 () Outra opção. Qual? _____

- ❖ **Conceito:**

- 1) **FIES:** O Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior é um programa do Ministério da Educação destinado a financiar prioritariamente estudantes de cursos de graduação. Para candidatar-se ao Fies os estudantes devem estar regularmente matriculados em instituições de ensino não gratuitas cadastradas no programa, em cursos com avaliação positiva no SINAES - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (MEC, 2011a).
- 2) **PROUNI:** o Programa Universidade para Todos tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. O PROUNI é dirigido aos estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular na condição de bolsistas integrais, com renda per capita familiar máxima de três salários mínimos. Os candidatos são selecionados pelas notas obtidas no Enem - Exame Nacional do Ensino Médio conjugando-se, desse modo, inclusão à qualidade e mérito dos estudantes com melhores desempenhos acadêmicos (MEC, 2011b).

- ❖ **O que se procura:** identificar de que forma o respondente pagava ou paga seu curso superior.

- ❖ **A resposta:** marcar um X em uma ou mais opções. Caso marque a alternativa “outra opção”, o respondente deverá especificar a forma de pagamento do curso superior.

QUESTÃO 55

Qual a relação entre a área profissional do seu curso superior e a do curso técnico que concluiu?

- 0 () Não tem nenhuma relação com área profissional do curso técnico
 1 () Pouco relacionada
 2 () Razoavelmente relacionada
 3 () Muito relacionada
 4 () Totalmente relacionada

- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de relação entre a área profissional do curso superior e do curso técnico concluído.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 56

O fato de você ter frequentado o curso técnico influenciou a sua entrada no curso superior?

- 0 () Não influenciou
 1 () Influenciou pouco
 2 () Influenciou razoavelmente
 3 () Influenciou muito
 4 () Influenciou totalmente

- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência do contexto educacional da instituição federal de ensino profissional na opção pela continuidade dos estudos em nível superior.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÃO 57

De que modo o ensino técnico influenciou ou influencia o seu desempenho acadêmico no curso superior?

- 1 () Muito negativamente
 2 () Negativamente
 3 () Nem negativa, nem positivamente
 4 () Positivamente
 5 () Muito positivamente

- ❖ **O que se procura:** avaliar o tipo de influência que o contexto educacional da instituição federal de ensino profissional exerceu ou exerce no desempenho acadêmico do estudante no ensino superior.
- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções.

QUESTÕES 58 A 62

Dentre os fatores que levaram você a fazer o curso superior, indique com um X o quanto cada um influenciou sua decisão. Se o fator apresentado não fizer parte de sua trajetória, marque a opção Não se Aplica.

| Trabalho | | Grau de influência sobre minha decisão de fazer o curso superior | | | | | 77 Não se aplica |
|----------|---|--|------------------------|--------------------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | |
| 58.1 | Possibilidade de melhorar no trabalho ou na profissão escolhida | | | | | | |
| 58.2 | Mudança de emprego/carreira | | | | | | |
| 58.3 | Valorização da profissão no mercado de trabalho | | | | | | |
| 58.4 | Possibilidade de ter um bom salário | | | | | | |
| 58.5 | Exigência da empresa em que trabalha(va) | | | | | | |

| Trabalho | | Grau de influência sobre minha decisão de fazer o curso superior | | | | | |
|----------|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 58.6 | Apoio financeiro para estudo concedido pela empresa em que trabalha(va) | | | | | | |
| 58.7 | Facilidade dos alunos formados nesse curso para conseguirem emprego | | | | | | |
| 58.8 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores relacionados a trabalho na decisão de fazer o curso superior.
- ❖ **A resposta:** para cada um dos fatores apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de fazer o curso superior. Se o fator apresentado não fez parte da trajetória do respondente, ele deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se o respondente não trabalhava quando escolheu o curso técnico, ele deverá marcar na questão 58.5 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado a trabalho, o respondente poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

| Demandas de Formação e Afinidade | | Grau de influência sobre minha decisão de fazer o curso superior | | | | | |
|----------------------------------|--|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 59.1 | Aperfeiçoamento profissional ou aquisição de novos conhecimentos e habilidades | | | | | | |
| 59.2 | Necessidade de obtenção de diploma de nível superior | | | | | | |
| 59.3 | Afinidade ou gosto pela área/profissão | | | | | | |
| 59.4 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **Conceito:** aperfeiçoamento - ampliação do conhecimento teórico e/ou prático sobre uma área específica do saber.
- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores relacionados a demandas de formação e afinidade na decisão de fazer o curso superior.
- ❖ **A resposta:** para cada um dos fatores apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de fazer o curso superior. Se o fator apresentado não fez parte da trajetória do respondente, ele deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se o respondente não tinha afinidade ou gosto pela área/profissão do curso superior, ele deverá marcar na questão 59.3 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado a demandas de formação e afinidade, o respondente poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

| Fatores Pessoais/Familiares | | Grau de influência sobre minha decisão de fazer o curso superior | | | | | |
|-----------------------------|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 60.1 | Facilidade de passar no vestibular | | | | | | |
| 60.2 | Facilidade de concluir o curso | | | | | | |
| 60.3 | Realização pessoal | | | | | | |
| 60.4 | Sugestão de outra pessoa (professor, família ou colega) | | | | | | |
| 60.5 | Imposição da família | | | | | | |
| 60.6 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores pessoais e familiares na decisão de fazer o curso superior.
- ❖ **A resposta:** para cada um dos fatores apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de fazer o curso superior. Se o fator apresentado não fez parte da trajetória do respondente, ele deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se não houve imposição por parte da família na escolha do curso superior, o respondente deverá marcar na questão 60.5 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado a fatores pessoais e familiares, o respondente poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

| Informação/Preparação Prévia para o Curso | | Grau de influência sobre minha decisão de fazer o curso superior | | | | | |
|---|--|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 61.1 | Informações previamente obtidas sobre o curso: eventos de divulgação de profissões, notícias ou propaganda | | | | | | |
| 61.2 | Conhecimento prévio da estrutura física e do funcionamento da instituição/curso | | | | | | |
| 61.3 | Sugestão recebida em programa de orientação vocacional | | | | | | |
| 61.4 | Obtenção de bolsa de estudos em cursinho pré-vestibular | | | | | | |
| 61.5 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **Conceito:** orientação vocacional - procedimento de avaliação das potencialidades e aptidões de um jovem, realizado pelo orientador vocacional, visando ajudá-lo na escolha de uma profissão (HOUAISS, 2001).
- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores relacionados à informação/preparação prévia na decisão de fazer o curso superior.

- ❖ **A resposta:** para cada um dos fatores apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de fazer o curso superior. Se o fator apresentado não fez parte da trajetória do respondente, ele deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se o aluno não recebeu orientação vocacional para a escolha do curso superior, ele deverá marcar na questão 61.3 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado à informação/preparação prévia para o curso, o respondente poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

| Características da Escola/Curso | | Grau de influência sobre minha decisão de fazer o curso superior | | | | | |
|---------------------------------|---|--|---------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--------------------------------|------------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 62.1 | Recursos e atendimento adaptado ao deficiente (físico, auditivo, visual etc.) | | | | | | |
| 62.2 | Gratuidade do curso | | | | | | |
| 62.3 | Custo acessível da mensalidade do curso | | | | | | |
| 62.4 | Localização da instituição de Ensino Superior | | | | | | |
| 62.5 | Qualidade e credibilidade do curso | | | | | | |
| 62.6 | Outro. Qual? | | | | | | |

- ❖ **Conceito:** credibilidade (do curso) - confiabilidade (HOUAISS, 2001).
- ❖ **O que se procura:** avaliar o grau de influência de fatores relacionados às características da escola/curso na decisão de fazer o curso superior.
- ❖ **A resposta:** para cada um dos fatores apresentados, marcar um X em apenas uma opção, correspondente ao grau de influência sobre a decisão de fazer o curso superior. Se o fator apresentado não fez parte da trajetória do respondente, ele deverá marcar a opção “não se aplica”. Por exemplo: se o curso superior frequentado é gratuito, o respondente deverá marcar na questão 62.3 a opção “não se aplica”. Caso haja outro fator não listado no quadro, relacionado às características da escola/curso, o respondente poderá especificá-lo na opção “outro” e indicar o seu grau de influência.

QUESTÃO 63

Em relação ao seu 1º CURSO SUPERIOR, você:

- 1 () concluiu ou está fazendo apenas esse 1º curso superior.
- 2 () concluiu ou está fazendo o 1º curso superior junto com outro curso superior. Qual o nome do outro curso? _____
- 3 () concluiu o 1º curso superior e em seguida iniciou outro curso superior. Qual o nome do outro curso? _____
- 4 () abandonou o 1º curso superior e entrou em outro curso superior. Qual o nome do outro curso? _____
- 5 () abandonou o 1º curso superior e não voltou mais aos estudos.

- ❖ **O que se procura:** identificar se o respondente realizou mais de um curso superior (ao mesmo tempo ou em sequência) e se houve abandono do curso superior.

- ❖ **A resposta:** marcar um X em apenas uma das opções. Caso o respondente marque as opções 2, 3 ou 4, deverá escrever o nome completo do outro curso superior.

QUESTÃO 64

Considerando TODAS as questões apresentadas anteriormente, ou mesmo outras situações não abordadas, você tem alguma observação? Salientamos que suas observações são de grande importância para esta pesquisa.

- ❖ **O que se procura:** identificar questões relacionadas ao ensino superior que não tenham sido contempladas no questionário.
- ❖ **A resposta:** escrever por extenso as observações que considerar importantes.

6 Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 3, de 18 de dezembro de 2002. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2002.

BRASIL. Decreto n. 3.276, de 06 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 07 dez. 1999.

BRASIL. Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 dez. 2005.

BRASIL. Lei n. 9.601, de 21 de janeiro de 1998. Dispõe sobre o contrato de trabalho por prazo determinado e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 22 jan. 1998.

BRASIL. Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 set. 2008.

FOWLER, Floyd J. **Improving survey questions: design and evaluation**. Califórnia: Thousand Oaks, 1995.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Glossário do Censo da Educação Superior**. Brasília: INEP, 2009.

INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES (INSEE). **Définitions et méthodes**. Disponível em: <<http://www.insee.fr/fr/methodes/>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

MACHADO, Ana Flávia; OLIVEIRA, Ana Maria Hermeto Camilo de; ANTIGO, Mariângela. Evolução do diferencial de rendimentos entre setor formal e informal no Brasil: o papel das características não observadas. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 355-388, maio/ago. 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Fies**. Brasília: MEC, 2011a. Disponível em: <<http://sisfiesportal.mec.gov.br/fies.html>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **O PROUNI**. Brasília: MEC, 2011b. Disponível em: <http://prouniportal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=124&Itemid=140>. Acesso em: 11 nov. 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Pesquisa nacional de egressos dos cursos técnicos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (2003-2007)**. Brasília: MEC, 2008.

SIMÕES, Solange; PEREIRA, Maria Aparecida Machado. A arte e a ciência de fazer perguntas: aspectos cognitivos da metodologia de survey e a construção do questionário. In: AGUIAR, Neuma (org.). **Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 241-261.

APÊNDICE D - Materiais do pré-teste do questionário

Avaliação do Questionário Aplicado aos Diplomados

Entrevista Cognitiva

PRÉ-TESTE**Avaliação do Questionário Aplicado aos Diplomados**

Questionário nº: _____

Nome do aplicador e de sua respectiva instituição: _____

1. AVALIAÇÃO DAS QUESTÕES

Numa escala de **0 a 10**, sendo **0 nenhuma dificuldade** e **10 muita dificuldade**, indique, no quadro abaixo, o grau de dificuldade de cada seção do questionário. Indique também os números das questões com problemas e os tipos de dificuldades de cada questão, de acordo com a relação abaixo:

Tipos de dificuldades

1. Enunciado (incompreensivo, longo, ambíguo etc.)
2. Terminologia (termos difíceis, ambíguos etc.)
3. Compreensão do objetivo da questão
4. Problemas relativos à memória
5. Formato da questão (lista, escalas etc.)
6. Opções de respostas
7. Constrangimento
8. Desconhecimento do assunto
9. Entendimento dos temas
10. Outras (especificar)

| Seção | Grau de Dificuldade (de 0 a 10) | Nº da Questão com Problema | Tipo de Dificuldade |
|--|---------------------------------|----------------------------|---------------------|
| I. Características do Respondente | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| II. Situação Socioeconômica | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| III. Conclusão do Curso Técnico | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| IV. Razões para a Conclusão do Curso Técnico | | | |
| | | | |
| | | | |

| Seção | Grau de Dificuldade (de 0 a 10) | Nº da Questão com Problema | Tipo de Dificuldade |
|---|---------------------------------|----------------------------|---------------------|
| | | | |
| V. Trabalho e Percurso Educacional | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| VI. Ensino Superior (Questionário Complementar) | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

2. AVALIAÇÃO DAS ESCALAS

Numa escala de 0 a 10, sendo 0 nenhuma dificuldade e 10 muita dificuldade, indique, no quadro abaixo, o grau de dificuldade em relação às escalas utilizadas no questionário, de acordo com a relação abaixo:

Tipos de dificuldades

1. Distinção dos pontos da escala
2. Número de pontos da escala
3. Outras (especificar)

| Escala | Grau de Dificuldade (de 0 a 10) | Tipo de Dificuldade |
|---|---------------------------------|---------------------|
| 0. Não influenciou 1. Influenciou pouco 2. Influenciou razoavelmente 3. Influenciou muito 4. Influenciou totalmente | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| 0. Não tem relação 1. Pouco relacionada 2. Razoavelmente relacionada 3. Muito relacionada 4. Totalmente relacionada | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| 1. Muito insatisfeito 2. Insatisfeito 3. Nem insatisfeito, nem satisfeito 4. Satisfeito 5. Muito satisfeito | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| 1. Muito negativamente 2. Negativamente 3. Nem negativa, nem positivamente 4. Positivamente 5. Muito positivamente | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |

3. AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO DO RESPONDENTE

3.1. Classificar o grau de receptividade (gentil, hostil etc.) do respondente em uma escala de **0 a 10**, sendo **0 pouco receptivo** e **10 muito receptivo**: _____

3.2. Comportamento do respondente quanto ao tempo de duração da aplicação do questionário. Impaciente? Em quais momentos?

3.3. Outros comentários sobre as atitudes dos respondentes em relação ao questionário.

4. AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

4.1. Comentários sobre a situação da aplicação do questionário: presença de outras pessoas, local etc.

ENTREVISTA COGNITIVA – ENSINO REGULAR

Instruções ao Entrevistador

- Leia as questões abaixo em voz alta para o entrevistado, enfatizando as palavras em negrito.
- Escreva as respostas à medida que o entrevistado responde, tomando cuidado para não resumir e tampouco parafrasear as respostas. Caso contrário, você poderá, mesmo sem intenção, mudar o significado das respostas.
- Não ajude o entrevistado a responder a nenhuma questão; a resposta deverá ser apenas dele.

1. Para você o que é **cor ou raça**?

2. O que você entende por cor ou raça **parda**? Quem seria uma pessoa parda famosa no Brasil?

3. O que você entende por cor ou raça **amarela**? Quem seria amarelo(a) no Brasil?

4. O que você entende por **modalidade do curso técnico**?

5. O que você entende por **curso de qualificação profissional básico**?

6. Para você o que é **dificuldade para conciliar o horário de estudo e trabalho**?

7. Para você o que é **falta de credibilidade de um curso**?

8. Em relação ao curso técnico, o que você entende por **certificação intermediária**?

9. Em relação ao curso técnico, o que você entende por **progressão parcial**?

10. Para você o que são **recursos e atendimento adaptado ao deficiente**?

11. Para você o que é **flexibilidade nos horários para cursar matérias**?

12. O que você entende por **promoção profissional ou progressão na carreira**?

13. O que você entende por **boa perspectiva salarial**?

14. Para você o que é **aperfeiçoamento ou qualificação profissional**?

15. Para você o que é **aquisição de novos conhecimentos e habilidades**?

16. O que você entende por **realização pessoal**?

17. O que você entende por **orientação vocacional**?

18. O que você entende por **renda formal**? Por favor, dê algum exemplo.

19. E o que você entende por **renda informal**? Por favor, dê algum exemplo.

APÊNDICE E - Manual geral de aplicação de questionários

O manual foi inserido considerando sua formatação original, de modo que as páginas deste apêndice ficaram duplamente numeradas, tanto pela ordem da tese (numeração regular), quanto pela numeração do manual (p. 1 a p. 15).



MANUAL DE APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS
DA PESQUISA “EDUCAÇÃO TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO DA REDE FEDERAL DE
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS”

Pesquisa “Educação Técnica de Nível Médio da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais”

COORDENAÇÃO GERAL

Rosemary Dore Heijmans (UFMG)

COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL

Daisy Moreira Cunha (UFMG)

João Bosco Laudares (CEFET-MG)

Maria Auxiliadora Monteiro Oliveira (PUC Minas)

GESTÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Paula Elizabeth Nogueira Sales

Tatiana Lage de Castro

MANUAL DE APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS

Texto adaptado de Aguiar e Simões (2001)

Adaptação/Produção

Paula Elizabeth Nogueira Sales



Sumário

| | | |
|-----|--|----|
| 1 | Introdução | 4 |
| 2 | Questões Éticas..... | 5 |
| 3 | Como Conseguir a Participação de um Respondente | 6 |
| 3.1 | O Contato Inicial Via Telefone | 6 |
| 3.2 | A Preparação Para a Aplicação | 8 |
| 4 | Como Proceder com Relação à Aplicação dos Questionários..... | 9 |
| 4.1 | A Apresentação Face a Face | 9 |
| 4.2 | Técnicas Gerais de Aplicação dos Questionários | 10 |
| 4.3 | Finalizando a Aplicação dos Questionários | 11 |
| 4.4 | Após a Aplicação dos Questionários | 11 |
| 5 | O Formato dos Questionários | 12 |
| 6 | Esclarecendo Perguntas e Respostas | 14 |
| 7 | Referências | 15 |

1 Introdução

Este manual contém orientações referentes à aplicação dos questionários da pesquisa “Educação Técnica de Nível Médio da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais” (FaE/UFMG), vinculada ao Programa Observatório da Educação (CAPES/INEP). Ele foi elaborado tendo como referência uma versão adaptada¹ do Manual do Entrevistador, desenvolvido pelo *Survey Research Center* do *Institute for Social Research* da Universidade de Michigan, com vistas a padronizar os procedimentos utilizados na condução de *surveys*².

O presente manual apresenta dicas diversas que subsidiam o trabalho de aplicação dos questionários aos alunos diplomados da Rede Federal de Educação Profissional de Minas Gerais. O aplicador é a única pessoa que terá contato direto com os diplomados, sendo a ligação entre estes e a coordenação da pesquisa, pois é quem reporta as informações obtidas, as atitudes do respondente e as circunstâncias da aplicação dos questionários.

O trabalho do aplicador consiste na coleta completa e apurada de dados. Para tanto, deve-se:

- a) Fazer com que o respondente se sinta confortável para responder as questões propostas de forma franca e completa.
- b) Conhecer bem o questionário e as orientações do manual para ser capaz de aplicá-lo adequadamente, coletando e registrando todas as informações necessárias.
- c) Transferir as informações registradas à coordenação da pesquisa de modo que possam ser entendidas e interpretadas corretamente.

Se não houvesse aplicadores, também não haveria *surveys*. O aplicador é um elemento fundamental da pesquisa, pois a qualidade dos dados coletados depende, em grande extensão, de sua habilidade nos procedimentos acima mencionados.

¹ Trata-se de uma versão adaptada pela Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte, que integra o Programa Observatório Internacional Comparado (Social Hubble), desenvolvido pela UFMG juntamente com a Universidade de Michigan.

² *Survey* é um método de pesquisa quantitativo, que visa à obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de um determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população alvo, por meio de um instrumento, normalmente um questionário. Como principais características do método de pesquisa *survey*, pode-se citar: (1) produz descrições quantitativas de uma população; (2) faz uso de um instrumento pré-definido (FREITAS *et al.*, 2000).

2 Questões Éticas

Como aplicador(a), você está submetido(a) a certas obrigações éticas, tais como:

- a) **Confidencialidade** – Você deverá assegurar ao respondente que as respostas são estritamente confidenciais. Se necessário, explique que, na divulgação dos resultados da pesquisa, os dados não serão apresentados de forma individualizada, mas sim, de forma agrupada, isto é, através de percentuais de respostas comuns. Você não poderá partilhar as respostas do respondente com ninguém, exceto com a coordenação da pesquisa.
- b) **Não use a situação de aplicação de questionário para obter ganhos pessoais** – Não use o momento de aplicação para divulgar ou defender suas próprias convicções políticas, sociais ou religiosas.
- c) **Não dê conselhos ao respondente** – Não dê conselhos ou orientações ao respondente sobre quaisquer tipos de problemas por ele mencionados durante a aplicação do questionário.
- d) **Não peça nenhum tipo de ajuda ou favor ao respondente**
- e) **Mantenha a distância profissional entre você e o respondente** – Isto não impede que você aceite um cafezinho durante aplicação do questionário, mas você não poderá iniciar ou aceitar convites para contatos sociais fora da pesquisa.

Tenha sempre presente que você é um representante da UFMG e, como tal, não poderá adotar atitudes que possam comprometer a instituição ou você mesmo, em sua integridade física, moral e emocional.

3 Como Conseguir a Participação de um Respondente

3.1 O Contato Inicial Via Telefone

O contato inicial com o aluno diplomado, que deverá ser via telefone, é de grande importância, tendo em vista que o processo de aplicação do questionário depende em grande parte desse primeiro contato. Nessa ocasião, o aplicador deve se apresentar a ele e informá-lo sobre os objetivos e a importância da pesquisa. Veja sugestão de modelo de apresentação abaixo:

Meu nome é (Nome do Aplicador), sou integrante de uma pesquisa da UFMG, que trata da trajetória escolar e profissional de alunos que concluíram o curso técnico em Instituições Federais de Ensino em Minas Gerais. Gostaria de contar com um pouco de seu tempo e de sua atenção para responder a um questionário sobre esse tema. Para tanto, podemos marcar um encontro em local, data e horário que sejam convenientes para você. Suas respostas a este questionário são muito importantes para o sucesso da pesquisa e certamente contribuirão para a melhoria dos cursos técnicos.

O importante é que você se sinta confortável em sua apresentação. Para tanto, refaça o modelo usando suas próprias palavras e treine com a ajuda de um amigo ou de outro aplicador, lembrando-se sempre de:

❖ **Ressaltar quem você é e para qual instituição trabalha**

Você é um aplicador profissional que trabalha para uma instituição respeitável.

❖ **Apresentar o tema da pesquisa de forma objetiva**

Tenha em mente que as melhores introduções são breves.

❖ **Enfatizar a importância do projeto**

Enfatize a importância do projeto dizendo algo como:

Nosso estudo é importante porque será disponibilizado para a comunidade acadêmica, instituições de educação profissional e para o público em geral, podendo subsidiar a formulação de políticas públicas e a criação de estratégias de melhoria da qualidade do ensino técnico.

❖ **Identificar se a pessoa contatada está dentro dos critérios de conclusão do curso técnico**

No primeiro contato com o aluno egresso, via telefone, você deve confirmar se o mesmo se enquadra no conceito de diplomado considerado pela pesquisa. Deve-se considerar aluno diplomado do curso técnico aquele que concluiu todas as etapas do curso (matérias, estágio, relatório de estágio etc.) e está apto a receber ou já recebeu o diploma. Se você identificar que a pessoa contatada não se adequa a esses critérios, explique que ela não tem o perfil para a pesquisa e agradeça por sua atenção.

❖ Combinar o melhor horário para a aplicação

- a) Deixe acertado o dia, o horário e o local da aplicação. Considere o local de preferência do respondente, que pode ser a instituição de ensino, o local de trabalho, a casa do respondente ou outro local apropriado. Não marque o encontro em horário ou local que possam comprometer a sua segurança. Por exemplo, se o diplomado mora em um bairro perigoso, não marque o encontro na casa dele, mas em um local seguro, como a instituição de ensino. Combine um horário em que, provavelmente, ocorrerá o mínimo de interrupções.
- b) Havendo dificuldades para o respondente, ouça o que ele diz e compartilhe o problema com ele, dizendo:

Eu entendo que você tem estado ocupado, mas nós necessitamos conversar com todas as pessoas, incluindo as muito ocupadas, para que suas opiniões sejam representadas na pesquisa. Nós podemos fazer a aplicação quando for de sua conveniência, e, se necessário, dividi-la em duas partes.

❖ Não se desanimar com a primeira recusa

- a) A maioria das recusas é circunstancial.
- b) As pessoas tendem mais a dizer simplesmente “Não” do que “Agora não”.
- c) Não force: encerre o contato antes de obter uma recusa definitiva, de modo que as portas fiquem abertas para outras tentativas.
- d) Se necessário, peça a ajuda da coordenação da pesquisa.
- e) Nunca demonstre irritação ou descontentamento com uma recusa ou comportamento agressivo do selecionado. Mantenha-se calmo e procure agir com naturalidade. Lembre-se de que, mais tarde, você ou outro aplicador deverá tentar convencê-lo a participar da pesquisa. Para isso, é importante que você registre na **Folha de Controle de Contato**: o dia e o horário do contato; as razões da recusa e a atitude do selecionado ao recusar; o que você fez para tentar convencê-lo; qualquer outro fato ocorrido que possa ser útil para quem for fazer o novo contato.

Se necessário, o aplicador também poderá fornecer os seguintes esclarecimentos adicionais:

❖ Como a pessoa foi selecionada para a pesquisa

Dentre os estudantes egressos diplomados de cursos técnicos das instituições federais de ensino de Minas Gerais, foram selecionadas, através de sorteio (amostra aleatória), diferentes pessoas para responder ao questionário da pesquisa.

❖ **Como as informações serão usadas**

As informações coletadas neste estudo serão usadas por pesquisadores em educação, interessados em conhecer a experiência no curso técnico do respondente, as suas razões para concluir o curso técnico e a sua situação atual de estudo e trabalho.

❖ **Confidencialidade**

As informações coletadas são codificadas em números e lançadas em um programa de computador, para que sejam posteriormente analisadas. Os resultados da pesquisa são divulgados de forma agrupada e não de forma individual. Além disso, a folha com o nome, o endereço e o telefone do respondente fica separada do questionário com as respostas.

❖ **Duração da aplicação**

Informe o tempo médio para a aplicação do questionário apenas se for perguntado. O tempo médio de resposta ao questionário principal é de 30 minutos. Já o questionário complementar (ensino superior), leva cerca de 10 minutos para ser respondido.

3.2 A Preparação Para a Aplicação

- a) Estude o material da pesquisa.
- b) Esclareça suas dúvidas com a equipe de coordenação da pesquisa.
- c) Cumpra rigorosamente os procedimentos de sorteio dos alunos diplomados.
- d) Leve todo o material de que você vai necessitar devidamente organizado, incluindo caneta, crachá, documento de identidade, folheto, carta da coordenação, ficha de observações e Manual de Questão por Questão (MQQ).
- e) Vista-se de forma apropriada.
- f) Confirme a ida antes de sair para o encontro.
- g) Seja otimista!

4 Como Proceder com Relação à Aplicação dos Questionários

4.1 A Apresentação Face a Face

- a) Apresente-se ao respondente.
- b) Entregue a ele a carta de apresentação elaborada pela coordenação da pesquisa.
- c) Se necessário, reforce de forma objetiva algum ou alguns dos esclarecimentos mencionados no item 3.1 deste manual.
- d) Entregue o folheto de apresentação com as informações sobre a pesquisa.
- e) Entregue o **Termo de Consentimento**, que deverá ser lido e assinado por todos que aceitarem responder o questionário. Se o respondente for menor de 18 anos, será necessário o consentimento de um de seus pais ou responsável, que também deverá assinar o Termo.
- f) Pergunte ao diplomado do curso técnico se ele entrou no **curso superior** após concluir o curso técnico. Em caso de resposta afirmativa, informe a ele que será necessário responder ao **questionário complementar** sobre sua trajetória na educação superior. Assim que ele confirmar que entrou no curso superior, entregue o questionário do ensino superior que deve conter o mesmo nº do questionário principal a ser respondido por este respondente.
- g) Explique ao respondente que o questionário é **auto-aplicável**, ou seja, deve ser lido e preenchido pelo próprio respondente e que, em caso de dúvida, ele deve perguntar ao aplicador. Este deve dar explicações objetivas, tomando cuidado para não influenciar o respondente na escolha da resposta. Não o ajude a responder nenhuma questão; a resposta deverá ser apenas dele.
- h) Leia para o respondente as seguintes instruções contidas na primeira página do questionário: (1) leia atentamente as questões; (2) marque apenas uma resposta por questão, a não ser que no título da questão seja orientado a marcar mais de uma resposta; (3) preencha o questionário à caneta e não deixe nenhuma questão sem resposta; (4) caso tenha alguma dúvida ou necessite de informações, comunique-se com o aplicador; (5) neste questionário, considera-se aluno que concluiu o curso técnico aquele que cumpriu todas as etapas obrigatórias do curso (matérias, estágio, relatório de estágio etc.) e está apto a receber ou já recebeu o diploma; (6) caso tenha entrado em algum curso de Nível Superior após ter concluído o curso técnico, solicita-se que responda a um questionário complementar.
- i) Informe ao respondente que algumas opções de resposta contém a instrução **“ir para a questão x”**. Sempre que ele assinalar uma opção com essa instrução, ele deverá ir direto para a questão contida na instrução, pulando algumas questões que não são pertinentes a sua experiência ou situação. Por exemplo, se o respondente responder que não está trabalhando atualmente, ele deverá pular as questões seguintes que tratam do trabalho atual.
- j) Esclareça ao respondente que em algumas questões do questionário principal e complementar haverá a opção de resposta **“Não se Aplica”**, que deverá ser assinalada quando a questão apresentada não

tiver relação com a situação ou contexto vivenciado pelo respondente na época do curso técnico. Dê a ele alguns exemplos. Exemplo 1: em uma questão sobre gravidez, o respondente (homem) e a respondente que não engravidou no período do curso técnico deverão marcar a opção “não se aplica”. Exemplo 2: em uma questão sobre serviço militar, a respondente (mulher) e o respondente que não prestou serviço militar na época do curso técnico deverão marcar a opção “não se aplica”.

- k) Pergunte ao respondente se ele concluiu mais de um curso técnico em uma Instituição Federal de Ensino. Em caso de resposta afirmativa, oriente-o a considerar nas suas respostas o último curso concluído.
- l) Para aquele que irá responder o questionário complementar, pergunte se ele realizou ou realiza mais de um curso superior após o curso técnico. Em caso de resposta afirmativa, leia para ele a seguinte instrução do questionário complementar: considere para as suas respostas o primeiro curso superior realizado após a conclusão do curso técnico. Por exemplo, se você começou o curso de Engenharia Elétrica, mas mudou para o curso de Direito, considere o primeiro curso (Engenharia Elétrica). Se você fez ou faz dois cursos superiores ao mesmo tempo, considere para suas respostas aquele que é o mais importante para você.

4.2 Técnicas Gerais de Aplicação dos Questionários

- a) **Seja cortês** – Proceda de forma amistosa, demonstrando interesse e respeito pelo respondente.
- b) **Permaneça neutro** – Não deixe o respondente perceber o que você sente/pensa acerca de nenhuma das opiniões/comentários feitos por ele. Isto pode afetar seriamente a confiabilidade da resposta, pois ele poderá alterá-la com o objetivo de responder aquilo que ele acredita que você gostaria que ele respondesse.
- c) **Não debata o tema do questionário com o respondente ou outra pessoa presente** – Não demonstre suas opiniões e sentimentos em relação às respostas. Mantenha a objetividade.
- d) **Remarcando a aplicação** – O respondente pode se ver obrigado a interromper o preenchimento do questionário devido a um compromisso anterior ou pela chegada de uma visita inesperada. Procure deixar bem acertado um novo horário para terminar de responder o questionário. Isto será mais fácil se você tiver conseguido uma boa relação com o respondente.
- e) **Não se envolva em discussões** – Você poderá aplicar o questionário a pessoas em situações desagradáveis ou que respondam de forma grosseira. Tente ser simpático e sensível e procure não se envolver, tendo sempre em mente o objetivo da aplicação.
- f) **Situações emocionais** – Você poderá aplicar questionários a pessoas em situações tristes ou difíceis, que podem se sentir perturbadas com as questões/respostas. Seja sensível e demonstre empatia, mas evite muito envolvimento. Se necessário, sugira um pequeno intervalo para a pessoa tomar água ou um cafezinho para se recompor emocionalmente. Em situações mais difíceis, pergunte ao respondente se gostaria de continuar o questionário em outra hora ou dia.

4.3 Finalizando a Aplicação dos Questionários

A primeira coisa que você deve fazer depois do término da aplicação é conferir todo o questionário para ter certeza de que todas as questões estão preenchidas e que as respostas estão legíveis, completas e em condições de serem entendidas. Lembre-se de que outras pessoas terão de ler os questionários. Caso o respondente cometa algum erro/engano ao marcar uma opção de resposta, solicite que **circule** a alternativa correta. Se você perceber que alguma questão não foi respondida, pergunte ao respondente se ele se esqueceu de respondê-la. Em caso de resposta afirmativa, peça a ele que a responda. Se ele disser que não quis respondê-la, respeite seu direito de não responder. Isto não significa que você deverá incentivar o respondente a não responder qualquer questão do questionário.

Se o respondente respondeu o questionário complementar, verifique se este contém o mesmo nº do questionário principal. Antes de conferir o questionário, é importante o aplicador informar ao respondente que ele irá apenas folhear o questionário (e não lê-lo) para verificar se o mesmo foi preenchido corretamente, evitando que o respondente se sinta constrangido por achar que suas respostas estão sendo lidas/analizadas pelo aplicador.

Agradeça ao final da aplicação. Você poderá permanecer alguns minutos conversando com o respondente sobre o questionário, já que algumas pessoas poderão fazer perguntas e comentários acerca do questionário respondido.

Informe o respondente que um supervisor da pesquisa poderá contatá-lo para confirmar ou completar alguns dados e verificar se o trabalho foi feito corretamente.

4.4 Após a Aplicação dos Questionários

- a) Logo após a aplicação de cada questionário, preencha a ficha de observações do aplicador. Não faça isso na presença do respondente.
- b) Na medida em que os dados dos questionários forem coletados, favor lançá-los no sistema (questionário eletrônico), conforme instruções contidas no vídeo disponibilizado. **Todas** as respostas contidas nos questionários deverão ser lançadas no sistema, inclusive os dados pessoais do respondente. Preste atenção ao prazo estipulado pela coordenação para o lançamento dos dados.
- c) Os questionários aplicados deverão ser entregues em mãos ou via correio para a coordenação da pesquisa, conforme prazo estabelecido para a entrega dos questionários físicos (em papel).

5 O Formato dos Questionários

No questionário há dois tipos básicos de questões: a) Questões Abertas; b) Questões Fechadas.

a) As Questões Abertas

As questões abertas são utilizadas quando se deseja que o respondente expresse opiniões mais completas. *Surveys* frequentemente utilizam perguntas abertas para dar ao respondente a oportunidade de pensar sobre os tópicos e expressar seus sentimentos e opiniões sobre o assunto tratado. Veja a seguir um exemplo de questão aberta subsequente a uma questão fechada:

EXEMPLO 1: Você considera importante ter realizado o curso técnico?

1 () Sim 2 () Não

Justifique sua resposta: _____

b) As Questões Fechadas

Nas questões fechadas, as categorias de respostas são parte da questão e o respondente destaca e seleciona as categorias. De acordo com Selltiz *et al.* (1971), uma questão fechada é aquela em que as respostas estão limitadas às alternativas apresentadas. Estas podem ser apenas “Sim” ou “Não”, mas também podem permitir a indicação de vários graus de influência ou concordância, ou podem consistir em uma série de respostas, dentre as quais a pessoa escolhe uma, como a mais próxima de sua posição. As questões a seguir são exemplos de questões fechadas, contidas nos questionários principal e complementar:

EXEMPLO 2: ATUALMENTE, você está:

- 1 () Apenas trabalhando
- 2 () Trabalhando e estudando
- 3 () Apenas estudando (IR PARA A QUESTÃO 37)
- 4 () Nem trabalhando, nem estudando (IR PARA A QUESTÃO 37)

EXEMPLO 3: Como você pagava ou paga seu curso superior? Se necessário, marque mais de uma opção.

- 1 () O curso era ou é gratuito
- 2 () Recursos próprios
- 3 () Recursos familiares
- 4 () FIES: Fundo de Financiamento do Ensino Superior
- 5 () Outro tipo de financiamento estudantil
- 6 () Bolsa do PROUNI - Programa Universidade para Todos
- 7 () Outra opção. Qual? _____

EXEMPLO 4: Dentre os fatores que levaram você a concluir o curso técnico, indique com um X o quanto cada um influenciou sua escolha. Se o fator não fizer parte de sua trajetória, marque a opção não se aplica.

| Fatores Individuais e Familiares | | Grau de influência sobre minha decisão de concluir o curso técnico | | | | | |
|----------------------------------|---|--|------------------------|--------------------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------|
| | | 0 Não influenciou | 1 Influenciou pouco | 2 Influenciou razoavelmente | 3 Influenciou muito | 4 Influenciou totalmente | 77 Não se aplica |
| 26.1 | Realização pessoal | | | | | | |
| 26.2 | Condição financeira para fazer o curso (transporte, alimentação, material etc.) | | | | | | |
| 26.3 | Minha família me incentivava a estudar | | | | | | |
| 26.4 | Minha família me obrigava a estudar | | | | | | |
| 26.5 | Outro. Qual? | | | | | | |

As questões exemplificadas representam os principais tipos de questões contempladas nos questionários da pesquisa. Vale destacar os seguintes formatos: questão fechada e aberta, na qual a questão inicialmente fechada é completada com uma questão aberta (exemplo 1); questão fechada, na qual o respondente pode marcar apenas uma opção de resposta (exemplo 2); questão fechada, na qual o respondente pode marcar uma ou mais opções de resposta (exemplo 3); questão fechada no formato de quadro, na qual o respondente deve marcar apenas uma opção de resposta para cada linha do quadro (exemplo 4). Para mais detalhes de como cada questão deve ser respondida, consulte o Manual de Questão por Questão.

6 Esclarecendo Perguntas e Respostas

Sendo uma técnica bem estruturada, o *survey* utiliza procedimentos padronizados para garantir o compartilhamento de significados entre pesquisador e respondente e, assim, assegurar a comparabilidade das respostas dadas pelos diferentes aplicadores, diante de questionamentos dos respondentes.

Algumas vezes, o respondente poderá pedir informações adicionais para responder alguma questão, como definições do significado do enunciado ou definição do significado das opções de resposta. Nesses casos, refira-se ao MQQ, onde você encontrará os esclarecimentos que podem ser dados ao respondente. Quando o respondente solicitar alguma definição de conceito que não apareça no MQQ, usar a expressão “Qualquer que seja o significado que isto tenha para você”. Em seguida, pergunte: “O que isso (conceito) significa para você?”. Anote a resposta na ficha de observações do aplicador.

Para evitar interrupções e perda do ritmo, estude com muita atenção o MQQ antes de iniciar a aplicação dos questionários.

7 Referências

AGUIAR, Neuma; SIMÕES, Solange (coord.). **Manual do entrevistador**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

FREITAS, Henrique *et al.* O método de pesquisa survey. **Revista de Administração da USP**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 105-112, jul./set. 2000.

SELLTIZ, C. *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1971.

APÊNDICE F - Ficha de observações do pesquisador

Pesquisa: Educação Técnica de Nível Médio da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de MG

**FICHA DE OBSERVAÇÕES DO APLICADOR REFERENTES AO QUESTIONÁRIO PRINCIPAL (ENSINO REGULAR) E
QUESTIONÁRIO COMPLEMENTAR (ENSINO SUPERIOR)**

Questionário nº: _____

Nome do aplicador e de sua respectiva instituição: _____

1. O respondente solicitou alguma definição de conceito que consta no MQQ?

1 () Sim. Qual/Quais? _____

2 () Não

2. O respondente solicitou alguma definição de conceito que **não** consta no MQQ?

1 () Sim. Qual/Quais? _____

2 () Não

3. Caso o respondente tenha solicitado alguma definição de conceito que não consta no MQQ, anote aqui a resposta à pergunta: "O que isso (conceito) significa para você?"

4. O respondente se recusou a responder alguma(s) das questões do questionário?

1 () Sim. Qual/Quais? _____

2 () Não

5. Caso tenha alguma observação sobre a aplicação, registre-a abaixo. As observações podem ser sobre: 1) a atitude do respondente e de sua família em relação a você e à pesquisa; 2) circunstâncias especiais e ocorrências da aplicação, tais como interrupções, dificuldades em relação à linguagem utilizada etc.; 3) coisas que você sentiu ou percebeu; 4) qualquer outro fato ocorrido durante a aplicação do questionário e que tenha alguma relação com os objetivos da pesquisa.

Prezado(a) aplicador(a), agradecemos imensamente por sua colaboração, fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

APÊNDICE G - Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado participante,

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa sobre o ensino técnico em Minas Gerais, realizada pela Faculdade de Educação da UFMG. Queremos conhecer os motivos que levam o estudante a ingressar no ensino superior após o curso técnico. Sua participação é muito importante para o sucesso da pesquisa e certamente contribuirá para a melhoria dos cursos técnicos.

Desde já, agradecemos a sua valiosa colaboração e enfatizamos que a sua identidade e as informações obtidas por meio desta entrevista são sigilosas, ou seja, o seu nome não será divulgado. Durante a entrevista, por qualquer razão, você terá garantido o direito de desistir de sua participação. A coordenadora da pesquisa, professora Rosemary Dore, se coloca à disposição para esclarecer qualquer dúvida através do telefone (31)3409-6173 ou do e-mail educacaoprofissionalfae@gmail.com. Ademais, o Comitê de Ética da UFMG também poderá esclarecer dúvidas e receber reclamações através do telefone e endereço seguintes: (31) 3409-4592 / Av. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II - 2º andar, Sala 2005, Campus Pampulha, Belo Horizonte - MG.

Caso concorde em participar da pesquisa, por favor, assine a declaração de consentimento que segue abaixo.

Declaração de Consentimento

Li as informações contidas neste documento antes de assiná-lo. Declaro que fui informado(a) sobre os procedimentos da pesquisa e que recebi todos os esclarecimentos necessários para entender as informações acima. Dou meu consentimento, de livre e espontânea vontade, para participar deste estudo.

Local e Data:

Nome do participante:

Assinatura do participante:

RG do participante:

APÊNDICE H - Roteiro semiestruturado dos grupos focais

Introdução

Bom dia/Boa tarde! Meu nome é Paula Sales. Primeiramente, gostaria de agradecer a todos vocês por terem vindo participar desse debate. O nosso objetivo aqui é ouvir a opinião de vocês sobre suas experiências no curso técnico e sobre o ingresso no ensino superior. A participação de vocês é muito importante para o sucesso da pesquisa.

Para que essa discussão seja proveitosa temos algumas recomendações e esclarecimentos. Em primeiro lugar, sintam-se à vontade para participar e expressar suas ideias. Pedimos, para tanto, que fale uma pessoa de cada vez. Em segundo lugar, sabemos que cada um aqui tem experiências diferentes que gostaríamos de conhecer. Portanto, deixem de lado a timidez e contem-nos o que realmente pensam. Finalmente, sintam-se à vontade para discordar e oferecer o seu próprio ponto de vista, mas respeitando as opiniões dos outros participantes. Para nós não existem respostas certas ou erradas. O que queremos conhecer é a sua vivência sobre o que for perguntado.

Temos ainda uma última observação: essa discussão será gravada e alguns observadores estarão presentes aqui na sala fazendo anotações, pois queremos acumular o máximo de informações dos seus depoimentos. Mas vocês podem ficar tranquilos com relação ao sigilo de todas estas informações gravadas, transcritas e anotadas. Em outras palavras, vocês não serão identificados de qualquer forma no relatório da pesquisa. Antes de iniciarmos, gostaríamos de saber se vocês têm alguma pergunta.

Apresentação

Para começar, gostaríamos de pedir que cada um de vocês se apresentasse, dizendo seu nome, curso técnico frequentado e nome da escola que vocês estudaram no ensino fundamental e médio.

Probes a serem utilizados se necessário:

- Sua escola era pública ou particular?
- Sua escola era municipal, estadual ou federal?

Roteiro para a Discussão

1) Gostaríamos que cada um dissesse por que decidiu fazer o curso técnico.

2) Qual experiência no curso técnico foi mais importante para vocês?

- O que você mais gostou?
- O que foi mais útil?
- Por quê?
- Você poderia dar um exemplo?

3) Por que vocês optaram por não concluir o curso técnico?

- Quais experiências no curso técnico levaram você a não concluí-lo?
- Por quê?
- Você poderia dar um exemplo?

4) Gostaríamos que cada um dissesse o nome do seu curso superior e por que escolheu fazer esse curso.

- Esse curso tem alguma coisa a ver com o que você aprendeu no curso técnico?
- Por quê?
- Você poderia dar um exemplo?

5) Quando vocês decidiram entrar no curso superior, quais eram suas expectativas?

- O que você esperava que o curso superior trouxesse para você?
- Que resultado você esperava do curso superior?
- Por quê?
- Você poderia dar um exemplo?

6) Qual experiência no curso superior foi mais importante para vocês?

- O que você mais gostou?
- O que foi mais útil?
- Por quê?
- Você poderia dar um exemplo?

7) Para que possamos encerrar nossa discussão, alguém tem algo mais a nos dizer a respeito dos temas abordados?

Probes gerais a serem utilizados se necessário:

- O que mais você poderia acrescentar?
- Você poderia me falar um pouco mais sobre isto?
- O que você quer dizer com isso?
- Você poderia dar um exemplo?
- Você não tem comentado muito, o que você acha sobre X?

Conclusão

Muito obrigado a todos pela disponibilidade e cooperação neste debate. Todas as opiniões e discussões foram muito informativas e serão de grande utilidade para a nossa pesquisa. Estamos à disposição para esclarecer possíveis dúvidas ou quaisquer questões que queiram falar conosco.

APÊNDICE I - Frequências dos cursos técnicos

Tabela 27 - Cursos técnicos da amostra

| Curso Técnico | Nº | % |
|-------------------------|-----------|----------|
| Informática | 278 | 17,7 |
| Agropecuária | 146 | 9,3 |
| Mecânica | 106 | 6,8 |
| Meio Ambiente | 98 | 6,2 |
| Edificações | 83 | 5,3 |
| Enfermagem | 79 | 5,0 |
| Eletrônica | 73 | 4,6 |
| Mineração | 64 | 4,1 |
| Eletromecânica | 57 | 3,6 |
| Eletrotécnica | 51 | 3,2 |
| Comércio | 48 | 3,1 |
| Metalurgia | 38 | 2,4 |
| Guia de Turismo | 33 | 2,1 |
| Gerência em Saúde | 31 | 2,0 |
| Química | 31 | 2,0 |
| Zootecnia | 31 | 2,0 |
| Segurança do Trabalho | 30 | 1,9 |
| Agricultura | 29 | 1,8 |
| Agroindústria | 27 | 1,7 |
| Alimentos | 27 | 1,7 |
| Nutrição e Dietética | 22 | 1,4 |
| Administração | 20 | 1,3 |
| Análises Clínicas | 18 | 1,1 |
| Estradas | 18 | 1,1 |
| Vestuário | 16 | 1,0 |
| Trânsito | 14 | 0,9 |
| Secretariado | 13 | 0,8 |
| Hospedagem | 11 | 0,7 |
| Automação Industrial | 10 | 0,6 |
| Eventos | 8 | 0,5 |
| Manutenção Automotiva | 7 | 0,4 |
| Radiologia | 6 | 0,4 |
| Agroecologia | 5 | 0,3 |
| Equipamentos Biomédicos | 5 | 0,3 |
| Farmácia | 5 | 0,3 |
| Saúde Bucal | 4 | 0,3 |
| Açúcar e Álcool | 3 | 0,2 |
| Agronegócio | 3 | 0,2 |
| Eletroeletrônica | 3 | 0,2 |
| Mecatrônica | 3 | 0,2 |
| Vendas | 3 | 0,2 |
| Contabilidade | 2 | 0,1 |
| Prótese Dentária | 2 | 0,1 |

| Curso Técnico | Nº | % |
|-----------------------|-----------|----------|
| Transporte Rodoviário | 2 | 0,1 |
| Agrimensura | 1 | 0,1 |
| Lazer | 1 | 0,1 |
| Total | 1.565 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa

APÊNDICE J - Frequências dos cursos superiores

Tabela 28 - Cursos superiores da amostra

| Curso Superior | Nº | % |
|------------------------------------|-----------|----------|
| Administração | 95 | 9,8 |
| Computação | 90 | 9,3 |
| Direito | 47 | 4,9 |
| Engenharia Civil | 44 | 4,6 |
| Ciências Biológicas | 40 | 4,1 |
| Engenharia de Produção | 40 | 4,1 |
| Engenharia Mecânica | 35 | 3,6 |
| Engenharia Elétrica | 34 | 3,5 |
| Matemática | 31 | 3,2 |
| Engenharia de Automação Industrial | 26 | 2,7 |
| Agronomia | 25 | 2,6 |
| Enfermagem | 24 | 2,5 |
| Engenharia Ambiental | 23 | 2,4 |
| Física | 23 | 2,4 |
| Química | 21 | 2,2 |
| Geografia | 20 | 2,1 |
| Ciências Contábeis | 18 | 1,9 |
| Letras | 18 | 1,9 |
| Pedagogia | 17 | 1,8 |
| Farmácia | 14 | 1,5 |
| Arquitetura e Urbanismo | 13 | 1,3 |
| Educação Física | 12 | 1,2 |
| Engenharia Agrônômica | 11 | 1,1 |
| Engenharia de Minas | 10 | 1,0 |
| Engenharia Mecatrônica | 10 | 1,0 |
| Engenharia de Computação | 9 | 0,9 |
| Engenharia Florestal | 9 | 0,9 |
| Medicina | 9 | 0,9 |
| Medicina Veterinária | 9 | 0,9 |
| Processos Gerenciais | 9 | 0,9 |
| Engenharia Eletrônica | 8 | 0,8 |
| Gestão Ambiental | 8 | 0,8 |
| Nutrição | 8 | 0,8 |
| Psicologia | 8 | 0,8 |
| Ciências Econômicas | 7 | 0,7 |
| Serviço Social | 7 | 0,7 |
| Gestão da Qualidade | 6 | 0,6 |
| História | 6 | 0,6 |
| Logística | 6 | 0,6 |
| Turismo | 6 | 0,6 |
| Alimentos | 5 | 0,5 |
| Engenharia de Telecomunicações | 5 | 0,5 |
| Fisioterapia | 5 | 0,5 |
| Zootecnia | 5 | 0,5 |

| Curso Superior | Nº | % |
|-------------------------------------|------------|--------------|
| Agroecologia | 4 | 0,4 |
| Biomedicina | 4 | 0,4 |
| Engenharia de Alimentos | 4 | 0,4 |
| Engenharia Química | 4 | 0,4 |
| Filosofia | 4 | 0,4 |
| Gestão Comercial | 4 | 0,4 |
| Odontologia | 4 | 0,4 |
| Agronegócios | 3 | 0,3 |
| Ciências Sociais | 3 | 0,3 |
| Conservação e Restauro | 3 | 0,3 |
| Design | 3 | 0,3 |
| Engenharia Geológica | 3 | 0,3 |
| Engenharia Metalúrgica | 3 | 0,3 |
| Marketing | 3 | 0,3 |
| Recursos Humanos | 3 | 0,3 |
| Secretariado Executivo | 3 | 0,3 |
| Silvicultura | 3 | 0,3 |
| Bioquímica | 2 | 0,2 |
| Ciências Atuariais | 2 | 0,2 |
| Comunicação Social | 2 | 0,2 |
| Engenharia de Agrimensura | 2 | 0,2 |
| Engenharia de Materiais | 2 | 0,2 |
| Engenharia de Sistemas | 2 | 0,2 |
| Gestão Financeira | 2 | 0,2 |
| Irrigação e Drenagem | 2 | 0,2 |
| Laticínios | 2 | 0,2 |
| Produção de Cachaça | 2 | 0,2 |
| Biblioteconomia | 1 | 0,1 |
| Construção de Edifícios | 1 | 0,1 |
| Desenvolvimento Social | 1 | 0,1 |
| Engenharia de Segurança do Trabalho | 1 | 0,1 |
| Estética | 1 | 0,1 |
| Fonoaudiologia | 1 | 0,1 |
| Gastronomia | 1 | 0,1 |
| Geologia | 1 | 0,1 |
| Gestão Cultural | 1 | 0,1 |
| Museologia | 1 | 0,1 |
| Serviços Públicos | 1 | 0,1 |
| Total | 965 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa